



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS

**UMA VISÃO EUCLIDIANA DA AMAZÔNIA: À MARGEM
DA HISTÓRIA**

**JOÃO PESSOA
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS

**UMA VISÃO EUCLIDIANA DA AMAZÔNIA: À MARGEM
DA HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração Literatura e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Zélia Monteiro Bora

**JOÃO PESSOA
2015**

V331u Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.
Uma visão euclidiana da Amazônia: à margem da história /
Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos.- João Pessoa, 2015.
130f.
Orientadora: Zélia Monteiro Bora
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA
1. Cunha, Euclides, 1866-1909 - crítica e interpretação.
2. Literatura e cultura. 3. Pensamento euclidiano. 4. Natureza.
5. Amazônia.

UFPB/BC

CDU: 82(043)

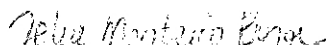
ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS

**UMA VISÃO EUCLIDIANA DA AMAZÔNIA: À MARGEM
DA HISTÓRIA**

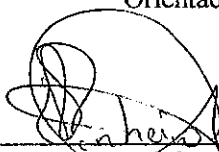
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração Literatura e Cultura.

Data da aprovação: 27 de fevereiro de 2015.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Zélia Monteiro Bora, PPGL, DLCV, UFPB
Orientadora



Profa. Dra. Vanessa Neves Riambau Pinheiro, DLCV, UFPB
Examinadora



Profa. Dra. Márcia Amélia de Oliveira Bicalho, UNJPÊ
Examinadora

**JOÃO PESSOA
2015**

Ao meu avô, José Alípio de Souza (*in memória*), modelo de homem, de pai, de cidadão, que perante as dificuldades da vida soube fazer a diferença perante os seus.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, o que seria de mim sem a fé que nele tenho.

Aos meus Santos de devoção, **Santo Antônio de Pádua, São Bento, Nossa Senhora de Guadalupe**, ao **Sagrado Coração de Jesus** que tanto atenderam minhas preces quanto rogadas.

Aos meus pais, **Adaylson de Vasconcelos Costa e Itamiran Maria Sousa de Vasconcelos**, que me concederam o privilégio de estar, no dia de hoje, concluindo mais uma etapa acadêmica. Sem a participação deles, o apoio, o amor, o incentivo, nada disso seria possível.

A minha irmã, **Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos**, que mesmo de modo indireto contribuiu na minha jornada acadêmica.

Aos meus avós, **José Alípio de Souza** (*in memoriam*) e **Lindaure Siqueira Souza**, modelos de vida, que nas suas limitações auxiliaram na construção do meu ser, da minha educação, tendo parcelas de contribuições no que sou hoje.

A todos os meus professores do Curso de Graduação em Letras da UFPB e do Curso do Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB.

A Regina Celi Mendes Pereira da Silva, a Maria Bernadete Nóbrega, a Maria das Graças Carvalho Ribeiro que marcaram a minha vida acadêmica na UFPB.

Ao meu colega de graduação, **Lucas Colaço Catão** pelas conversas e pela amizade.

A **Vanessa Neves Rimbau Pinheiro**, excelente profissional, que tive a oportunidade de conhecer no fim do curso de graduação em Letras e que logo tornou-se uma grande amiga. Pela sua presteza, pelos diálogos trocados, pelas informações compartilhadas e pelo aceitar integrar a presente banca, expresso o meu muito obrigado!

A **Márcia Amélia de Oliveira Bicalho**, minha amiga, orientadora no curso de Direito e hoje examinadora do presente trabalho. Obrigado, Márcia, pelas conversas letradas de corredores e de sala de aula, lá no UNJPÊ. Sem dúvidas você colaborou bastante para a minha nova visão acerca do Curso de Letras. Agradeço também por ter aceitado o convite de participar da minha banca. Muito obrigado, Márcia!

A minha orientadora, **Zélia Monteiro Bora** que me acompanha desde os anos de 2010, quando cursei com ela a disciplina de Literatura Brasileira I. Zélia, muito obrigado por tudo, por ter sido a minha orientadora no TCC da graduação e por estar como orientadora do presente trabalho. A aproximação que tive contigo só fez crescer a admiração e o respeito que tenho por você como pessoa, militante de ideais, profissional e pesquisadora. Uma etapa se finaliza, mas a certeza do companheirismo e da afinidade permanecerá. Que Deus sempre te abençoe em todas as tuas lutas. Muito obrigado mesmo!

A CAPES, que cedeu bolsa de estudos, dando a mim a possibilidade de dedicação integral a presente dissertação.

A Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, na pessoa da coordenadora, Profa. Dra. Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, do vice-coordenador, Prof. Dr. Expedito Ferraz Júnior, e da secretária, Rosilene Marafon.

Por fim, aos demais amigos e colegas e professores, aos que acreditaram e aos que não acreditaram em mim, de um jeito ou de outro foram importantes na construção de minha estrada.

“Euclides da Cunha avança sobre o seu ideário positivista. Ele nos surpreende e mostra a sua genialidade ante o seu tempo histórico.”

ANTÔNIO FILHO, Fadel David

“Nossas pistas, aqui, remeterão, para textos afora Os Sertões, anteriores e posteriores à obra-prima euclidiana, em função de terem sido, até hoje, um tanto ofuscados pelo livro-emblema de 1902 e, relativamente à trajetória de sua enorme fortuna crítica, algo menosprezados.”

HARDMAN, Francisco Foot

“Aproximar-se da obra de Euclides da Cunha é um problema muito sério. Ele desafia o leitor, provocando-o; exerce sobre ele a sua implacável sedução que termina por escraviza-lo e ainda o subjuga sob os caprichos das idéias do autor, que nem sempre coincidem com as do leitor. Ler Euclides não é somente ler um autor ‘difícil’, classificação que tem marcado toda a sua grande obra, quase sem exceção; é sobretudo um exercício de convívio com idéias instigantes e muitas vezes polêmicas e o habituar-se a um estilo de escritura que mareia os sentidos, mas que fissa a atenção.”

BERNUCCI, Leopoldo M.

RESUMO

O escopo da presente dissertação é discutir como Euclides da Cunha apresenta a Amazônia a partir da natureza, do homem e de suas interações n' *À Margem da História* (1909), para tanto adotamos inicialmente um estudo que contemplou a representação da natureza nos estilos de época que marcaram a história de nossa literatura brasileira. Após esse levantamento, que teve a intenção de discutir o modo pelo qual a natureza restava traduzida nos textos literários, partimos para contemplar o pensamento euclidiano a partir de três perspectivas: a sua temporalidade como pensador que interagiu com as propostas filosóficas de seu tempo; a sua visão de futuro, por meio do exercício da engenharia, como fonte de custeio para a efetivação de um país moderno, associada a sua compreensão de República; e o estabelecimento de um elo entre o autor e a questão ambiental dialogada pelas bases ecocríticas, pois, por meio dos ecos presentes n' *À Margem da História* (1909) que fomentam a necessidade de amparo social e estatal para a Amazônia e seu sistema natural, podemos destacar Euclides da Cunha como um intelectual que discute os problemas na natureza. Posteriormente, alcançando o momento analítico, introduzimos uma discussão sobre o olhar de Euclides da Cunha para a relação entre homem e natureza n' *Os Sertões* (1902), questões também presentes n' *À Margem da História* (1909). As crônicas da natureza, associadas aos contextos históricos da região explicitam mais esses elementos iniciados em sua obra-prima. Assim, *Uma Visão Euclidiana da Amazônia: À Margem da História* discute a ambivalência do pensamento euclidiano frente a realidade do norte do país, um pensamento que vai se construindo ao longo da estadia do autor na Amazônia e que devido a isso é dual, a frente de sua época e protetivo.

Palavras-chave: Pensamento Euclidiano, Natureza, Amazônia.

ABSTRACT

The scope of this dissertation is to discuss how Euclides da Cunha presents the Amazon from the nature of man and his interactions in *À Margem da História* (1909), for both initially adopted a study that included the representation of nature in style time that marked the history of our Brazilian literature. Following this survey, which was intended to discuss the way in which nature left in translated literary texts, we start to contemplate the Euclidean thought from three perspectives: its temporality as thinker who interacted with the philosophical proposals of his time; their vision of the future, through engineering exercise as a source of funding for the realization of a modern country, coupled with his understanding of the Republic; and the establishment of a link between the author and the environmental issue through dialogue by ecocríticas bases, therefore, through the present echoes in *À Margem da História* (1909) that promote the need for social protection and state to Amazon and its natural system we can highlight Euclides da Cunha as an intellectual who discusses the problems in nature. Later, reaching the analytical time, introduced a discussion on the Euclides da Cunha to look at the relationship between man and nature in *Os Sertões* (1902), also present issues in *À Margem da História* (1909). The chronic nature, associated with the historical contexts of the region more explicit these elements started on your masterpiece. Thus, *Uma Visão Euclidiana da Amazônia: À Margem da História* discusses the ambivalence of the Euclidean thought against northern reality of the country, a thought that is being built along the stay of the author in the Amazon and that because of this is dual, forward of his time and protective.

Keywords: Euclidean thinking, Nature, Amazon.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	A NATUREZA E A LITERATURA BRASILEIRA	19
2.1	LITERATURA E NATUREZA NOS DIVERSOS ESTILOS DE ÉPOCA .	19
3	O PENSAMENTO EUCLIDIANO: UMA REVISÃO CRÍTICA.....	35
4	A ESCRITA DA NATUREZA N' <i>À MARGEM DA HISTÓRIA</i> (1909)	68
4.1	<i>À MARGEM DA HISTÓRIA</i> (1909): da realidade amazônica às crônicas da natureza	79
4.1.1	A realidade amazônica: o povoamento do norte do Brasil e o ciclo da borracha.....	79
4.1.2	As crônicas da natureza amazônica	83
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS.....	118

1 INTRODUÇÃO

Desde o sucesso editorial e crítico d’*Os Sertões* (1902), Euclides da Cunha tornou-se um intelectual conhecido e respeitado pela crítica nacional. Como jornalista, correspondente do então Jornal *O Estado de São Paulo*, teve a oportunidade de registrar momentos de grande valia para a história da República do Brasil. E foi por meio d’*Os Sertões* (1902) que eternizou as derrotas e vitória do exército brasileiro perante a Guerra de Canudos (1897). Com um tom bastante áspero, Euclides da Cunha critica a postura da elite na condução das questões políticas que levaram a tragédia de Canudos. Desde a escrita d’*Os Sertões* (1902), Euclides da Cunha, apesar da tensão existente entre o discurso republicano e a realidade contraditória sobre os inassimiláveis do espaço nacional, passou a expressar uma nova preocupação relacionada ao aproveitamento dos recursos naturais e a sua relação com o desenvolvimento do Brasil, além de como o Estado Nacional se apresentava nessas questões. De certa forma, temas como os elencados em *Os Sertões* (1902), através dos capítulos A terra, O homem e A luta, estão ainda muito presentes em *À Margem da História* (1909). Ao contrário d’*Os Sertões* (1902), que deu a Euclides da Cunha um reconhecimento nacional conferido por sua aceitação na Academia Brasileira de Letras (ABL) e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a obra proposta para este estudo – *À Margem da História* (1909) – configura-se como um relato inconcluso.

No que se refere à temática da natureza, todo esse zelo pelo “natural” pode ser compreendido a partir de uma análise acerca da formação multidisciplinar de Euclides da

Cunha – como botânico, engenheiro, romancista, jornalista, historiador e sociólogo –, tão comum aos intelectuais do século XIX. Essa condição permitiu ao estudioso propor reflexões complexas sobre uma melhor forma de pensar o Brasil, sempre em prol de uma unidade, de um projeto de nação inclusivo, perspectiva a frente de seu tempo.

Assim sendo, após a sua experiência em Canudos (1897), Euclides da Cunha recebeu, em 1904, um convite do Barão do Rio Branco para chefiar e relatar a expedição brasileira que estava a ser iniciada no norte do país, precisamente no Alto Purus. A proposta ora feita pelo agente do governo federal consistia na tarefa de cooperar para a demarcação das fronteiras entre o Brasil e o Peru. Aceitando a missão, dirigiu-se, juntamente com o resto do grupo organizado, para a Amazônia. Desde então, passou a registrar tudo o que via, em forma de relatório a ser entregue ao próprio Barão do Rio Branco, idealizador da expedição, após a finalização da mesma, em 1906¹. As suas impressões acerca do lugar inóspito encontrado são bastante detalhadas. Devido a precisão na descrição feita, posteriormente, tais relatos, surgiram como base de sustentação para a composição da obra intitulada *Paraíso Perdido*. Todavia, o referido projeto foi interrompido, visto que Euclides da Cunha veio a falecer em 1909, sem editar a mesma. Após a sua morte prematura, os manuscritos foram recolhidos e publicados, dando origem a obra póstuma *À Margem da História* (1909) que congrega várias narrativas euclidianas. Os relatos acerca da Amazônia encontram-se na primeira parte da obra e totalizam sete crônicas que tratam de inúmeras temáticas relacionadas ao meio ambiente amazônico e ao homem amazônico.

Por causa do teor multidisciplinar da obra euclidiana, muitas são as perspectivas analíticas que podem levar a obra a diferentes estudos. Em nosso caso específico, daremos prioridade a uma abordagem que estabeleça a relação entre a crônica e a discussão sobre o meio ambiente presente no relato euclidiano. Devido a sua tendência jornalístico-literária, os seus escritos são considerados narrativas que expressam uma linguagem bastante apurada e distinta, como uma representação próprios de sua época, claramente influenciada pelo positivismo científico, evolucionismo e teorias deterministas sobre raça

¹ PONTES, Kassius Diniz da Silva. **Euclides da Cunha, o Itamaraty e a Amazônia**. Brasília: Fundag, 2005.

e clima. Por meio desses relatos, destacamos a presença de um narrador múltiplo² presente em todas as crônicas trazidas, bem como um olhar bastante crítico sobre a construção de uma nação a partir de uma observância do natural, precisamente da Amazônia³, através de uma complexa relação entre ideia de progresso, ancorada na presença da ordem estatal, e aproveitamento sustentável do ecossistema amazônico.

Euclides da Cunha também discorre de forma detalhada sobre os inúmeros sujeitos que compõem a sociedade local, bem como as suas relações com o clima, suas crenças populares e a natureza. Desse modo, o presente estudo tem por objetivo discutir como se dá a construção do pensamento euclidiano para com a Amazônia, como é materializado ideologicamente esse caminho que vai desde a repulsa pelo ambiente recém-encontrado pelo escritor, até a transmutação de concepção e adesão de uma perspectiva protetiva e moderna em relação a natureza local, que a inclui nas discussões sobre o espaço nacional e a construção da nação.

O estilo euclidiano impresso n' *Os Sertões* (1902), visto a sua preocupação e discussão a respeito de elementos ligados a natureza regional e ao homem local, é extremamente compatível com o presente n' *À Margem da História* (1909). Desse modo, podemos listar alguns estudos clássicos que discutem o estilo euclidiano – Berthold

² Adotamos essa terminologia para o escritor euclidiano, pois o mesmo apresenta-se de várias maneiras perante o leitor. Ora eivado da técnica botânica, ora da historiografia e história, ora da geografia, dentre outras tantas ciências do saber. O narrador de Euclides da Cunha não corresponde a um ser estático, mas sim dinâmico. Fato este que agrega ainda mais significação aos seus relatos.

³ Se essa solidariedade sul-americana é um belíssimo ideal absolutamente irrealizável, com o efeito único de nos prender às desordens tradicionais de dois ou três povos irremediavelmente perdidos, pelo se incompatibilizarem às exigências severas do verdadeiro progresso - deixemo-la. Sigamos - no nosso antigo e esplêndido isolamento - para o futuro; e, conscientes da nossa robustez, para a desafronta e para a defesa da Amazônia, onde a visão profética de Humboldt nos revelou o mais amplo cenário de toda a civilização da terra. (CUNHA, Euclides. **Contrastes e Confrontos**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 74)

Zilly⁴, José Carlos B. de Santana⁵, Luiz Costa Lima⁶, Regina Abreu^{7 e 8}, Roberto Ventura^{9 e 10} –, inicialmente associados a *Os Sertões* (1902) e que servirão de ponto de partida para o estudo sobre o pensamento de nação marcado em *À Margem da História* (1909).

No que tange a estrutura organizacional do nosso trabalho, o mesmo encontra-se configurado em três capítulos, ressalvada a introdução e as considerações finais. Como meio de melhor alinhar o nosso raciocínio a respeito da temática proposta, trazemos os seguintes capítulos: *A Natureza e a Literatura Brasileira / O Pensamento Euclidiano: uma revisão crítica / A Escrita da Natureza n' À Margem da História* (1909).

No primeiro capítulo, trazemos o seguinte título *A Natureza e a Literatura Brasileira*. No referido, contemplaremos a literatura nos seus mais vastos estilos de época, e assim, apresentaremos os mesmos a partir de como a natureza se faz representada, pois, como veremos, a aludida questão faz parte da composição da literatura, principalmente a brasileira, como conteúdo temático frequentemente referenciado e trabalhado por prosadores e poetas. Devido o nosso objeto indireto, o pensador Euclides da Cunha, estar marcado, no plano temporal, junto ao Pré-Modernismo, mencionaremos até a respectiva tendência literária. Para a composição do mesmo capítulo, utilizamos, de modo mais exaustivo, os postulados desenvolvidos por,

⁴ ZILLY, Berthold. **Uma construção simbólica da nacionalidade num mundo transnacional: Os Sertões** de Euclides da Cunha, cem anos depois. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. LXX-XC.

⁵ SANTANA, José Carlos Barreto de. **Ciência e arte: aspectos da construção do discurso científico em Os Sertões**. In: BERNUCCI, Leopoldo M. *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

⁶ LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota: a construção de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

⁷ ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998.

⁸ ABREU, Regina. **Natureza, cultura, sertões: o encontro de Euclides da Cunha e Araripe Júnior**. In XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu (MG). 1998.

⁹ VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

¹⁰ VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha e a República**. Estudos Avançados. São Paulo, v. 10, n. 26, 1996.

Bosi¹¹, Cândido¹² e Carvalho¹³, entretanto não desprezamos outros estudos que se demonstraram plenamente pertinentes.

No segundo capítulo, *O Pensamento Euclidiano: uma revisão crítica*, realizaremos um recorte possível acerca do pensamento de Euclides da Cunha a partir de três momentos. O primeiro deles centrará na discussão sobre *Euclides da Cunha: um homem de seu tempo*, onde destacaremos as influências que encontram-se presentes no modo euclidiano de percepção do mundo. O positivismo, de Comte, o evolucionismo, de Spencer, o transcendentalismo, de Kant, e o nacionalismo, de Gumplowicz, dentre outros que sinalizaremos correspondem aos eixos basilares que deram sustentáculo para um pensamento euclidiano que relia tais compreensões e as imprimia a nossa realidade nacional, após reflexões e enquadramentos possíveis.

Avançando, chegaremos em *Euclides da Cunha: um visionário*, momento que contempla um tema caro na vida de Euclides da Cunha, a engenharia. Apesar de suas dificuldades ideológicas para com o ofício que elegera na vida, Euclides da Cunha via na engenharia o modo pelo qual o país ia adentrar ao mundo do desenvolvimento. Entretanto, criticava a subserviência exaustiva que a engenharia prestava ao poder estatal, certo que motivada pelo fato de ser o referente ente o sujeito que mais estimulava a função do engenheiro, pois era o Estado o real detentor de recursos financeiros para efetivação de grandes obras. A compreensão de República que Euclides da Cunha fomentava era por meio da efetivação do progresso em todo o cenário nacional. Ao perceber que a nova estrutura do poder que se iniciava já tomava suas formas de modo viciado, Euclides da Cunha passou a criticá-la, mas sempre cobrando a necessidade de integração de todo o espaço nacional, bem como dos sujeitos a eles pertencentes.

Euclides da Cunha: o primeiro brasileiro ecocrítico?, corresponderá a seção que apresentaremos os conceitos elementares acerca da Ecocrítica, pois a partir dos mesmos começaremos a problematizar como Euclides da Cunha analisava a natureza. Para a elucidação da questão proposta, basearemos discussão no texto crítico formalizado por

¹¹ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

¹² CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010a.

¹³ CARVALHO, Flávia Paula. **A Natureza na Literatura Brasileira: regionalismo pré-modernista**. São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005.

Aarti Smith Madan¹⁴. É nele que encontraremos uma adequação que pode direcionar em Euclides da Cunha uma antecipação das problemáticas discutidas pela perspectiva ecocrítica, quando lança o seu olhar para a natureza amazônica. Para a composição do presente capítulo, além do texto anunciado de Aarti S. Madan, utilizaremos apontamentos destacados por Isabel Maria F. Alves¹⁵, Lawrence Buell¹⁶, João Marcelo Ehlert Maia¹⁷, Ricardo Luiz de Souza¹⁸, além de outros. Acrescida a todo o material crítico coletado, as próprias cartas euclidianas serão de fundamental importância para a nossa compreensão final referente ao pensamento de Euclides da Cunha.

Assim, a partir de explicitar o pensamento euclidiano, mediante parcela de sua fortuna crítica, buscaremos galgar meios de discutir como o aludido pensador constrói a sua Amazônia, isso tudo por meio de seu relato de crônica. Destarte, o apontamento aqui suscitado corresponde a parcela do desenvolvimento do capítulo posterior. De início, observamos um Euclides da Cunha dual em relação ao meio amazônico, pois no começar das narrativas amazônicas imprime no seu texto uma concepção ambígua quando expõe a diferença entre a Amazônia idealizada e a Amazônia real, todavia, com o passar das exposições, visualizamos um redirecionar da expectativa euclidiana.

No terceiro capítulo, denominado *A Escrita da Natureza n' À Margem da História* (1909), adentraremos nos escritos euclidianos. Inicialmente apresentaremos como o binômio homem e natureza resta registrada na obra-prima de Euclides da Cunha, *Os Sertões* (1902). Após esse instante, alcançaremos um segundo momento, *À Margem da História* (1909): *da realidade amazônica às crônicas da natureza*. Como termos acessórios para o nosso estudo, vimos a necessidade de explorar o contexto histórico que

¹⁴ MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's *The Amazon Land Without History*. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 161-177.

¹⁵ ALVES, Isabel Maria Fernandes. **Gardens in the Dunes**: Indigenismo, natureza e poder em perspectiva ecocrítica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 100, 2013.

¹⁶ BUELL, Lawrence. **The Future of Environmental Criticism. Environmental Crisis and Literary Imagination**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

¹⁷ MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção**: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

¹⁸ SOUZA, Ricardo Luiz de. **Identidade Nacional e Modernidade Brasileira**: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

envolve a mencionada escrita euclidiana. O primeiro evento histórico discutido corresponde ao *Povoamento do Norte do Brasil*.

Não há como falar de Amazônia sem mencionar o seu processo tardio de povoamento e da presença (ausência) do Estado, como ente promovedor de desenvolvimento e de garantias sociais ao povo lá existente. Destacamos que esses dois pontos por nós suscitados: desenvolvimento e garantias sociais, são bastante discutidos por Euclides da Cunha ao longo de suas crônicas presentes n' *À Margem da História* (1909). O segundo evento histórico diz respeito ao *Ciclo da Borracha*, um dos momentos áureos da história do comércio internacional brasileiro e outro ponto central dos escritos euclidianos, que mostra a realidade do seringueiro e do caucheiro, personagens que utilizam a natureza para manterem o seu sustento e da sua família e que apresentam perspectivas bastante distintas a respeito do trato para com o natural.

Contemplados os momentos históricos que encontram vozes no texto euclidiano a respeito da Amazônia, partimos para as considerações com a seção *As Crônicas da Natureza*. Nesse momento de nossas discussões estarão presentes apontamentos que explicitarão a dualidade euclidiana em relação a natureza e a sua compreensão a respeito do homem amazônico.

2 A NATUREZA E A LITERATURA BRASILEIRA

O presente capítulo apresenta a construção de observações e colocações que tratem a respeito de como a natureza é representada na literatura, principalmente a de origem brasileira, a partir da observância das propostas das escolas artístico-literárias que desenvolveram-se no país. Desse modo, apresentaremos os mais variados estilos de época, desde o **Quinhentismo** (século XVI) até o **Pré-Modernismo** (século XX) e como a natureza é concebida e trabalhada ao longo das distintas tendências que surgiram ao longo da historiografia literária.

Assim, n' *A Natureza e a Literatura Brasileira* não nos deteremos a divagar de forma extensiva acerca dos fatos e situações aqui tratadas. O presente capítulo tem como função primeira apresentar fatos que são de importância relevante para o desenrolar do enredo impresso por Euclides da Cunha em *À Margem da História* (1909), no caso, como a natureza vem sendo concebida pelos nacionais ao longo dos séculos.

2.1 LITERATURA E NATUREZA NOS DIVERSOS ESTILOS DE ÉPOCA

A natureza, na literatura, sempre teve lugar cativo dentre os temas mais envoltos na narrativa, na poesia e na tradição oral. Desde a Antiguidade, perpassando pela Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea, todavia, muitas também foram as perspectivas de representações da natureza inseridas nas várias concepções artístico-literárias. Devido a elevada presença do tema da natureza na literatura de um modo geral, necessitamos de um recorte histórico para assim, de modo mais eficiente e centrado, tecer as nossas considerações. Para tanto, destacamos a presença da natureza como temática nas obras literárias produzidas no Brasil, a partir de um levantamento geral de como o referido eixo temático foi desenvolvido com o surgir dos chamados “estilos de época”. Assim, na literatura brasileira, a referida temática se faz presente desde as primeiras cartas produzidas pelos oficiais portugueses para descrição da nova porção de terra encontrada, a *Terra Brasilis*. Destarte, podemos desde já inferir que a natureza, na literatura brasileira, se faz primeiramente presente como enfoque de discussões que versam a respeito do primeiro contato do povo colonizador com a terra que viria a ser fruto / objeto de colonização. Ressaltamos que esse olhar, *a priori*, não teve qualquer intuito estético por parte do colonizador; o mesmo queria apenas valorar a qualidade utilitária da natureza e das terras que estavam sendo encontradas, já que a mesma era uma natureza exótica e distinta da conhecida no continente europeu. Dessa feita, desde os primeiros movimentos e estilísticas literárias o canto a natureza é ecoado, certo que das mais distintas formas.

Iniciando, pois, a observância da natureza através dos estilos de época surgidos no Brasil, o **Quinhentismo** constitui-se a rigor como a primeira marca literária aqui presente, bem como a primeira a inserir a natureza como parte de sua temática principal. Ao comentar sobre o Quinhentismo, Carvalho inicia suas reflexões acerca do período, destacando que “a exuberante natureza brasileira (...) encarregar-se-ia de oferecer os motivos poéticos que viriam a compor uma literatura autêntica”¹⁹. Aqui visualizamos o destaque feito por Carvalho sobre a utilização da natureza como temática essencial à elaboração literatura nacional, iniciando o seu processo de ruptura com a literatura do colonizador, a partir da busca pela autenticidade. Desse modo, observa-se no mesmo estilo de época um ato de contínuo descrever das terras brasileiras; nesse período temos

¹⁹ CARVALHO, Flávia Paula. **A Natureza na Literatura Brasileira: regionalismo pré-modernista**. São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005, p. 23.

bastantes produções literárias elaboradas pelos sacerdotes católicos que para cá vieram com o intuito de promoção da catequização dos povos indígenas locais.

Temos como principais produções literárias os textos de informação, ora confeccionados pelos próprios navegadores e ora pelos religiosos que para cá também se deslocaram. Como exemplo dessa literatura, temos a Carta de Pero Vaz de Caminha que concentra a maior parte das informações dirigidas ao reinado português. Nela estão contidas as primeiras notícias e descrições do descobrimento brasileiro, além das impressões iniciais acerca do povo que aqui habitavam e da natureza encontrada. Todas essas informações tinham o intuito de facilitar a colonização das terras, da natureza americana. Todavia, vale destacar que Caminha não foi o único a produzir tais relatos, outros escritores seiscentistas portugueses destacaram-se com semelhantes relatos de iguais relevâncias, como são os casos de Pero Lopes e Sousa, Pero Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Sousa e Ambrósio Fernandes Brandão²⁰.

Dentre os religiosos de destaque nesse momento de expansão marítima portuguesa está, segundo a ótica de Bosi, o Pe. José de Anchieta, com relevantes informações e serviços prestados à Igreja Católica e à Coroa Portuguesa, a partir dos seus estudos sobre os habitantes da terra, suas culturas. Posteriormente o mesmo religioso, produziu relatos e registros linguísticos, objetivando o domínio da língua do outro, para assim facilitar a difusão da fé católica, bem como a dominação dos povos indígenas pelo colonizador português – já que, por parte dos Estados Modernos que se erguiam existia a necessidade de expansão territorial para a obtenção de colônias e matérias-primas e para a Igreja Católica as novas conquistas de países católicos indicavam a chance de maior difusão da fé, principalmente no pós-Reforma Protestante. O Pe. Fernão Cardim, o Pe. Manuel da Nóbrega e o Fr. Vicente do Salvador também são exemplos de religiosos que tiveram participação fundamental nos relatos de catequese produzidos no meio jesuíta entre os dois primeiros séculos da colonização brasileira.

Assim, a natureza e o homem americano – o índio –, foram inspirações (ou objetos) de vários, para não dizer de todos, os relatos produzidos no transcorrer do século XVI, pois ao dominar um, o outro também estaria preso a mesma dominação. Bora ainda

²⁰ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

destaca nesses religiosos, a exemplo de Pe. José de Anchieta, o espírito aventureiro e cedente de reconhecimentos heróicos nas colônias, proveniente das interações geradas com o Outro, o índio americano²¹.

Destarte, os relatos tinham por intuito apenas descrever a realidade das terras que recentemente foram descobertas e do povo que nela vivia, devido a necessidade de promover a descrição especificada das novas terras encontradas. Em virtude dessa função anunciativa, a literatura desse período fica também conhecida como relatos de viagem. A respeito dessa modalidade, Cândido expressa que:

Durante cerca de um século depois da atividade poética de Anchieta, quase não houve no Brasil a produção de escritos onde predominasse a imaginação poética ou ficcional, exceptuando-se coisas tão insignificantes quanto o primeiro poema épico escrito aqui em português, a Prosopopéia (1601), de Bento Teixeira (155?-1600), que só tem o mérito da precedência. O que houve foi uma produção de crônicas e relatos no sentido já exposto, segundo quatro grandes linhas: informação sobre a natureza e os índios; narrativa dos acontecimentos; edificação religiosa e catequese; defesa da Colônia contra invasores estrangeiros, sobretudo franceses e holandeses. As quatro podem misturar-se na mesma obra, é claro, mas sempre há alguma predominância.²²

Como pode-se observar, através do fragmento acima destacado, e incorporando-o para o nosso estudo que trata da ótica da escrita euclidiana, podemos aferir que a crônica, deriva-se inicialmente do projeto proposto pelo Quinhentismo, da utilização da

²¹ “A América não era as Índias e a sua civilização não se popularizaria com a mesma rapidez daquela. Aqui, a imagem do paraíso e do mágico ensaio em textos como: *The Vision of Tungdal*, *Navigation of Sait Brendan*, *Purgatory of St. Patrick* e *Le Livre d’Alexandre*, disseminados no Império Ibérico, não encontrava imaginário semelhante. Aonde chegaram exilados de um voluntariado indulgente? Quem era o Outro? Por que a missão salvacionista europeia encontrou campo vasto e apropriado ao seu desenvolvimento?

A maioria dos navegadores era jovem e carente de heroísmo em terras estranhas. Era um desses jovens, o noviço José de Anchieta, de apenas vinte anos mal vividos imerso nas convicções de seu tempo especialmente por considerar céu e inferno como realidades empíricas na América”.
BORA, Zélia Monteiro (Org.). **Viajantes, naufragos, piratas, exilados e escravos**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2012, p. 98.

²² CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010a, p. 22.

modalidade de narrativa em questão para os relatos, bem como para explicitar a temática entre homem e natureza. Assim, Euclides da Cunha retoma pelo menos um dos três temas presentes na tendência denominada por Quinhentismo, qual seja a referente a produção de crônicas, visto que a escrita do referido pensador é embasada, de forma significativa, na produção de crônicas, estas sendo predominantemente de cunho jornalístico.

O estilo de época seguinte foi nomeado como **Barroco** (século XVII). Eivado de concepções oriundas do Renascimento, o mencionado estilo agrega também bastante ênfase sobre o ‘homem religioso’, principalmente devido às rupturas do Cristianismo que se deram no referido momento histórico, inerente a divisão figurada com os adventos da Reforma Protestante e da Contra Reforma. Assim, o Barroco se constitui a partir da interação entre o teocentrismo firmado e defendido na Idade Média pela Igreja Católica e o antropocentrismo proposto pelo Renascimento. A ambivalência entre Deus e o Diabo foi bastante ressaltada. Podemos dar destaque a vários literatos como Padre Antônio Vieira, Botelho Vieira e Bento Teixeira; mas, sem dúvidas, o que mais se sobressai é Gregório de Matos Guerra e sua crítica ante a sociedade baiana da época e aos feitos da Igreja Católica.

No que tange o trato para com a natureza nesse período, Bosi destaca que foi “Suposto no artista barroco um distanciamento da práxis (e do saber positivo), entende-se que a natureza e o homem se constelassem na sua fantasia como quadros fenomênicos instáveis”²³. Dessa feita, podemos visualizar que a natureza amplamente discutida no período versava a respeito da natureza humana, enquanto que a natureza orgânica passa a ser um elemento predominantemente figurativo. Nesse período a natureza também fora concebida como instrumento gerador de nacionalismo. Tratando especificamente Barroco, Cândido destaca a visão da natureza a partir da obra *História da América portuguesa* (1730), de Sebastião da Rocha Pita, nos seguintes termos:

Este livro é marcado pelo ânimo hiperbólico e transfigurador com que a natureza e os fatos eram vistos, num exemplo eloquente da função que o Barroco exerceu como apoio para a ideologia do nativismo, isto é, a

²³ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 30.

formação do sentimento de apreço pelo país e a tendência para compensar as suas lacunas por meio da deformação redentora.²⁴

A partir da citação ilustrada acima depreende-se que a tendência literária denominada Barroco trouxe consigo elementos ligados ao meio natural, principalmente no que tange a temáticas que interrelacionam a natureza com a proposta de nacionalismo brasileiro que iniciava efervescência à época. Em contraponto as visões aqui apresentadas acerca do Barroco, é importante expressar a contribuição e os postulados desenvolvidos por Carvalho no que tange a temática. Para a referida estudiosa, os escritos e a filosofia para a tendência pode ser compreendida a partir das seguintes considerações:

Podemos mesmo dizer que, tanto nos escritos dos cronistas do século XVI e XVII quanto nos poetas, aparece não uma paisagem, mas um rol de produtos para consumo ou para exploração. O poeta, como o cronista, não se lembra da referência à beleza de tal árvore ou de tal fruto, mas da quantidade da produção e da sua qualidade como mercadoria. Nesses aspectos está o motivo de comparação da colônia com o mundo da metrópole.²⁵

Quanto ao posicionamento de Carvalho, temos que ressaltar o ponto de vista do homem e da política da época. O mundo encontrava-se perante às Grandes Navegações e os Estados Modernos que se erguiam e tinham o objetivo de expandir os seus territórios, mas não expandir por expandir, necessitavam expandir com qualidade. Lutavam por espaços físicos que agregassem a sua realidade, e esse agregar também pairava às questões naturais, pois necessitavam de matérias-primas e de bens que não detinham na metrópole. Destarte, a natureza é vista a partir da coisificação, do que pode oferecer ao colonizador. Entretanto, essa ideia também se faz importante, pois, como vemos em Pero

²⁴ CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010a, p. 30.

²⁵ CARVALHO, Flávia Paula. **A Natureza na Literatura Brasileira: regionalismo pré-modernista**. São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005.

Vaz de Caminha, a descrição do local encontrado transmite ao seu superior (e hoje, a nós leitores e estudiosos da história nacional) os aspectos primeiros da realidade do Brasil.

O **Arcadismo** (século XVIII) surge como oposição ao estilo anterior, ao exagero praticado, e assim busca regressar junto ao estilo clássico de outrora. Devido a essa fuga do rebuscamento e preferência pelo clássico, também é conhecido como Neoclassicismo. As influências formadoras do movimento advêm das perspectivas iluministas. A natureza é concebida com grande destaque nas composições literárias, pois a vida bucólica do campo é exaltada. Nesse ponto, destaca Carvalho que “nos poetas árcades, já se notam as comparações ou aproximações de fenômenos da natureza aos estados da alma ou a problemas da condição humana”²⁶. Esse registro anunciado por Carvalho ressalta o posicionamento contrário do Arcadismo em face do Barroco, bem como o espaço e a compreensão acerca da natureza que passa a ganhar maiores dimensões e projeções, sendo novamente interpretada como um fenômeno estético.

Como literatos da época, podemos mencionar Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama, Santa Rita Durão e Tomaz Antônio Gonzaga. A crítica presente na literatura árcade recai para as questões ligadas aos grandes centros urbanos, além dessa questão, as problemáticas levantadas emergem traços de uma discussão referente a identidade nacional, através de um mito de brasilidade que une índio e natureza. Os poemas épicos *Uraguai* (1769), de Basílio da Gama, e *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão, correspondem a textos essenciais para o estudo do Arcadismo Brasileiro. O primeiro destaca uma relação de conquista que envolveu os seguintes sujeitos: os europeus e os índios, mas sempre com a presença marcante dos jesuítas; o enredo anuncia uma querela entre os europeus e os jesuítas na região do sul do Brasil. O segundo tem por enredo a vida de Diogo Álvares Correia que, por um naufrágio alcança as terras baianas, torna-se o líder da tribo Tupinambá, passa a ser conhecido como Caramuru e tem um romance com Catarina Paraguaçu. Entretanto, apesar do enredo riquíssimo e bastante informativo acerca do Brasil do século XVIII, o que nos levou a destaca-los foi o olhar para a natureza destacado no suceder dos versos.

²⁶ CARVALHO, Flávia Paula. **A Natureza na Literatura Brasileira: regionalismo pré-modernista**. São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005, p. 43.

Ao tratar de *Uruguai* (1769) e o seu aspecto natural, Ferreira traz as seguintes considerações:

No que diz respeito às referências de *O Uruguai* à natureza americana, podemos dizer que existem inovações na maneira como Basílio da Gama as faz. Em seu poema, diferentemente do que ocorre na grande maioria de publicações contemporâneas a ele, o ambiente tropical de certo alarga o papel de mero cenário, para incorporar funções definitivas no desenrolar da história, como mostra a passagem em que o personagem Cacambo é carregado pelo rio até a borda oposta, na qual se encontravam acampados os portugueses, seus inimigos de batalha. A descrição da natureza em *O Uruguai* também não mais se restringe a simples traços objetivos, mas ganha densidade e encanto, o que indica aproximação com o estilo literário que predominará no século XIX, o Romantismo. Além do mais, é importante ressaltar o fato de que Basílio da Gama já não mais explora o tema da natureza intocada, mas, de maneira distinta, em vários momentos apresenta espaços em que construções realizadas pelo homem e por Deus se misturam, interagem, complementam.²⁷

A reflexão trazida por Ferreira agrega maior contribuição a toda perspectiva aqui já destacada por Carvalho acerca do Arcadismo no que se refere a natureza como temática do estilo de época. A natureza não é mais cenário, como outrora, é vista como espaço de interação entre os sujeitos sociais, bem como entre os sujeitos sociais e a própria natureza.

Tecendo análise acerca *Caramuru* (1781) e ao tratar da natureza na obra, Gama menciona as imediatas linhas:

Na poética da imitação da natureza pressupõe o deleite, artifício que lhe é inerente. Ou seja, o deleite da imitação consiste na própria imitação, na técnica de representação, na causa e no efeito do verossímil. Nesse sentido, (...) a descrição, quanto mais viva, mais perto do original, mais

²⁷ FERREIRA, Ana Luiza de Oliveira Duarte. **Ibéricos, nativos e o tropical em *O Uruguai***: literatura arcádica e identidade na América de colonização ibérica. In: Anais do XXIII Simpósio Nacional de História, ANPUH – História: Guerra e Paz. Londrina, 2005, p. 638.

deleita, se o original não se encontrar diverso do retrato. Para isso, contribuem os ornatos que compõem uma descrição.²⁸

Os apontamentos realizados por Gama divergem de forma concreta da análise apresentada por Ferreira no que tange a temática da natureza no espaço árcade, já que a primeira concebe como sendo unicamente uma descrição do real. Para complementar os citados panoramas analíticos, voltemos para a concepção árcade defendida por Cândido e Bosi. Cândido destaca que a referida tendência mantinha “esboços particularistas que vinham do passado local, dando importância relevante tanto ao índio e ao contacto de culturas, quanto à descrição da natureza, mesmo que fosse em termos clássicos, como o recurso à metamorfose e às referências pastorais”²⁹. Bosi, acerca das concepções do movimento, reflete que o:

Denominador comum das tendências arcádicas é a procura do *verossímil*. O conceito, herdado da poética renascentista, tem por fundamentos a noção de arte como cópia da natureza e a ideia de que tal mimese se pode fazer por lismo puro.³⁰

A partir da leitura de Bosi, podemos verificar que o mesmo dá ênfase a influência renascentista para a tendência árcade, bem como a ideia de natureza apenas como reprodução daquilo que é visível, posição esta similar a difundida por Gama e diversa daquela anunciada outrora por Carvalho e por Ferreira. A natureza aqui, para o aludido estudioso, no caso Bosi, em nada é posta como espaço de alteridade, mas apenas como espaço-cenário, como pretexto.

Atingindo o século XIX, temos **Romantismo** a continuidade de temáticas que relacionam natureza e nacionalismo. Permeado de influências derivadas de fatos ocorridos na Europa, como Revolução Industrial e Revolução Francesa, tal tendência

²⁸ GAMA, Luciana. **A retórica do sublime no Caramuru**: Poema Épico do Descobrimento da Bahia. Revista USP, n. 57, 2003, p. 134.

²⁹ CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010a, p. 44.

³⁰ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 56.

agrega vários sustentáculos filosóficos e políticos dos movimentos. O Iluminismo, e seus ideais, constitui-se como influências primeiras. Temáticas religiosas e amorosas são frequentes. Partindo para o Romantismo Brasileiro, vemos o mesmo dividido em três momentos: Nacionalista / Indianista, Mal do Século e Geração Condoreira. Como destaques de cada momento, temos: José de Alencar, Casimiro de Abreu e Castro Alves, respectivamente.

Nesse momento, a natureza também é detentora de destaque, diferentemente como era concebida no Arcadismo, pois agora é atribuída a ela qualidades. E, concebendo essa diferenciação, Bosi aduz que “A natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade decorativa. Ela *significa e revela*”³¹. Para ratificar a observação de Bosi, basta analisarmos, a título de exemplificação, a produção de José de Alencar; e como o mesmo trata a descrição do meio natural. Nesse significar e revelar, Carvalho aduz que “A natureza, assim, não será apenas a causa da beleza e da grandeza nacional; é preciso mostrá-la também como o que caracteriza o país, o que lhe dá fisionomia própria”³². Desse modo vemos a natureza como parte fundamental para fomentar e dar seguimento ao debate romântico sobre a identidade nacional brasileira que passou a ganhar proporções bem maiores do que nas tendências anteriores, pois:

O que há de novo a partir do romantismo é o desaparecimento do espírito prático à descrição. A natureza passa a ser a paisagem, digna de ser admirada, e a função de quem a descreve é procurar transmitir aos outros sua admiração ou até mesmo o seu êxtase.

Quer dizer, a natureza torna-se agora o motivo exclusivamente poético, ainda que vincula à exaltação nacionalista, pois é a ela que a pátria e seus habitantes deve a beleza de que se veem rodeados. O cantor da natureza não precisa mais nomear todos os produtos dela, como fazia o *inventariador* dos séculos anteriores, pois o amor à pátria é expresso agora por meio da adjetivação que reflete a atitude de admiração ou êxtase acima referida.³³

³¹ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 93.

³² CARVALHO, Flávia Paula. **A Natureza na Literatura Brasileira: regionalismo pré-modernista**. São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005, p. 51.

³³ CARVALHO, Flávia Paula. **A Natureza na Literatura Brasileira: regionalismo pré-modernista**. São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005, p. 51.

Outro ponto aqui destacado diz respeito ao caráter meramente descritivo, amplamente praticado no estilo de época anterior. A necessidade de descrição da terra ao colonizador, agora não é mais necessário, tampouco interessante. O que passa a mover a realidade brasileira é a construção de uma identidade nacional. Essa construção nacional, atinge também a literatura e assim, constitui-se temática importante para esta tendência: a natureza como componente para a construção da pátria brasileira. Resgatando, José de Alencar, e fazendo o diálogo da obra do mesmo e a atenção ao natural, ao meio e aos animais, Carvalho expõe que:

José de Alencar é um dos primeiros a tratar a natureza como objeto exclusivo de contemplação e de testemunho de identidade, ora com o sentimento patriótico, ora com o sentimento religioso. Nos seus romances as páginas poéticas de descrição ou de exaltação são tão numerosas, que se tornam até ociosa a exemplificação. Por isso ocupamo-nos antes de outro aspecto desse culto à natureza em sua obra: a humanização do animal, selvagem ou não, e a comunicação com o animal como elemento principal da valorização intelectual e moral do homem.³⁴

Vemos assim que José Alencar pode ser concebido como o primeiro grande ícone da literatura nacional que passa a conceber, verdadeiramente, um destaque a natureza e aos seus elementos constitutivos; traçando diálogos e colocações que não os tratam apenas como figurativos ou cenários, mas como construções que influenciam no ser dos indivíduos que encontram-se presentes naquele meio natural.

Também no século XIX, eclode o **Realismo**. Aqui aparecem os primeiros questionamentos entre setores da sociedade, bem como a luta pela redução das desigualdades entre classes sociais. Opõe-se a idealização romântica, a mulher passa a ser analisada a partir da ótica do prazer. Marcas de determinismo e o rebelar junto às injustiças sociais, constituem-se como características da tendência. Machado de Assis é

³⁴ CARVALHO, Flávia Paula. **A Natureza na Literatura Brasileira**: regionalismo pré-modernista. São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005, p. 54.

o grande nome desse momento, mas destaques também são dados a Clóvis Bevilacqua, Graça Aranha e Joaquim Nabuco. A natureza é retratada a partir dos ambientes sociais, e não como expressão de sentimentos.

No Brasil, a natureza humana e não humana situam-se ambas em um deplorável estado. Homem e natureza são sistematicamente explorados. A escravidão brasileira, nesse caso é a mais concreta representação desse emblema social. A exploração do negro e a diáspora africana no Brasil são duas evidências maiores da degradação. Os ciclos da cana-de-açúcar, dos metais preciosos e do café evidenciam a tragédia no meio ambiente brasileiro. A natureza selvagem será substituída por monoculturas que tanto arruinarão o solo quanto o *modus vivendi* das comunidades nativas. Solos empobrecidos, rios contaminados para extração de metais preciosos demarca esse estado de descaso. Como um dos maiores críticos da sociedade brasileira, Machado de Assis é sensível a esse desenrolar de dramas do cotidiano dessa sociedade profundamente hierarquizada e desigual.

A radicalização do movimento é entendida com o **Naturalismo**, que tem em Aluísio de Azevedo o seu maior expoente. Nesse momento, a arte encontra-se unida à ciência. A questão determinista, biológica e patológica é ressaltada ainda mais que no Realismo. E, acompanhando esse raciocínio, Carvalho afirma que no Naturalismo a natureza era compreendida como sendo “apenas o ambiente no qual agiam determinadas criaturas cujo comportamento estava relacionado a ela [natureza] ou era por ela [natureza] determinado”³⁵. Assim, o Naturalismo apresenta um homem como sendo produto do seu meio, tratando-o a partir do animalesco³⁶. O **Parnasianismo** surge também nesse mesmo momento do Realismo e do Naturalismo. O objetivo principal é a oposição à poesia romântica, resgatando o fazer poético tradicional. Assim, o culto da forma regressou. As temáticas principais versavam sobre o erótico e a figura da mulher.

³⁵ CARVALHO, Flávia Paula. **A Natureza na Literatura Brasileira**: regionalismo pré-modernista. São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005, p. 79.

³⁶ PÁDUA, Elizabeth Pericin Faleiro de; FLECK, Gilmei Francisco. **A exclusão da voz feminina e a reclusão da mulher ao espaço doméstico evidenciadas na obra naturalista En la sangre (1887), de Eugenio Cambaceres**. VI Seminário Nacional de Literatura, História e Memória: narrativas da memória – o discurso feminino. Toledo/PR: Unioeste, 2006.

O século XIX corresponde a um momento plural e bastante rico para a sociedade, pois nesse curto lapso temporal estão presentes quatro estilos de época: o Romantismo, o Realismo (e o seu radical Naturalismo), o Parnasianismo e o **Simbolismo**. Este último surge durante mudanças sociais. O capitalismo não se mantinha uniforme em todas as nações e assim crises surgiam. O homem encontrava-se insatisfeito frente as constantes desigualdades. As lutas estavam mais frequentes do que durante o advento do Realismo. Como nomes de destaque do movimento, temos: Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. O subjetivismo pulsava na composição artística como busca pelo regresso do Romantismo, os sentimentos retomavam o seu destaque anterior e o cientificismo perdia espaço. A musicalidade, o descomprometimento para com a forma, a dualidade entre religião e razão constituíam-se como eixos centrais do Simbolismo. Destarte, a natureza, como espaço físico, é resgatada e torna-se temática frequente nas composições da época, assim como o ufanismo – ambas as temáticas são resgatadas do Romantismo.

Próximo estilo de época corresponde ao **Pré-Modernismo** (século XX). Tendência que, segundo Bosi, correspondeu a “tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social”³⁷. O cientificismo retoma o espaço que perderá durante a tendência de época anterior. Assim, juntamente com o positivismo e o determinismo, forma a tríade que corresponde a base filosófica preponderante na tendência. Dentre os nomes de maiores relevâncias, e que congregam essa união de concepções filosóficas, destaquemos Euclides da Cunha, nosso objeto indireto de estudo. Iniciando suas considerações a respeito do mencionado autor, Carvalho define a realização poética do mesmo como sendo “a fusão da perspectiva do meio ambiente do naturalismo e do tratamento romântico da natureza, uma vez que ele não procede como o naturalista que separa o homem e o ambiente e, depois da descrição pormenorizada do segundo, passa a mostrar a sua influência no comportamento do outro”³⁸.

Várias são as análises proferidas por Bosi e que merecem destaque, pois nos apresentam o fazer euclidiano. Quando retrata considerações acerca d’*Os Sertões* (1902), Bosi destaca que “Os Sertões são obra de um escritor comprometido com a natureza, com

³⁷ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 306.

³⁸ CARVALHO, Flávia Paula. **A Natureza na Literatura Brasileira: regionalismo pré-modernista**. São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005, p. 113.

o homem e com a sociedade”³⁹. Mais a frente, Bosi comenta um pouco sobre o pensamento euclidiano, vejamos:

Não se veja, porém, no autor de *Os Sertões* um pessimista míope, afeito apenas a narrar desgraças inevitáveis de homens e de raças, capaz de vislumbrar alguma esperança por detrás da *struggle for life* de um determinismo sem matizes. Quem julgou o assédio de Canudos um crime e o denunciou era, moralmente, um rebelde e um idealista que se recusava, porém, ao otimismo fácil. (...). Além disso, o trato direto com as condições sociais do sertão inclinava-o a superar o mero formalismo jurídico da nossa I República. Não podendo, por outro lado, o seu forte senso de liberdade aceitar qualquer forma autoritária de governo (v. as descrições dos regimes ditatoriais em “O Kaiser” de *Contrastes e Confrontos*), aproximava-se politicamente do socialismo democrático.⁴⁰

Embora essas explicações sobre Euclides da Cunha levem-no distintamente a uma postura e direcionamentos políticos, a temática homem e natureza corresponde a uma constante n’*Os Sertões* (1902) e que também é resgatada n’*À Margem da História* (1909). Assim, podemos visualizar nesses dois destaques de Bosi (2006) duas características importantes para a análise do texto euclidiano: a sua preocupação com o meio ambiente, já retratada na sua primeira obra, *Os Sertões* (1902), e uma concepção determinista ‘flexibilizada’, já que não acompanha no todo a perspectiva européia. Sabemos que o homem enquanto indivíduo social corresponde a uma construção cultural e histórica de seu tempo. Assim, Euclides da Cunha traz no seu discurso sobre a natureza marcas do determinismo, mas não um determinismo estático, pois propõe ressignificações.

Dissertando sobre Euclides da Cunha e *Os Sertões* (1902), Meyer faz a seguinte consideração a respeito da estilística euclidiana:

Este sentido dissociativo de embate das cousas e conflito social, que às vezes lembra a grandiosa cosmovisão de um Heráclito, estilisticamente se manifesta pela adoção de antítese continuada. Um dos traços mais

³⁹ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 309.

⁴⁰ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 310.

vivos dessa prosa opulenta é o jôgo das antíteses, e escolho uma expressão que é dêle mesmo: na primeira parte de **Os Sertões**, intitulada “A Terra”, ao descrever a **mágre**m e o **verde**, observa: “A natureza compraz-se num jôgo de antíteses”, como se a intercadência de estiagem e chuvas, em vez de um simples aspecto das condições mesológicas, representasse não sei que arbitrária crueldade, o capricho sádico de alguma divindade. A natureza neste caso é um antropismo em que se reflete tôda sua carga de afetividade.⁴¹

Meyer, atribui na representação da natureza euclidiana uma característica bastante significativa. Devido a relevância, destaquemos novamente: “A natureza neste caso é um antropismo em que se reflete tôda sua carga de afetividade”⁴². Aqui vemos que o crítico visualiza uma natureza humanizada aos olhos de Euclides da Cunha, onde na mesma ocorrem procedimentos modificatórios que imprimem na mesma uma transformação positiva ou destrutiva, a depender de cada contexto.

Agora, tecendo considerações acerca do nosso objeto de estudo no presente trabalho, retornemos a Bosi, quando o mesmo diz:

Em *À Margem da História* vê-se, em ato, a ideologia latente nos livros anteriores. Voltando-se para as realidades sul-americanas, que conhecera de perto no trato das questões de fronteiras, Euclides infunde no seu método de observação geográfica um interesse vivíssimo pelos problemas humanos, sempre em um tom que oscila entre o agônico e o trágico. Leia-se, por exemplo, o ensaio sobre a Amazônia, onde ao analista da paisagem sucede o crítico violento da espoliação humana, representada [especialmente] pelo cearense que se vende como seringueiro. E o narrador sombrio de Judas Asverus, símbolo disforme que o seringueiro assume com a sua própria condição no ritual do sábado de Aleluia.⁴³

Duas colocações elencadas por Bosi são eivadas de relevância, sendo elas: a) espoliação humana e b) o cearense que se vende como seringueiro. Essas duas questões

⁴¹ MEYER, Augusto. **Prêto & Branco**. 2 ed. Rio de Janeiro: Grifo Edições. Brasília: INL, 1971, p. 163.

⁴² MEYER, Augusto. **Prêto & Branco**. 2 ed. Rio de Janeiro: Grifo Edições. Brasília: INL, 1971, p. 163.

⁴³ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 312.

são amplamente discutidas e criticadas por Euclides da Cunha, ao longo d' *À Margem da História* (1909), desde a crônica inicial *Impressões Gerais*. Nela, o escritor destaca que o seringueiro é o homem que trabalha para diminuir-se, e que o seringal é o meio de trabalho mais cruel para o ser humano. Assim, a espoliação, a degradação do homem local também é denunciada, bem como destacada a figura do nordestino, especialmente do cearense, que caminhou rumo ao norte do país, fugindo da seca e lutando por dias melhores, realizando uma verdadeira diáspora.

Assim, Bosi sintetiza o pensamento euclidiano como sendo:

O resultado dá uma imagem dialética de Euclides: um pensamento curvado sob o peso de todos os determinados, mas um olhar dirigido para a técnica e o progresso; uma linhagem de estilismo febril, mas sempre uma função de realidades bem concretas, muitas das quais nada perderam da sua atividade.⁴⁴

Prosseguindo as nossas observações mediante um olhar cronológico acerca da literatura brasileira e a sua relação com a natureza, destacamos outras tantas tendências literárias de importante relevância. Entretanto, como a nossa pesquisa volta-se para os escritos euclidianos, e como o mesmo autor encontra-se marcado como Pré-Modernista, finalizamos nossos apontamentos nesse referido estilo de época.

A partir desse breve passeio pela história dos estilos de época que atravessaram a literatura brasileira ao longo de mais de cinco séculos de história, podemos conceber que a natureza e os sujeitos que a cercam sempre fizeram parte das temáticas literárias. Certo que em alguns momentos com mais destaques e noutros, menos. Na atualidade, devido a busca pela preservação do meio natural, como forma de perpetuação da espécie e modo de resguardar o meio para as futuras gerações, a temática da natureza está mais em voga. Assim, resta satisfeito que, através da literatura, podemos promover uma educação de qualidade e que respeite o nosso outro, esse outro que encontra-se na natureza, por meio da fauna e da flora.

⁴⁴ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 312.

3 O PENSAMENTO EUCLIDIANO: UMA REVISÃO CRÍTICA

Euclides da Cunha transformou em brilho de frase sonora e imagens chiques o que é cegueira insurportável deste solão; transformou em heroísmo o que é miséria pura (...).⁴⁵

A presente citação bem que pode ser compreendida como um prefácio sobre a relação entre a escrita euclidiana e a realidade vivenciada pelo autor em Canudos. Iniciemos, pois, a refletir acerca do pensamento do mesmo Euclides da Cunha, além das influências ideológicas na sua escrita. Afirmamos modelo próprio, pois, como veremos, o estilo euclidiano é defendido como marco divisório da literatura nacional. Euclides da Cunha transita entre a filosofia europeia do seu tempo e as realidades específicas encontradas em nosso território. Ao realizar adaptações, entre essas duas circunstâncias, ele busca compreender os discursos nacionais e suas implicações na discussão sobre a construção de uma identidade nacional.

O pensamento de Euclides da Cunha pode ser entendido através de três aspectos, que ora destacamos: a) as influências filosóficas da época; b) o ímpeto euclidiano acerca da necessidade de modernização do país, tendo a República como eixo basilar dessa nova

⁴⁵ ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p. 295.

rota nacional; c) a promoção de uma perspectiva euclidiana ancorada na sustentabilidade, indícios que posteriormente coincidem com os postulados defendidos pela ecocrítica.

3.1 Euclides da Cunha: um homem do seu tempo

Antes de qualquer consideração inicial acerca do pensamento euclidiano, convém destacar e, principalmente, problematizar as palavras de Braga no que se refere aos pensadores nacionais dos séculos XIX e XX

O intelectual do século XIX, segundo o crítico Luís Costa Lima, contentava em estar em dia, na medida do possível, com as novidades européias, adquirindo ou perdendo prestígio na proporção em que divulgava ou não as idéias lá dominantes. O sistema intelectual brasileiro foi marcado pelo constante receio de ser original, que permaneceu até século XX e ainda repercute na atualidade.⁴⁶

Como sabemos, Euclides da Cunha encontra-se marcado historicamente no século XIX e, apesar da generalização empregada por Braga ao embasar-se em Costa Lima⁴⁷, essa compreensão ao ser enquadrada no autor deixa transparecer um equívoco. Assim, afirmamos categoricamente que o referido autor aqui em estudo não corresponde a esse modelo de intelectual do século XIX definido pela mesma, visto que o método euclidiano reformara o que estava sendo até então produzido porque “quando *Os Sertões* foram publicados andávamos num período de estagnação literária”⁴⁸, confirmando assim em

⁴⁶ BRAGA, Maria Lúcia de Santanna. **O intelectual e o mundo político no Brasil:** aproximações e distanciamentos. Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar - DIAP. 2002. Disponível em: <http://www.diap.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5973:o-intelectual-e-o-mundo-politico-no-brasil-aproximacoes-e-distanciamentos&catid=46&Itemid=207>. Acesso em: 02 de jan. de 2015.

⁴⁷ Sem qualquer remissão, mas acreditamos que seja; LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota:** a construção de Os Sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

⁴⁸ PEIXOTO, Afrânio. **Euclides da Cunha:** o homem e a obra. In: Poeira da estrada: ensaios de crítica e de história. Rio – São Paulo – Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944, p. 29.

parte o que Braga dissera sobre o teor de criar. Reafirmando a tese de estagnação literária vivida até então pela literatura nacional, Afrânio Peixoto destaca que Euclides da Cunha “escrevia coisas do Brasil: mérito hoje pouco frequente em escritos nacionais”⁴⁹, por meio de uma “renovação literária”⁵⁰. Assim sendo, na construção do pensamento feito por Braga, seria necessária uma ressalva sobre a figura de destaque de Euclides da Cunha, que renovava a literatura nacional da época, imprimindo um novo modo de pensar, de ver e de registrar a realidade do Brasil República.

Em geral, Euclides da Cunha nas suas exposições filosóficas, sociológicas e políticas claramente exprimia todas as correntes do pensamento que vigoravam no seu tempo, pois, como de fato, era um homem do seu tempo, mantendo-se sempre presente nas discussões que marcaram o Brasil e o mundo do século XIX. Entretanto, o referido autor não se conteve em apenas “estar em dia” com o pensamento vigente, visto que, pelas suas andanças no território nacional pôde muito bem perceber que a realidade brasileira destoava bastante dos fatos vividos e passados na Europa. Assim, Euclides da Cunha enchia-se do pensamento europeu para, a partir de tais apropriações, ao observar a realidade local, problematizar conceitos e até a própria ciência.

Desse modo, é temática frequente na reflexão euclidiana questões que envolvem o positivismo, o determinismo, seja ele social ou climático, bem como o republicanismo. Concepções que são bem visualizadas n’*Os Sertões* (1902), mas também encontra amparo e discussão n’*À Margem da História* (1909).

Terminologias como raça, mestiçagem, evolução cultural e determinismo climático são eixos centrais da discussão intelectual da época e trabalhadas também por Euclides da Cunha em todos os seus escritos, para tanto, bastamos resgatar uma de suas frases, transcrita n’*Os Sertões* (1902) e que, posteriormente, viria a ser uma de suas locuções que marcaria o seu modo de escrita incisiva: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”⁵¹. Nesse curto fragmento podemos observar a presença da ciência da época em seu discurso. A

⁴⁹ PEIXOTO, Afrânio. **Euclides da Cunha**: o homem e a obra. In: Poeira da estrada: ensaios de crítica e de história. Rio – São Paulo – Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944, p. 30.

⁵⁰ LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota**: a construção de Os Sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p. 20.

⁵¹ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 77.

visão determinista de Euclides da Cunha passa por uma releitura, pois, apesar de ver o sertão nordestino inicialmente como campo propenso a barbárie, o mesmo autor vê no seu povo uma força não visível noutro povo. A concepção determinista concebe os homens oriundos dos climas tropicais como deficitários em detrimento dos outros das demais localidades. Entretanto, o pensamento euclidiano, na presente exemplificação, pode ser entendido a partir de uma ênfase dada para qualificar o sertanejo como um forte. Assim, Euclides da Cunha subverte a tese determinista, dando a ela um tom positivo, mas em que sentido? Ao apresentar as adversidades vivenciadas pela população nordestina em razão do clima austero, o mesmo Euclides da Cunha expressa a fortaleza desse homem. Desse modo, o estilo transgressivo de Euclides da Cunha em relação ao pensamento determinista, ao nosso ver, encontra-se firmado quando o mesmo apresenta o homem local como um biótipo único possível de suportar as adversidades promovidas pela região, deixando de vê-lo como um ser aquém, como via a teoria determinista, passando a vê-lo como um sujeito além.

Os sujeitos amazônicos também são amplamente discutidos nas crônicas euclidianas, todavia, apesar de expressar a influência do clima e da natureza como um todo na vida dos mesmos, destacamos o olhar observador e crítico que Euclides da Cunha imprime em relação aos sujeitos. Assim, Euclides da Cunha realiza análises acerca dos seringueiros, dos caucheiros, dos bandeirantes. Referente ao seringueiro, reconhece-o como “o homem que trabalha para escravizar-se”⁵², que “raro é capaz de emancipar-se pela fortuna”⁵³, já o caucheiro é aquele “nômade votado ao combate”⁵⁴, um verdadeiro “caçador de árvores”⁵⁵, sendo assim um “homem perdido na solidão absoluta”⁵⁶, mas também corresponde a um sujeito “irritadamente absurdo na sua brutalidade elegante, na sua galanteria sanguinolenta e no seu heroísmo à gandaia”⁵⁷, sendo então definidos como

⁵² CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 13.

⁵³ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 14.

⁵⁴ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 42.

⁵⁵ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 42.

⁵⁶ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 43.

⁵⁷ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 49.

“homúnculo da civilização”⁵⁸, por fim, o bandeirante é sinalizado como “brutal, inexorável, mas lógico”⁵⁹, “o super-homem do deserto”⁶⁰.

Ao tecer essas observações referentes aos homens amazônicos, Euclides da Cunha retoma aquela mesma comparação que realiza em *Os Sertões* (1902), que nos leva a interpretar os aptos e os inaptos em relação ao meio ambiente. Em *À Margem da História* (1909), o diálogo está marcado quando Euclides da Cunha traz para a sua crônica, qual seja *Um clima caluniado*, a figura do forasteiro, o sulista que não se adaptou ao ambiente hostil. Calmos ou truculentos, os locais, sejam eles o seringueiro, o caucheiro ou o bandeirante que chegava, conseguiam se firmar na região, entretanto, o outro, qual seja o sulista, não conseguiu ajustar-se à realidade local. Ao tratar do sulista, o autor o apresenta como um “deslocado no espaço e no tempo”⁶¹ que logo não se adapta à região e foge, muito motivado pelas novas doenças que desconheciam. Assim, registra Euclides da Cunha que, antes de mais nada, o atestado médico representava a libertação daquele ambiente desconhecido, a justificativa mais que plausível para aquele que não queria mesmo permanecer na calamidade. Desse modo, a retirada do sulista alcançou um status de “fuga justificada, a deserção que se legaliza e o medo sobredoidado de heroísmo”⁶².

Mais à frente, a fuga do sulista é comparada às evasões promovidas por franceses, alemães, ingleses e belgas de territórios que pretendiam colonizar, pois a motivação foi a mesma, já que os agentes oficiais tinham por estadia média três anos, por não suportarem os climas locais. O retorno ao país de origem era compreendido como “uma medida de segurança indispensável a restaurar-lhes os organismos combalidos”⁶³. Nessa concepção eurocêntrica podemos perceber o pôr em prática das teorias vigentes, as quais pregavam a superioridade de uma raça⁶⁴ em detrimento de outra, entretanto, essa mesma raça que se diz superior não suporta qualquer adversidade que encontra, desse modo, o que não suporta é inferior, o que deveria ser compreendido como o inverso. Essa mesma observação promovida por Euclides da Cunha nas suas crônicas amazônicas corresponde

⁵⁸ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 49.

⁵⁹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 49.

⁶⁰ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 49.

⁶¹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 30.

⁶² CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 30.

⁶³ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 32.

⁶⁴ Destacamos que o termo atualmente apropriado é etnia, não raça.

de modo similar àquela por nós destacada em relação ao sertanejo como um forte. Assim, o seringueiro, o caucheiro e o bandeirante são os novos fortes que, apesar de segregados e diminuídos, pelas teorias vigentes, nos olhos euclidianos ganham extrema relevância e colaboram para uma ressignificação de suas localidades.

Nessa discussão acerca de forte e fraco, bom e mau, perseverante e desistente, podemos concluir que Euclides da Cunha gera uma máxima: que aquele que consegue sobreviver às adversidades de suas locações corresponde a um ser superior e que, mesmo não sendo o mais aculturado, sábio ou melhor referência de padrão nacional, deve ser estudado, observado com destaque, pois o meio ambiente, bem como “um clima admirável (é) o que prepara as paragens novas para os fortes, para os perseverantes e para os bons⁶⁵”. Nesse sentido, o clima e os demais aspectos naturais também passam por uma reanálise que, no decorrer das narrativas, passam de ambientes hostis para ambientes de relevante grandeza e aspirantes a um desenvolvimento pujante. Tudo isso possível visto o seu imenso período de isolamento do restante da civilização.

Esse destaque para aqueles que até então permaneciam de fato à margem da história do país é facilmente visualizado quando Euclides da Cunha atribui papel de extrema relevância às figuras de seres escanteados pela política, sociologia, filosofia e até mesmo da literatura da época: o sertanejo nordestino e o homem amazônico, nas suas variadas vertentes. Esse desprivilegio é claro, visto que após o ciclo da cana de açúcar o nordeste brasileiro se tornou área esquecida por parte dos governos centrais nacionais, permanecendo apenas o registro da seca como marco definidor no inconsciente coletivo do que era a região. O norte do país, sempre visto como região a ser colonizada, permaneceu até quase metade do século XX ainda esperando a colonização de fato, desse modo, diferentemente do nordeste que já passou por um período de glória, o norte ansiava ainda pelo mero povoamento, isso também justifica o não privilegiar da região frente ao cenário nacional. E nada melhor caracteriza um a região como o seu povo, sendo esquecida a região, o povo, por consequência é esquecido. Euclides da Cunha, ao desbravar os confins do Brasil, ao caminha no sentido oposto se torna “o primeiro

⁶⁵ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 40.

bandeirante dessa *entrada* nova pela alma da nacionalidade brasileira”⁶⁶ – mas não numa concepção predatória, mas sim numa ideia de abrir caminhos –, deixa de dar visibilidade aos que já a detém, passando a expor locais e pessoas que outrora eram marcados pelo esquecimento. Nesse exaltar encontram-se os espaços nordestinos e amazônicos, bem como o nordestino e o nortista.

Reescrevendo a história nacional, Euclides da Cunha vai invertendo assim toda a lógica do pensamento europeu, de privilegiar o privilegiado. Toda essa concepção intrínseca no seu discurso ainda o marca como homem de seu período, pois o mesmo mantém intenso diálogo com as teses do período. As influências da ciência faziam-se impressas na sua escrita, essa união para nós é clara, assim como para o próprio Euclides da Cunha, já que o mesmo afirmava estar convencido que “a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta”⁶⁷, destarte, como não imprimir no seu estilo tão substancial influência?

Costa Lima, a partir das bases filosóficas contidas no modo de escrita euclidiano, propõe uma discussão acerca dos paralelismos existentes entre Euclides da Cunha e outros pensadores que influenciaram o seu pensar, dentre tantos, destacando Gumplowicz e o nacionalismo, Kant e o transcendentalismo, Comte e o positivismo, Spencer e o evolucionismo⁶⁸. Quando trata da influência do pensamento de Ludwig Gumplowicz, o mesmo crítico afirma que Euclides da Cunha não compreendeu de modo literal, e esse não entender só veio a gerar ganhos na sua obra, pois “escoimar o erro interpretativo ou de alguma maneira neutralizá-lo comprometeria a obra que o escolhera; a diminuiria em mero documento de um massacre planejado”⁶⁹. Então, segundo o aludido estudioso, podemos conceber que Euclides da Cunha acompanha a linha de raciocínio defendida por Gumplowicz, mas que, de forma talvez que inconsciente, distorce um pouco dos ensinamentos do polônes. Segundo o mesmo crítico, essa distorção foi de fundamental importância para elaboração dos seus projetos e fuga de eventuais contradições

⁶⁶ PEIXOTO, Afrânio. **Euclides da Cunha**: o homem e a obra. In: Poeira da estrada: ensaios de crítica e de história. Rio – São Paulo – Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944, p. 43

⁶⁷ CUNHA, Euclides da. **111 A José Veríssimo**. In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 874-875.

⁶⁸ LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota**: a construção de Os Sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997

⁶⁹ LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota**: a construção de Os Sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p. 32.

filosóficas, ao aplica-las na realidade nacional. Nesse mesmo momento, destaca as teorias da imitação e da desigualdade das raças, teorias essas que perpassaram os textos euclidianos, bem como o “essencialismo euclidiano” a partir de uma derivação que ocasionou uma leitura errônea do pensamento Gumpłowicz. A partir das reflexões de Costa Lima acerca do não compreender de Euclides da Cunha as teses defendidas por Gumpłowicz, só vem a ratificar a nossa ideia inicial de releitura das teses europeias, pois seria inconcebível um homem da condição intelectual de Euclides da Cunha não compreender os fatos de sua época, pois, ao defender que a distorção foi fundamental para aplica-las na realidade nacional, Costa Lima, de modo indireto, está anunciando uma reanálise da teoria em questão, conforme defendemos. Afirmar que Euclides da Cunha não compreendeu, indica rebaixar intelectualmente um dos mais importantes pensadores que o país já teve.

A influência kantiana resta representada de modo a gerar decepção no próprio Euclides da Cunha já que para ele Kant o assustava, visto que no seu entender, tal filósofo correspondia ao mais escandaloso exemplo de pensador que aniquilava com o seu próprio modo de pensar, além dos exageros principiológicos que os minimizam. Costa Lima, ao resumir as influências no pensamento euclidiano, elenca: a) a ciência ganha dignidade absoluta; b) essa dignificação é oriunda do ostracismo do transcendente; c) a questão do sujeito. Todos esses elementos correspondem a eixos de relevância no pensamento euclidiano, principalmente a interferência da ciência na construção das suas ideias, bem como o papel de destaque que atribuí aos sujeitos dos locais que fala. A análise dos ambientes muitas vezes é iniciada através de considerações aos homens locais para, a partir daí, compreender o meio ambiente também como sujeito.

O positivismo, de Comte, e o evolucionismo, centrado em Spencer, constituíram-se como base principal do cientificismo euclidiano. Comte concebia que o papel da ciência correspondia como o único meio viável para a concepção real do saber, afastando o saber teológico e metafísico. Já Spencer trazia consigo o pensamento de Darwin, de quem era estudioso, mas, apesar disso, entendia a ciência de modo diverso, pois compreendia o sociológico intimamente ligado com o biológico, principalmente ao visualizar a sociedade como sendo um sistema orgânico. Destarte, a partir do modelo econômico do liberalismo, buscava explicações para as problemáticas que surgiam e que

tinham base social e econômica⁷⁰. O positivismo encontra-se visível em toda a estrutura da escrita euclidiana, a partir de terminologias biológicas, filosóficas, quadros topológicos que expressam o calado dos rios. O evolucionismo encontra-se presente sempre quando liga-se as questões biológicas e naturais a força pujante pelo desenvolvimento, presente principalmente na Amazônia. Mas, mesmo assim, problematiza a visão de Spencer ao afirmar que “acabo de ler uma página iluminada de Spencer (...) o grande domínio do homem sobre as forças naturais, a que ele se refere, é ilusório, ante o princípio geral da relatividade”⁷¹. Essa reflexão deixa clara uma releitura do teórico, a mesma que podemos estender para os demais estudiosos, os quais têm influências várias no pensamento e na construção literária de Euclides da Cunha.

Ainda, de acordo com Hardman, o mundo de Euclides da Cunha era o que mantinha intensa interação com a ciência, onde “a crença na missão civilizadora da ciência e da técnica, sob os auspícios do Estado nacional”⁷² regia todas as ações praticadas, tanto pelos filósofos quanto pelos agentes do Estado. Mas, que, como é perceptível na sua escrita bastante crítica e de denuncia, o Estado mantinha-se inerte, sendo assim ele o causador do retardo pelo desenvolvimento nacional, muito motivado pelas “elites (da época) que não têm olhos para o(s) sertão(ões) e o(s) condenam ao mais completo abandono”⁷³. Surgia assim a necessidade da ascensão de um grande líder nacional que abraçasse a causa e enfim colocasse o país no trilho certo, no trilho do desenvolvimento, que minimizaria as diferenças regionais e garantiriam o salto para o futuro, um futuro distante do atraso que era sinônimo de Monarquia. Assim, a República era o futuro, o futuro aos olhos do Euclides da Cunha visionário.

⁷⁰ LUCAS, Maria Angélica Olivo. Francisco. **Evolucionismo spenceriano**: concepção de progresso, estado e educação. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, Rio de Janeiro/RJ. I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000.

⁷¹ CUNHA, Euclides da. **Da Penumbra - 19 de março de 1892**. In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 746-747.

⁷² HARDMAN, Francisco Foot. **Brutalidade antiga**: sobre história e ruína em Euclides. Estudos Avançados, São Paulo, v. 10, n. 26, 1996, p. 294.

⁷³ SOUZA, Ricardo Luiz de. **Identidade Nacional e Modernidade Brasileira**: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 77.

3.2 Euclides da Cunha: um visionário

Através dos escritos de Euclides da Cunha, bem como por sua postura perante as expedições que participou, pode-se depreender a sua posição de visionário, de quem se aventura rumo a novas realidades a serem vivenciadas e que buscava de fato uma realidade moderna para o país. Dentre os seus posicionamentos, o que primeiro denunciava esse viés moderno era o rechaçar ferrenho à monarquia brasileira. Para ele, o espírito republicano viria a ser o eixo transformador do país, alterando o comodismo que cá instalou-se desde o advento dos portugueses em nossas terras. O país encontrava-se com quase quatro séculos de descobrimento, mas permanecia com áreas desconhecidas, pouco habitadas e iminentes de conflitos. Necessitando de um líder que de fato elevasse a nossa realidade, Euclides da Cunha deposita na figura do Barão do Rio Branco a esperança da efetivação da modernidade, pois nele via um homem visionário e detentor de um espírito republicano, assim como a si próprio.

Como destaca Ventura⁷⁴, a temática da República é algo frequente nos escritos euclidianos, estando presente em *Os Sertões* (1902), *Contrastes e Confrontos* (1907), e *À Margem da História* (1909). Destacamos que, em *À Margem da História* (1909), o debate acerca do republicanismo encontra mais espaço na terceira parte do livro, *Da independência à república*, mas o tema ecoou por toda a obra. Apesar de reconhecer o republicanismo como forma de governo que melhor se encaixava às necessidades que realidade nacional clamava, Euclides da Cunha não eximia o mesmo governo de críticas duras e frequentes. Foi provavelmente a partir da brutalidade sanguinolenta praticada pelas tropas do governo central em Canudos que fez com que Euclides da Cunha revisitasse suas posições acerca da defesa do governo brasileiro.

A crítica à República trazia implícita a revisão de suas próprias posições políticas, marcadas pela adesão a um conjunto de crenças científicas e filosóficas, como o positivismo e o evolucionismo, que se

⁷⁴ VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha e a República**. Estudos Avançados. São Paulo, v. 10, n. 26, 1996.

materializaram no movimento republicano. Tal revisão resultou de uma longa e sofrida reelaboração, em que deixava transparecer certa culpa ou remorso pelo silêncio cúmplice a que precisou se submeter.⁷⁵

A constatação de desconforto por parte de Euclides da Cunha para com os caminhos trilhados pela República brasileira destacada por Ventura⁷⁶ ganha mais substância quando afirma: “Creio que como eu estás ainda sob a pressão do deplorável revés de Canudos aonde a nossa República tão heróica e tão forte curvou a cerviz ante uma horda desordenada de fanáticos maltrapilhos”⁷⁷. Esse registro corresponde a carta datada de 1897, escrita pelo próprio Euclides da Cunha para João Luís Alves. Nela está toda a indignação daquele ferrenho defensor da República e do seu aparato, mas que fraqueja quando ver um exército despreparado, perverso, que sucumbe em vários momentos, e que vence pela insistência, graças a um oponente miserável, tudo a base de uma terrível estratégia, iniciada na desordem e finalizada na covardia.

Desse modo, podemos sinalizar que o registro de Canudos feito por Euclides da Cunha foi o estopim para que o mesmo pensador abrisse os seus olhos para as irregularidades que permeavam o governo vigente e passasse a desferir críticas agudas. A República brasileira estava a léguas de distanciamento daquela República símbolo de desenvolvimento harmônico e pujante oriundos da dissipação equânime da modernidade positivista e liberal pelo território nacional. Como bem expressa Ricardo de Oliveira, apesar de recente, a República brasileira nascia caduca. Um novo sistema, mas velhas práticas, que fazia com que o país permanecesse inerte perante as mudanças. Em nada avançasse, mas que permanecia oprimindo aqueles que deveria amparar⁷⁸. Perante esse quadro. Euclides da Cunha inicia as suas críticas, cobrando do Estado presença junto aos territórios nacionais que efetivamente necessitavam de amparo. E era assim, por meio de suas críticas, que nele permanecia viva a República na qual estaria inclusa a cidadania e

⁷⁵ VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.174

⁷⁶ VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁷⁷ CUNHA, Euclides da. **60 A João Luís Alves**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 837.

⁷⁸ SOUZA, Ricardo Luiz de. **Identidade Nacional e Modernidade Brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007 (p. 73).

a democracia. Muitos idealistas, assim como ele, acabaram, pela desilusão motivada pelo sistema, por perecerem. Entretanto, Euclides da Cunha se destacou frente aos demais devido ao seu compromisso na edificação da brasilidade, mas o pessimismo em relação a realidade da nação só aumentara daqui por diante, não pela condição do país ou pelo sistema político, mas, unicamente, pelos gestores que se mantinham a frente dos projetos nacionais⁷⁹.

O fantasma da monarquia, como o governo central batizava a comunidade liderada por Antônio Conselheiro, não existia mais. O próprio Euclides da Cunha que, ao iniciar seus relatos n' *Os Sertões*, denunciava a monarquia conselheirista, chegando a afirmar que “em breve pisaremos o solo aonde a República vai dar com segurança o último embate aos que a perturbam”⁸⁰, ao ver que ‘a ameaça de instauração de monarquia conselheirista’ na verdade surgia como pano de fundo para ocultar as atividades errôneas das tropas do governo, de imediato passou a conceber a situação como ato capaz de “atribuir a uma conjuração política qualquer crise sertaneja, exprimia palmar insciência das condições naturais de nossa raça”⁸¹. Mas como destaca Souza, essa posição euclidiana de crítica às forças republicanas corresponde a uma frequente contradição discursiva, a uma ambiguidade. Ora critica, ora enaltece os sujeitos, o sistema, o meio, tudo que comenta⁸².

Convém destacar a compreensão de Zilly a respeito de Canudos, quando discute a construção simbólica de nacionalidade a partir d' *Os Sertões* (1902), o estudioso revela que, na realidade, o que imperava contra a comunidade de Canudos realmente era um instinto de submissão da localidade aos desmandos dos coronéis da região, pois, ao passo que os populares destinavam-se para a comunidade conselheirista, contrariando o domínio dos senhores da região em relação a mão de obra rural, além do monopólio da violência do Estado ocorria a escassez de mão-de-obra barata. O mesmo estudioso destaca que, inicialmente, Euclides da Cunha ainda via nos cidadãos nordestinos o símbolo da barbárie e, dessa maneira, corroborava com o ideal do exército nacional de destruição

⁷⁹ OLIVEIRA, Ricardo de. **Euclides da Cunha, Os Sertões e a invenção de um Brasil profundo**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

⁸⁰ CUNHA, Euclides da. **Caderneta de campo**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 607.

⁸¹ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 217

⁸² SOUZA, Ricardo Luiz de. **Identidade Nacional e Modernidade Brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007 (p. 73).

total do arraial, bem como de seus habitantes. Finalizando o seu estudo, Zilly sintetiza o ideal euclidiano de representação simbólica de nação ancorado na figura do sertanejo, um sujeito que manteve-se uniforme devido ao isolamento natural o qual foi exposto. Esse isolamento garantiu assim uma raça harmoniosa, semelhante ao indígena, distinguindo-os assim dos negros e também dos mestiços⁸³.

Acerca da dualidade euclidiana, façamos um adendo: o posicionamento de Euclides da Cunha é constantemente dual. Como vemos n' *Os Sertões* (1902), constantemente critica o posicionamento do exército brasileiro frente a querela que se envolveu com a Comunidade de Canudos, questiona desde a derrota na primeira expedição, até a vitória que esmagou aquela região. Questiona a dureza do clima, anunciando-o como adversidade ao homem que lá vive, depois passa a destaca-lo chegando a atribuir a ele o poder de escolha de quem nele pode viver. Discute a fragilidade do sertanejo, mas depois o anuncia como um forte. De igual modo é o pensamento euclidiano em *À Margem da História* (1909). Inicia, nas *Impressões gerais*, criticando o ambiente que vê, afirmando que está aquém do imaginado, mas depois para a classifica-lo como estupendo. Os rios são questionados, principalmente o comportamento da população local que permite o constante assoreamento dos mesmos, devido aos galhos de árvores levados pelas águas, mas depois os compara a rios como o Mississipi. O clima é também fonte de crítica, destacando inclusive as fugas daqueles que não conseguem adequação, mas, já pelo título – *Um clima caluniado* – vemos uma perspectiva favorável ao mesmo. Além desses casos, a dualidade permanece em outros, atingindo assim toda a reflexão euclidiana.

Podemos apontar como causa dessa dualidade algumas condicionantes: a) a readequação das teorias vigentes na Europa a realidade nacional; b) a própria postura crítica euclidiana que apresentava sempre as posições do seu objeto de estudo, não ocultando as benesses, tampouco as falhas definidas pelo mesmo.

Aliada a esse pensamento euclidiano dual, ao anseio pelo desenvolvimento e modernidade, encontra-se presente o papel da engenharia no tornar viável e concreto essa

⁸³ ZILLY, Berthold. **Uma construção simbólica da nacionalidade num mundo transnacional: Os Sertões de Euclides da Cunha, cem anos depois.** In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. LXXIV.

idealização de projeto de nação, já que “ilumina as tensões produzidas pela combinação entre ciência, positivismo e uma sociedade desorganizada pela dinâmica dos interesses, libertada pelo movimento de 1889”⁸⁴. A crise institucional no governo brasileiro permanecia, mas em comparação ao período monárquico, estávamos em avanço. E ao enumerar os avanços desse período, destacamos o relevante préstimo da engenharia para a efetivação da modernidade nacional. Frente a esse destaque, Maia, em seu estudo acerca do pensamento social brasileiro referente à terra, dedica seção especial ao papel desempenhado pela engenharia na construção de uma nova nação e, retratando quem eram os engenheiros que encaravam os desafios de modernização, os define como “heróis do capitalismo”⁸⁵. Apenas essa definição já centraliza o período histórico, bem como as reflexões filosóficas que os permeia. De fato, o positivismo e o liberalismo econômico são os pilares desse momento, pois agrega a ciência e o desenvolvimento, de modo que dependem um do outro. Com o avanço da importância da engenharia para o crescer de uma nação, inicia-se o questionamento referente ao conciliar a relação entre civilização e cultura, inicialmente provocado pelos engenheiros italianos.

A engenharia da época encontrava-se cobertas de influências estéticas, cada uma detentora de uma singularidade e significação. Conforme anuncia Schnapp, “o engenheiro paira no centro das fantasias revolucionárias das vanguardas”⁸⁶, associado a esse pensamento a visualização da influência do Modernismo fica mais palpável, principalmente na realidade italiana, onde é bastante latente as marcas do futurismo, além dos traços de Le Corbusier, assim como da escola de Bauhaus. Para a vivência alemã, essa relação será concebida como uma “espécie de *modernismo reacionário*, a tecnologia seria vista como uma forma de expressividade, emanção material do cultivo”, formando assim a própria sociedade alemã. A concepção alemã no que traduz a experiência entre engenharia e modernidade diverge de forma significativa da perspectiva norte-americana,

⁸⁴ MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção**: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 87.

⁸⁵ MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção**: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 88.

⁸⁶ SCNAPP, Jeffrey. **Between Fascism and Democracy**: Gaetano Ciocca – Builder, Inventor, Farmer, Engineer. Modernism/Modernity, v. II, n. 3. Baltimore: John Hopkins University Press, 1995, p. 117.

pois diferente desta que, baseada no fordismo, imprime a homogeneidade social dos sujeitos, aquela atribui aos diferentes sujeitos sociais, distintos papéis⁸⁷.

Antes de adentrar para a particularidade que envolve a realidade nacional, Maia discute duas denominações: funcionários de produção e agentes da civilização. A divergência encontra-se centralizada na subordinação estatal que estes detêm em relação àqueles. Para estes ocorre a intervenção da razão estatal, fazendo com que permaneçam abaixo da burocracia que cerca a aparelhagem estatal. Aqui os engenheiros “perdiam” o status de escultores e seus traços de “registro poético”, mas se resguardavam perante a proteção do estado, bem como do seu capital, potencial garantidor de efetivação da modernidade que a população almejava e atribuía a tais profissionais a sua concretização.

Atingindo a realidade brasileira e o seu diálogo com a engenharia, destacamos a importância das escolas politécnicas, escolas estas que não só formava engenheiros, mas verdadeiros intelectuais que, de diferentes formas, iriam servir a nação. Assim, os engenheiros que de lá eram formados eram concebidos como “os apóstolos do progresso”⁸⁸, que traziam consigo uma incumbência, a de “adequar o Brasil ao ritmo da civilização”⁸⁹. A intelectualidade do engenheiro estava ancorada ao positivismo. Sempre ligada ao Estado, a atividade centrava-se nas necessidades do mesmo ente, que ia desde os pareceres, chegando à execução das grandes obras. Assim, frente ao prestígio que adquiriam ao servirem aos entes estatais, os engenheiros priorizavam a vinculação ao estado, em detrimento das fábricas⁹⁰.

Retornando a Euclides da Cunha, o mesmo vê na atividade da engenharia o instrumento pelo qual será possível a efetivação do desenvolvimento, assim “a nossa engenharia não tem tarefa mais nobre e mais útil que esta conquista racional de nossa

⁸⁷ MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção**: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 90.

⁸⁸ MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção**: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 93.

⁸⁹ MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção**: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 93.

⁹⁰ MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção**: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 99.

terra”⁹¹. Aqui resta salientado a relevância que é a exploração à terra, mas não um explorar pelo explorar, mas sim a utilização da ciência, no caso a engenharia, para ser um instrumento minimizador das adversidades naturais, garantindo assim ao homem um meio ambiente mais ameno e viabilizador de uma vivência com dignidade. Assim, esse progresso paira pela utilização de técnicas próprias da engenharia para fomentar a luta contra a seca, podendo fazer uma extensão para o ampliar da colonização.

Não há mais elevada missão à nossa engenharia. Somente ela, ao cabo de uma longa tarefa (que irá das cartas topográficas, e hipsométricas, aos dados sobre a natureza do solo, às observações meteorológicas sistemáticas e aos conhecimentos relativos à resistência e desenvolvimento da flora), poderá delinear o plano estratégico desta campanha formidável contra o deserto.⁹²

Como vemos, Euclides da Cunha detinha uma íntima ligação com a engenharia, observando-a como atividade própria de vanguarda. Entretanto, estudiosos da obra e vida euclidiana destaca uma relação dicotômica vivenciada pelo mesmo em relação ao seu ofício, relação esta um pouco desgastada devido ao seu próprio código moral que regia a sua conturbada relação com a política e com o mundo público, muito motivada pelas críticas, como as já destacadas, ao estado e seus agentes. Devido a isso, muito perdeu, mas permaneceu com o seu destaque para a ciência nacional. Referente ao papel desempenhado pela na engenharia na vida de Euclides da Cunha, dois importantes estudiosos da vida e obra do autor, Ventura e Abreu, emitem conclusões distintas.

Mesmo detendo os princípios da engenharia e os seus reflexos que o seguiram por toda a vida, a exemplo do pensamento positivista, na compreensão de Ventura⁹³, Euclides da Cunha observava a atividade em si como “um ofício rude e inadequado, que lhe tolhia

⁹¹ CUNHA, Euclides. **Olhemos para os sertões**. Jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo, 18 e 19/março/1902. In: CUNHA, Euclides. *Obra completa*. Vol. 01. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Cia. José Aguiar Editor, 1966, p. 504.

⁹² CUNHA, Euclides da. **Contrastes e Confrontos**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 36.

⁹³ VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

a imaginação e impedia-o de se dedicar ao exercício literário, ou, ao menos, à docência”⁹⁴, como também certificada em carta endereçada a Max Fleiuss⁹⁵. Concebemos tal conclusão como algo que supera os limites da atividade da engenharia, mas podendo atingir a formação do engenheiro, podendo, inclusive surgir como crítica ao próprio positivismo clássico, que sempre evitara o subjetivismo. Essa busca pelo exercício literário e pela docência, em detrimento da atividade rude e inadequada, pode ser vista como crítica ao pensamento científico da época que nada admitia como científico se não fosse testado e comprovado. O pensamento literário é em nada científico, conforme a concepção clássica do termo, mas garante ao intelectual uma transcendência que a ciência positiva não pode contemplar. Já o caráter rude e inadequado pode ser caracterizado pela aplicação não tão reflexiva da técnica, e inadequada, devido aos próprios princípios da profissão.

Divergindo de tal reflexão, Abreu defende que a engenharia foi “fundamental na vida de Euclides”⁹⁶, sendo até evidenciado certo entusiasmo⁹⁷, pois ele “se identificou com o que havia de mais moderno na época e, fundamentalmente, com uma profissão que era necessário um instrumento científico e um conhecimento técnico, o que muito prezava”⁹⁸. De fato, podemos extrair meias verdades de cada defesa ou oposição do papel da engenharia na vida de Euclides. Visualizando a sua vida, observa-se que o início foi de deslumbramento e que, do meio para o fim de sua vida, o pensador foi enxergando a dura realidade que estava vivendo. Sem oportunidades^{99 e 100}, a engenharia perdia aquele encanto e tornava-se um fardo. Somado a isso, a subordinação ao estado, além do mais frente aos sucessivos erros estratégicos do governo, fez com que o encantamento¹⁰¹ fosse minimizado. Entretanto, não há como negar o papel intelectualmente formador da Escola

⁹⁴ MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 113.

⁹⁵ CUNHA, Euclides da. **181 A Max Fleiuss**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 922-923.

⁹⁶ ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998, p. 100.

⁹⁷ CUNHA, Euclides da. **45 A João Luís Alves**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 818-819.

⁹⁸ ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998, p. 100.

⁹⁹ CUNHA, Euclides da. **186 Coelho Neto**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 925-926.

¹⁰⁰ CUNHA, Euclides da. **187 A Vicente de Carvalho**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 927-928.

¹⁰¹ CUNHA, Euclides da. **43 Ao Dr. Bueno Brandão**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 816.

Politécnica para o pensamento euclidiano. Nesse entendimento de uniformizar e focalizar distintas visões, é perceptível essa dúbia relação que Euclides da Cunha vivenciava com a engenharia e destaca a convergência existente entre a engenharia e a literatura na vida do escritor¹⁰².

Frente a esse desânimo, buscou se aventurar em projetos de alto impacto. Assim foi com a expedição a Canudos e depois a Amazônia, pois trazia consigo o entendimento que o país necessitava de verdadeiros projetos, projetos estes de grande magnitude que promovesse a interligação de todo o território brasileiro, bem como a população de cada região¹⁰³. Perdido o encantamento pela engenharia, Euclides da Cunha tornava-se, após o lançamento de *Os Sertões* (1902), “repentinamente, em escritor, sem padrinhos, apenas com a arma do talento e do mérito¹⁰⁴”, como assim se reconhece em carta endereçada ao seu pai, na data de 25 de fevereiro de 1903¹⁰⁵. Mas só assim Euclides da Cunha galgaria um destaque junto àqueles que detinham alguma espécie de poder ou privilégio, pois, se fosse necessário qualquer exercício moral irregular para manipular regramentos e assim atingir uma ascensão social¹⁰⁶, ele seria considerado um inapto. Incapaz de transgredir o seu próprio código de honra que, devido ao seu extremo rigor intransigente, era conhecido como inflexível, Euclides da Cunha viu na literatura uma oportunidade não vista na engenharia. Devido a esse comportamento austero ficou caracterizado por Ventura como um “eterno insatisfeito”¹⁰⁷, visto a sua frequente criticidade, por Costa Lima¹⁰⁸ como um deslocado entre os intelectuais de sua geração, e, por Souza, como “um *outside* louvado e admirado, mas um *outside*”¹⁰⁹.

¹⁰² MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção**: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, (p. 116).

¹⁰³ ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998, (p. 92).

¹⁰⁴ ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998, p. 233.

¹⁰⁵ CUNHA, Euclides da. **117 A Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 879.

¹⁰⁶ SOUZA, Ricardo Luiz de. **Identidade Nacional e Modernidade Brasileira**: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 75.

¹⁰⁷ VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 253.

¹⁰⁸ LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário**: razão e imaginação no Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 201.

¹⁰⁹ SOUZA, Ricardo Luiz de. **Identidade Nacional e Modernidade Brasileira**: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 72.

O incomodo frente as concepções vivenciadas do século XIX, bem como a sua frequente e ácida crítica ao modelo de nação que o governo brasileiro pregava até o momento constituíam combustível de relevante valia para as críticas de Euclides da Cunha, bem como o inaugurar de uma vertente teórica e principalmente ideológica de revigoramento e redirecionamento das políticas governamentais para a construção e evolução real do Brasil. Nesse sentido, Euclides da Cunha corresponde a um visionário, pois pregava uma implementação das teorias da época a partir da realidade brasileira, sempre com o intuito de fomentar o crescimento do país como um todo, sem abandono de regiões em detrimento de outras. O avanço nacional uniforme garante a homogeneidade do país, apesar das suas diferenças que correspondem a diversidade que caracteriza a nossa formação. Outro ponto de destaque, e de crédito para Euclides da Cunha, é a sua relação para com a natureza, fato que nos leva a seguinte indagação: seria Euclides da Cunha um ecocrítico?

3.3 Euclides da Cunha: o primeiro brasileiro ecocrítico?

A natureza corresponde ao objeto preferido de Euclides da Cunha, afirmamos isso ao observarmos que o meio natural corresponde a elemento central nas suas discussões. A partir de suas observações e análises, consegue visualizar que o país, com o surgimento do republicanismo enfrentará situações de desconforto frente a solidariedade sul-americana. Isto consta nas disposições explicitadas na crônica *Solidariedade Sul-Americana* (1907), onde o mesmo permanece a discutir os rumos do desenvolvimento nacional. Com o passar da discussão, observa-se que essa esperada solidariedade é, na verdade, utópica. Sendo assim, Euclides da Cunha propõe o isolamento como forma de aceleração da modernização, e dessa maneira “sigamos – no nosso antigo e esplêndido isolamento – para o futuro; e, conscientes da nossa robustez, para a desafronta e para a defesa da Amazônia, onde a visão profética de Humboldt nos revelou o mais amplo

cenário de toda a civilização da terra”¹¹⁰. A partir dessa concepção da Amazônia como elemento essencial para o futuro e carente de proteção, Euclides da Cunha ratifica a sua proposta comprometida com a natureza. A natureza, na sua ideologia, podemos inferir que não corresponde apenas a uma paisagem natural que espera pela modificação a ser realizada pelo homem, mas é um Outro que pode garantir mudanças positivas para a sociedade, se assim souber respeitá-la. E mais, perante os problemas que surgiam com o vizinho Peru, o autor já anunciava o risco que a região passava, principalmente com os constantes avanços por parte dos caucheiros, no extrato do caucho¹¹¹.

Ao relatar a influência da natureza na construção estética de Euclides da Cunha, precisamente em *Os Sertões* (1902), Santana enfatiza:

A antropomorfização da natureza, que desde a primeira parte do livro parece dotada de vontade e sentimento, e a associação natureza-sertanejo aparecem constantemente no texto euclidiano. A natureza é sempre uma aliada dos sertanejos, defendendo-os e amparando-os, e um inimigo dos soldados, que se apavoram diante do desconhecido. A natureza chega mesmo a participar da luta como no caso das catingas que “[a]rmam-se para o combate; agriDEM. Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias, para o matuto que ali e nasceu”.

Outras vezes a natureza não apenas combate, mas, ao mesmo tempo, fornece a munição de que necessitavam os sertanejos. Estes, às vezes, simplesmente deixam de agir a sua arma formidável, a terra, que ainda lhe oferecia “blocos esparsos ou arrumados em pilhas vacilantes prestes a desencadear o potencial de quedas violentas, pelos declives”, ou lhe facilitava o carvão, o salitre para o explosivo e lascas de pedras e ossos para substituir o chumbo, com o que não haveria de faltar a carga para a boca larga dos bacamartes.

Mas, acima de tudo, a natureza toda era a proteção do sertanejo, sob a qual o jagunço torna-se guerrilheiro intangível: “As caatingas não o escondem apenas, amparam-no”.¹¹²

¹¹⁰ CUNHA, Euclides da. **Contrastes e Confrontos**. In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 74.

¹¹¹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, (p. 40).

¹¹² SANTANA, José Carlos Barreto de. **Ciência e arte**: aspectos da construção do discurso científico em *Os Sertões*. In: BERNUCCI, Leopoldo M. Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 153.

Com essa longa, mas expressiva análise acerca da interface primada por Euclides da Cunha na qual encontram-se o homem nordestino e a natureza, Santana, deixa explícita a visão que, para a escrita euclidiana, a natureza não correspondia apenas a um pano de fundo, no qual, de fato, o que importava era a dinâmica dos sujeitos sociais a partir das suas interações. O que resta firmado aqui é que existe a relação homem-natureza de modo harmonioso, uma cumplicidade, um reconhecimento de pertencimento e, por consequência, de amparo da natureza em relação aquele que carece, naquele momento, de auxílio. Relação similar a esta contida em *Os Sertões* (1902) é possível ver em *À Margem da História* (1909), mas não numa circunstância de guerra, mas sim de respeito ao meio ambiente, precisamente quando Euclides da Cunha apresenta o fino trato com a natureza que é realizado pelo seringueiro e a predação feita pelo caucheiro. Diferentemente do primeiro texto euclidiano, em que a natureza salvaguarda os seus habitantes daqueles que vinha para os destruir, agora, em relação às crônicas amazônicas, o homem, o seringueiro, resguarda a natureza dos ataques de outros homens, os caucheiros.

Como percebemos, a particularização, bem como o esmiuçar, dos elementos naturais foram mecanismos decisivos para a instauração do pensamento modernizante euclidiano. Por meio dos seus textos é visível o denunciar da exploração do espaço natural, dos sujeitos lá viventes, mas também é vislumbrada uma tentativa de união entre modernidade e a natureza, a partir da introdução da crônica *Transacreana*. O meio ambiente, de fato, consistiu uma fonte da singularidade nacional que era privilegiado na determinação da realidade cultural e social brasileira¹¹³, é assim, antes de mais nada, marca da identidade nacional e, sendo assim concebida, deve ter um olhar especial por parte do sistema político, necessitando de uma maior integração com o resto do país. Resgatando a figura do engenheiro, bem como o engenheiro Euclides da Cunha, Abreu enfatiza o seu papel frente a essa empreitada. Até então o “o pensamento reinante entre as elites na virada do século era de que a natureza devia ser transformada pelas forças do

¹¹³ ABREU, Regina. **Natureza, cultura, sertões**: o encontro de Euclides da Cunha e Araripe Júnior. In XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu (MG). 1998.

progresso e da civilização”¹¹⁴. O termo principal da época era transformar, e o intuito era visualizar “a natureza como um universo a ser controlado pelas forças da civilização, desprezando os povos que se deixariam *dominar* por ela”¹¹⁵. Ainda destaca Abreu, em momento de bastante reflexão, a relevância das observações de Araripe Júnior, em relação a *Os Sertões* (1902), que divergem dessa perspectiva da época em relação a natureza. O meio ambiente é destacado por Euclides da Cunha como sendo positivo, principalmente pelas suas características de isolamento, primitividade, virgindade¹¹⁶.

Todas essas considerações acerca da natureza euclidiana convergem para a ideia de natureza como um Outro defendida pela Ética Ecocrítica, como encontrado em estudiosos como Glotfelty¹¹⁷ e em Garrard¹¹⁸. A presente tendência concebe que, diante da crise ambiental em que vivemos na contemporaneidade, faz-se necessário que a sociedade como um todo busque estabelecer mecanismos reflexivos e práticos que intensifiquem as extremas interações que existem entre o humano e o meio no qual ele vive¹¹⁹, sempre mantendo o viés interdisciplinar. Nesse diapasão, a literatura não pode ser desprezada, mantendo ela também laços comunicativos com a Ecocrítica. Alves, identifica que “a ecocrítica analisa a forma como as imagens, símbolos e metáforas do mundo físico presentes nos textos literários, as atitudes dos narradores, das personagens ou mesmo dos autores, refletem paradigmas culturais”¹²⁰.

Essas concepções ambientais em tese sinalizam para o entendimento euclidiano de natureza, como já destacada no discurso de Araripe Júnior, pois, assim como a

¹¹⁴ ABREU, Regina. **Natureza, cultura, sertões**: o encontro de Euclides da Cunha e Araripe Júnior. In XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu (MG). 1998, p. 15.

¹¹⁵ ABREU, Regina. **Natureza, cultura, sertões**: o encontro de Euclides da Cunha e Araripe Júnior. In XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu (MG). 1998, p. 15.

¹¹⁶ ABREU, Regina. **Natureza, cultura, sertões**: o encontro de Euclides da Cunha e Araripe Júnior. In XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu (MG). 1998.

¹¹⁷ GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold. **The Ecocriticism Reader: landmarks in literary ecology**. Athens/London: The University of Georgia Press, 1996.

¹¹⁸ GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

¹¹⁹ ALVES, Isabel Maria Fernandes. **Gardens in the Dunes**: Indigenismo, natureza e poder em perspectiva ecocrítica. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 100, 2013, p. 213-234, (p. 213).

¹²⁰ ALVES, Isabel Maria Fernandes. **Gardens in the Dunes**: Indigenismo, natureza e poder em perspectiva ecocrítica. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 100, 2013, p. 219.

Ecocrítica, na concepção de Alves¹²¹, compreendemos que Euclides da Cunha tem objetivo central discutir relações entre homem e meio natural, a partir de um pendor ético. Frente ao despreparo estratégico dos governos nacionais que se sucediam, a crítica euclidiana enfatiza que o descaso com o sertão nordestino e com a floresta amazônica era motivado por uma perspectiva política. De igual modo, a Ecocrítica adquiriu sentido político e ético quando iniciou a propagação dos discursos ambientalistas, principalmente no século XX¹²². De fato, um homem bem à frente de seus dias. Nesse caso, Euclides da Cunha antecipa no Brasil alguns postulados, hoje considerados, tais quais, o fracasso da modernidade em prover soluções.

Destarte, o compromisso ecocrítico pode ser entendido a partir de dois prismas: “o propósito de num texto literário salientar e analisar a existência de múltiplas relações entre o ser humano e o mundo físico ali representado e, paralelamente, um compromisso real para com esse mundo natural, que, no sentido que aqui lhe é atribuído, significa ambiente, ambiente construído”¹²³. A relação ideal entre homem e meio ambiente para Euclides da Cunha é o de proteção da natureza, consoante com a promessa de desenvolvimento nacional, pois, como já vimos, o futuro está para o Brasil. Mas, após todas essas considerações, podemos enfim classificar a escrita euclidiana como a primeira reflexão nacional de cunho ecocrítico?

Após breve análise acerca da relevância dos estudos ecocríticos no que tange a defesa do meio ambiente, bem como o destaque feito referente a possível aproximação da concepção euclidiana frente tais estudos, atingimos a indagação acima evidenciada. Para constatar a veracidade da colocação, utilizaremos por base o nosso *corpus*, *À Margem da História* (1909), a partir das colocações emitidas por Madan, onde consegue visualizar, no pensamento euclidiano as marcas da ecocrítica. Euclides da Cunha, a partir do seu modo de ver a realidade amazônica que se mostrava a sua frente, a sua magnitude, os seus problemas, a sua necessidade de amparo perante as atividades degradantes dos seringais e dos caucheiros. Frente a essa nova perspectiva para com a natureza e os seus

¹²¹ ALVES, Isabel Maria Fernandes. **Gardens in the Dunes**: Indigenismo, natureza e poder em perspectiva ecocrítica. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 100, 2013, p. 219.

¹²² BUELL, Lawrence. **The Future of Environmental Criticism. Environmental Crisis and Literary Imagination**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, (p. 139).

¹²³ ALVES, Isabel Maria Fernandes. **Gardens in the Dunes**: Indigenismo, natureza e poder em perspectiva ecocrítica. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 100, 2013, p. 220.

elementos, podemos afirmar que Euclides da Cunha antecipa as ideias que depois viriam a ser trabalhadas pela Ecocrítica. A leitura que podemos fazer de seus atos pode sim ser uma leitura simpática a Ecocrítica, pois, como afirma Compagnon

O texto tem, então, um sentido original (o que ele quer dizer para um intérprete contemporâneo) mas, também, sentidos ulteriores e anacrônicos (o que ele quer dizer para sucessivos intérpretes): ele tem uma significação original (ao relacionar o seu sentido original com valores contemporâneos), mas também significações ulteriores (relacionados a todo momento, seu sentido anacrônico com valores atuais. O sentido ulterior pode identificar-se com o sentido original, mas nada impede que dele se afaste, o que também ocorre com a significação ulterior e a significação original.¹²⁴

O texto euclidiano detém uma complexidade interdisciplinar que compreende a sua atualização com o avançar do pensamento científico. A implementação de uma abordagem ambientalista no texto de Euclides da Cunha não chega a descaracterizar a escrita do mesmo, vem a somar, a somar um pensamento que, como vemos ratificando frequentemente, estava bem à frente dos seus contemporâneos. Sendo assim, bem possível explicitar o seu papel de defensor das questões ambientais, mas sempre ligando-as ao anseio pelo desenvolvimento.

Num texto bastante articulado, recente e bem referenciado, inclusive com textos outros que tratam da Amazônia e da ambição humana pelo local inóspito, a crítica Aarti S. Madan analisa por bem aplicar a ecocrítica nos estudos de Euclides da Cunha e considera o brasileiro como um dos maiores ambientalistas que até então o Brasil já teve. Madan imprime uma nova leitura da ecocrítica, não uma ecocrítica de base norte-americana ou européia, como são as maiores reflexões e difusões do estudo, mas um estudo voltado para o Sul Global que passa a analisar a realidade vivenciada pelos países compreendidos como subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, a exemplo do Brasil.

Madan, desde o início de suas considerações, evoca dois brasilianistas que trabalham acerca dos estudos euclidianos, são eles: Rex Nielson e Lúcia Sá. Em relação

¹²⁴ COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 87.

ao primeiro, aproxima-se, já em relação a segunda, distancia-se e tece críticas à sua visão. Mas mesmo assim, ainda apresenta Euclides da Cunha como um intelectual conservador, cuja perspectiva sobre o povoamento da Amazônia e a sua conservação é bastante ambígua. No seu estudo é explorada uma ideia que Euclides da Cunha, através da sua escrita própria, dramatiza a cartografia do encontro entre o ocidente capitalista e o outro¹²⁵, aqui, o Outro é a própria natureza n' *À Margem da História* (1909).

É destacado pela autora a atenção prestada por Euclides da Cunha para o binômio civilização e natureza e, essa questão, pode ser exemplificada a partir do destaque dado entre dois sujeitos amazônicos, quais sejam: os caucheiros peruanos e os seringueiros brasileiros¹²⁶. Desse modo, o símbolo de destruição do natural encontra-se presente nos caucheiros peruanos, pois os mesmos utilizam como mecanismo para a extração da borracha natural a (des)necessária “técnica” da derrubada de árvores. Essa é um meio danoso porque põe em risco a durabilidade do trabalho de extração. Em sentido diverso, os seringueiros brasileiros extraem a borracha natural a partir de cortes em forma de ‘V’ e colocam potes para recolher o líquido assim, não precisavam promover a derrubada de árvores e, ao mesmo tempo, prolonga a vida útil de sua atividade laboral, uma vez que mantém a floresta quase que intacta, ao contrário dos caucheiros peruanos. Esse procedimento de cuidado com a árvore da qual extrai o látex é o que vem a endossar a concepção pronunciada por Madan de sustentabilidade a ser aplicada aos seringueiros nacionais.

Num momento seguinte, é destacado o possível enquadramento de um Euclides da Cunha ecocrítico, além de ser evidenciada a ineficiência da Ecocrítica tradicional para

¹²⁵ “In this article, I aim to explore the ways in which Euclides da Cunha dramatizes the cartographic encounter of the imperialist West with the otherness of the Brazilian Amazon in his collection of essays *The Amazon: Land Without History* (1909)”.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's *The Amazon Land Without History*. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 161.

¹²⁶ “More to the point, I argue that da Cunha looks to overcome the destruction of the Amazon's transient rubber industry – most visibly characterized by the deforestation of the Peruvian *caucheros* – by naming and demarcating the territory of the Brazilian *seringueiros*, tappers known for their particular style of extracting rubber without felling trees”.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's *The Amazon Land Without History*. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 162.

vencer os estudos euclidianos. Nesse caso o estudo de Madan se coloca como relevante, pois adentra numa necessidade existente que é a carência de estudos que priorizem os diálogos / as problemáticas entre sociedade e ecologia no Sul Global¹²⁷, um entendimento também por nós partilhado. Ao retratar a motivação da ida de Euclides da Cunha para o norte do Brasil, Madan elenca alguns pontos chave para a análise do texto euclidiano. Esses pontos perpassam as questões que atingem várias vertentes da sociedade brasileira e da relação do país com os demais vizinhos, destaquemos algumas dessas observações proferidas:

a) relativas a demarcação das fronteiras do Brasil:

A partir de 1893-1909 - mais ou menos 16 anos - Rio Branco tinha redefinido com sucesso as fronteiras do Brasil por avançar em grandes extensões o que havia sido demarcado pelo Tratado de Tordesilhas 1494, mas contestadas depois. Através desta diplomacia, a terra recém-adquirida - um pouco da Bolívia, um pouco do Uruguai e Peru, ainda mais a partir de Argentina -Aumento do território brasileiro por uma área do tamanho da França. Fronteira gradualmente expandindo de Rio Branco, juntamente com a sua súbita expansão da Marinha do Brasil, causando ansiedade em toda a região, o que levou mais disputa territorial. Embora a conquista contou com palavras em vez de guerras, a expansão do Brasil foi, compreensivelmente, litigiosa e com arbitragem externa, muitas vezes necessária. Dois anos antes da Amazônia: Terra Sem História, por exemplo, da Cunha havia publicado sua avaliação de uma disputa de terras entre Peru e Bolívia, traduzido para o espanhol como La cuestión de límites entre Bolivia y el Perú (1907) e arbitrado pelo governo argentino. O governo brasileiro, que encomendou da Cunha liderada por Rio Branco - não podia deixar de defender os direitos da Bolívia no caso, pois, se o Peru fosse vencer, então o Brasil perderia território no Estado do Acre.¹²⁸ (tradução livre)

¹²⁷ “Ultimately, my reading of da Cunha demonstrates that traditional ecocritical theory may not suffice for understanding the fault lines between society and ecology in the Global South, where a history of creative destruction and murky borders necessitate unconventional ecological solutions”.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha’s The Amazon Land Without History. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 163.

¹²⁸ “From 1893–1909 — over a mere sixteen years — Rio Branco had successfully redefined the borders of Brazil by inching into large tracts that had been demarcated by the 1494 Treaty of Tordesillas but disputed thereafter. Through this diplomacy, the newly acquired land — a little from Bolivia, a bit from

b) o papel dos bandeirantes e das missões religiosas:

Ao relatar esses episódios de arbitragem relacionada expansão - especialmente em relação da borracha no estado do Acre - Eu pretendo situar da Cunha dentro de um momento caracterizado por discussões acaloradas sobre a demarcação de fronteiras, que é a tarefa que inicialmente colocou-o na Amazônia e levou os ensaios em análise. O Brasil tinha sido do lado vencedor de disputas territoriais, desde o tempo dos bandeirantes - os grupos de escravos de caça do século XVIII, XVII e que, ao longo de dois séculos de violência, expandiu o território Português com a ameaça de arcabuz. Mas com Misiones (o local das Cataratas do Iguaçu) apenas marginalmente venceu em 1895 e quase perdeu o Acre em 1907, a natureza frágil de linhas imaginárias riscadas em sujeira rapidamente se tornou muito claro; apenas delimitações textuais poderia criar a permanência necessário para uma fixação do estado.¹²⁹ (*tradução livre*)

Uruguay and Peru, still more from Argentina —increased the Brazilian territory by an area the size of France. Rio Branco's gradually expanding frontier, along with his sudden expansion of the Brazilian navy, caused anxiety across the region, prompting further territorial dispute. Although the conquest relied on words rather than wars, Brazil's expansion was understandably litigious and often necessitated external arbitration. Two years prior to *The Amazon: Land Without History*, for example, da Cunha had published his assessment of a land dispute between Perú and Bolivia, translated into Spanish as *La cuestión de límites entre Bolivia y el Perú* (1907) and arbitrated by the Argentine government. The Brazilian government that commissioned da Cunha —led by Rio Branco — could not but defend Bolivian rights in the case, for if Peru were to win, then Brazil would lose territory in the northwestern state of Acre”.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping:** Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's *The Amazon Land Without History*. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 164.

¹²⁹ “By recounting these episodes of expansion-related arbitration —particularly in relation to the rubber-laden state of Acre — I aim to situate da Cunha within a moment characterized by heated exchanges regarding border demarcation, which is the task that initially placed him in Amazonia and prompted the essays under examination. Brazil had been on the winning side of territorial feuds since the time of the *bandeirantes* — those seventeenth-and eighteenth-century slave-hunting groups who, over the course of two violent centuries, expanded Portuguese territory with the threat of harquebus. But with Misiones (the site of Iguazú Falls) only marginally won in 1895 and Acre nearly lost in 1907, the tenuous nature of imaginary lines scratched into dirt quickly became all too clear; only textual delineations could create the permanence necessary for a state fixation”.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping:** Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's *The Amazon Land Without History*. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 164.

c) os ciclos da borracha:

A discussão de Da Cunha provou, portanto, um complemento direto à agenda diplomática do Rio Branco na Amazônia. O Barão procurou impedir usurpação das *fronteiras mortas* do Brasil - "desinibida" e, portanto, territorialmente mal definidas, assegurando também o controle econômico da atividade natural mais lucrativa de recursos, que literalmente cresceram em árvores: borracha. Até a virada do século XX, o Brasil e os países que compartilham a bacia amazônica (ex: Bolívia, Venezuela e Peru), foram os únicos exportadores de borracha natural. De fato, durante o final do século XIX, o Brasil vendeu quase noventa por cento da borracha total comercializada no mundo.¹³⁰ *(tradução livre)*

d) definição do Brasil no século XIX-XX:

Como Susanna Hecht e Alexander Cockburn deixam claro, no entanto, "A corrida para a Amazônia brasileira era uma forma de construção da nação repleta de exploradores, flibusteiros, especuladores, mapas fraudulentos, espiões, plenipotenciários do século XIX, competindo e decisões judiciais contraditórias, e revolucionários românticos" (vii). Era, em suma, qualquer coisa, mas limpo. E cartografia foi em seu núcleo.¹³¹ *(tradução livre)*

e) a geopolítica da época:

¹³⁰ "Da Cunha's discursive practice thus proved a direct complement to Rio Branco's diplomatic agenda in the Amazon. The Baron sought to prevent encroachment upon Brazil's *fronteiras mortas* — "uninhabited" and therefore ill-defined territories—while also ensuring economic control of the day's most lucrative natural resource, one that literally grew on trees: rubber. Until the turn of the twentieth century Brazil and the countries that share the Amazon basin (i.e., Bolivia, Venezuela, and Peru), were the only exporters of natural rubber. In fact, during the late-nineteenth century, Brazil sold almost ninety percent of the total rubber commercialized in the world".

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's *The Amazon Land Without History*. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 164.

¹³¹ "As Susanna Hecht and Alexander Cockburn make clear, however, "Brazil's Amazon scramble was a nineteenth-century form of nation building replete with explorers, freebooters, speculators, fraudulent maps, spies, plenipotentiaries, competing and contradictory court judgments, and romantic revolutionaries" (vii). It was, in sum, anything but neat. And cartography was at its core".

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's *The Amazon Land Without History*. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 164.

Como essas múltiplas fronteiras turvas e territórios contestados mostram, um importante motor da mudança ambiental na Amazônia era - e é - a geopolítica, um termo que eu uso no sentido centrado no Estado mais clássico (seguindo Ratzel e Mackinder) para descrever territórios que lutam pelo controle do espaço . Fronteiras internacionais da Bacia Amazônica foram em grande parte definidas de acordo com a corrida aos recursos antes e durante a virada do ciclo da borracha.¹³² (*tradução livre*)

f) identidade e consolidação do território

Com fronteiras em fluxo, os estados tornaram-se cada vez mais preocupados como eles tentariam estabelecer identidades nacionais consistentes ao longo de seus territórios demarcados. A palavra escrita tornou-se apenas o veículo para definir não só a identidade brasileira singular, mas também para consolidar o seu território geográfico.¹³³ (*tradução livre*)

Vemos nas observações tecidas por Madan um olhar mais atento para temáticas marcadas na construção do pensamento euclidiano que ao mesmo tempo se porta como conservador e a frente de sua geração, em questões ligadas ao respeito ao ser humano e em favor da preservação do meio ambiente, sob um nacionalismo específico e original.

¹³² “As these multiple murky borders and contested territories show, an important driver of environmental change in Amazonia was—and is— geopolitics, a term I use in the more classic state-centered sense (following Ratzel and Mackinder) to describe territories wrestling for control of space. The Amazon Basin’s international boundaries were largely defined according to the scramble for resources before and during the turn of the Rubber Boom”.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha’s The Amazon Land Without History. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 165.

¹³³ “With borderlines in flux, states became increasingly concerned as they attempted to establish consistent national identities throughout their demarcated territories. The written word became just the vehicle to not only define a singular Brazilian identity but also to consolidate its geographic territory”.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha’s The Amazon Land Without History. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 165.

Mais a frente, Madan destaca, assim como Costa Lima¹³⁴ e Maia¹³⁵, a influência dos pensamentos de Humboldt para a edificação dos pressupostos defendidos por Euclides da Cunha. Realizando críticas, Madan, expõe o olhar humboldtiano para a América Latina e que corresponde a uma análise puramente eurocêntrica, qual seja: “Humboldt - o homem eurocêntrico primordial - via a América como matéria-prima, como espaço a ser ordenado a serviço da modernidade”¹³⁶(*tradução livre*). Aqui vemos como a América Latina era compreendida ainda no século XIX, quatro séculos após o seu ‘descobrimento’, como anexo de exploração para a Europa. Certos que esse modo de ver a América Latina não foi como um todo vencida, mas, atualmente, essa compreensão de submissão e de ‘matéria-prima’ para a Europa não prevalece com tanta força. A Europa, querendo ou não, não influencia mais tanto a América Latina. Alguns países voltam-se para os Estados Unidos da América e amarram-se noutro colonizador e outros aderem por tropeçar nas suas pernas e viverem à dura sorte. Uns conquistam ‘alguns avanços e prestígios internacionais’, outros estagnaram e outros tantos retrocederam. Destarte, resta a luta pela promoção do respeito mútuo, além da prevalência do princípio da autodeterminação dos povos ratificada por inúmeros tratados internacionais via Organização das Nações Unidas.

O olhar euclidiano para ambiente amazônico é expresso por uma oscilação entre o lamentar e o exaltar. E, nesse sentido, Madan destaca:

Todas as suas críticas à parte, para da Cunha, a Amazônia é autenticamente brasileira - e, portanto, merece ser escrita por um autêntico brasileiro - tanto que sua correspondência no local oscila entre lamentando a vasta extensão, a umidade, o perigo (ele às vezes manifesta grande preocupação por sua vida) e louvando a porta

¹³⁴ LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota**: a construção de Os Sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

¹³⁵ MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção**: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

¹³⁶ “Humboldt — the primordial Eurocentric man — views America as *materia prima*, as space to be ordered in the service of modernity”.
MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha’s The Amazon Land Without History. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 166.

amazônica de Manaus para além do Rio de Janeiro como uma janela de encaixe para o Brasil¹³⁷. (*tradução livre*)

A representação do outro também é retratada a partir das seguintes palavras: “Da Cunha revela-se assim tão profundamente afetado pela Amazônia, já que, em algum nível, a assemelha como melhor reflexão da alteridade brasileira”¹³⁸ (*tradução livre*). Fica ressaltado assim que a Amazônia é idealizada como o símbolo maior da alteridade nacional, onde o meio ambiente interage de modo a subsidiar as necessidades todas do ser humano, enquanto que este tem o dever ético de proteger a natureza e os seus componentes, como meio de perpetuar o meio e a si próprio.

Com o expor de suas considerações acerca do fazer euclidiano, bem como das preocupações retratadas pelo pensador brasileiro, Madan volta a descrevê-lo como um pensador que carrega consigo os postulados ecocríticos com a seguinte exposição e justificação:

Ele transcultura - na verdade, traz para a realidade do sul - o “discurso de gabinete”, como modelo de sustentabilidade: ela surge como uma espécie de cartografia conservacionista, separada e distinta do comercial e de exploração. Para da Cunha, parece haver uma conexão direta entre a liquidação da terra e preservando-a, de fato, historicizá-la por meio da população. Ele distingue entre “paisagens culturais”,

¹³⁷ All his criticisms aside, for da Cunha, Amazonia is authentically Brazilian — and therefore deserves to be written by an authentic Brazilian — so much so that his on-site correspondence fluctuates between deploring the vast expanse, the humidity, the danger (he at times expresses great concern for his life) and praising the Amazonian port of Manaus over and above Rio de Janeiro as a fitting window into Brazil.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's *The Amazon Land Without History*. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 167.

¹³⁸ “Da Cunha thus reveals himself as profoundly affected by the Amazon, seeing that, on some level, it is akin to and a better reflection of Brazilian otherness”.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's *The Amazon Land Without History*. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 167.

repleta de “os toques artísticos que o trabalho humano acrescenta:” e o oposto, que pontuam a Amazônia.¹³⁹ (*tradução livre*)

Além dessas questões, Euclides da Cunha é apresentado como opositor ao comércio da borracha que se estabeleceu no norte do Brasil, mas era um ferrenho defensor de uma política nacional em prol do povoamento da região amazônica brasileira, até mesmo para evitar uma perda de território para os países vizinhos¹⁴⁰. Acrescentada a essa crítica para a ausência de povoamento, Euclides da Cunha condena, segundo o mesmo autor, por vários nivelamentos a economia nascente e o colapso no ambiente amazônico¹⁴¹.

Com as presentes considerações observa-se que o traço euclidiano converge, tanto do ponto de vista ético, moral, filosófico e prático para tudo aquilo que anos depois a Ecocrítica viria a recomendar, estudar e criticar. Todas essas análises só vêm a ratificar os Euclides da Cunha que existiam de modo simultâneo. Ao mesmo tempo que era um homem de seu tempo, vinculado às teorias de sua época, Euclides da Cunha era um visionário, pois diuturnamente buscava inovar o seu pensamento, sempre mantendo uma

¹³⁹ “He transculturates — indeed, Southernizes — the “discourse of enclosure” as model of sustainability: it emerges as a sort of conservationist cartography, separate and distinct from the commercial and exploitative. For da Cunha, there appears to be a direct connection between settlement of the land and preserving it, indeed, historicizing it by means of population. He distinguishes between “cultivated landscapes,” replete with “the artistic touches that human labor adds” and the opposite, which punctuate the Amazon”.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha’s The Amazon Land Without History. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 168.

¹⁴⁰ “Euclides da Cunha was in no way averse to extractive commerce, particularly of a material so essential to Brazil’s growth. Like his European predecessors, he was convinced that the *fronteiras mortas* of the Amazon were mere nature, “vast, unpopulated, almost known” and therefore not only in need of population but also exploitation”

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha’s The Amazon Land Without History. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 169.

¹⁴¹ “With varying degrees of condemnation, da Cunha details a floundering economy whose powers have been extinguished in tandem with the slow collapse of the Amazonian environment”.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha’s The Amazon Land Without History. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 169.

teoria unida a prática e a vida em sociedade. Exerceu uma ciência reflexiva, que se retirava do comodismo dos escritórios e partia para o campo, para constatar se as teorias das quais simpatizava, efetivamente tinham impacto nas vidas dos homens.

Era um homem a frente de seu tempo, pois via nos pilares que sustentavam o republicanismo a oportunidade de alavancar de vez o Brasil rumo ao progresso. Não um progresso europeizado, mas um desenvolvimento brasílico, que congregasse todos os cidadãos, de todas as regiões do país, assim como a diversidade ecológica que só o nosso país é detentor. O seu olhar para a natureza foi um olhar dubio, como assevera Hatoum, em entrevista ao Jornal *O Globo*: “Ele é muito contraditório quando fala da natureza amazônica. É um movimento pendular. Ora ele é deslumbrado pela natureza, que ele chama de maravilhosa, portentosa, ora ela é uma natureza degradante, destruidora, uma espécie de inferno. Aí ele não sabe para onde vai. Mas critica a depredação da floresta”¹⁴². O fato de criticar a depredação da floresta, incentivar o povoamento da região, demonstrar o seu desprezo pelas condições horríveis de trabalho dos seringueiros, constituem-se como posições de prática ecocrítica, que ao mesmo tempo que busca uma melhor condição de vida para o homem, deseja o mesmo para o meio ambiente.

¹⁴² Pílulas dos cadernos literários. **Entrevista com Milton Hatoum**, de 15 de ago de 2009. Caderno Prosa e Verso. O Globo. 2009. Disponível em: http://canastradecontos.blogspot.com.br/2009/08/pilulas-dos-cadernos-literarios-5_18.html. Acesso em 07 de julho de 2014, às 15:55.

4 A ESCRITA DA NATUREZA N' À MARGEM DA *HISTÓRIA* (1909)

Página Vazia

Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente
Muitas cenas do drama comovente
De Guerra despiedada e aterroradora,

Certo não pode ter uma sonora
Estrofe, ou canto do ditirambo ardente,
Que possa figurar dignamente
Em vosso Álbum gentil, minha Senhora.

E quando, com fidalga gentileza,
Cedeste-me esta página, a nobreza
Da vossa alma iludiu-vos, não previstes

Que quem mais tarde nesta folha lesse
Perguntaria: “Que autor é esse
De uns versos tão malfeitos e tão tristes?”¹⁴³

Como já ressaltada, a preocupação de Euclides da Cunha com o meio ambiente foi anunciada desde a publicação d’*Os Sertões* (1902) quando expressamente apresenta o meio ambiente nordestino não mais como elemento figurativo, mas sim como um Outro

¹⁴³ CUNHA, Euclides da. **Página Vazia**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 488.

detentor de vontade, capaz de interagir e forçar situações aos sujeitos nele viventes. Desse modo, iniciemos destacando considerações acerca d' *Os Sertões* (1902), porém, como a aludida obra não corresponde ao objeto do nosso trabalho e diante das dimensões propostas, buscaremos ressaltar traços / momentos que possibilitam um trabalho comparativo da mesma com *À Margem da História* (1909), principalmente quando versa a respeito da natureza e dos sujeitos nela inseridos, visto que em ambos os textos Euclides da Cunha reafirma essa relação como elementos basilares de um projeto de nação, contribuindo assim nas discussões existentes sobre nação, o problema da identidade e os seus sujeitos.

Os Sertões (1902) encontra-se no rol das principais narrativas nacionais que exprimem de forma contundente idealização de construção de uma nação, além de ressaltar a relação existente entre o homem e o meio ambiente. Esse retrato euclidiano corresponde a um recorte da história nacional – os conflitos armados em Canudos – discutindo as investidas do exército nacional contra a comunidade local, abrangendo também questões ligadas aos aspectos morfológicos da região e as características do homem lá vivente, representando assim a incidência de dois Brasis¹⁴⁴. Nas palavras de Hermes é impossível analisar a revolta em Canudos, na perspectiva euclidiana, sem a devida apreciação do sertão e do sertanejo¹⁴⁵. Dessa forma, resta justificada a relevância de nossa perspectiva, pois, examinar esse sertão e esse sertanejo é detalhar o meio ambiente e o homem. Essa compreensão de união entre natureza e sujeito também é refletida n' *À Margem da História* (1909), dois sujeitos que encontram-se vitimados pela mão do Estado que se mostra omissa às necessidades existentes.

Em *A terra*, fazendo fortes remissões a questões ligadas a geografia, Euclides da Cunha apresenta ao leitor o cenário da narrativa que se inicia. No que tange ao relevo,

¹⁴⁴ HERMES, Mario Jorge da Fonseca. **Os militares e a política na República**: o episódio de Canudos. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. *Cadernos de Literatura Brasileira*. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*, nºs 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 233-265.

¹⁴⁵ HERMES, Mario Jorge da Fonseca. **Os militares e a política na República**: o episódio de Canudos. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. *Cadernos de Literatura Brasileira*. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*, nºs 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 233-265.

descreve desde as chapadas de Minas Gerais, até o aplainamento geral encontrado na costa do território da Bahia, vejamos:

O Planalto Central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior¹⁴⁶.

(...)

(...) até que em plena faixa costeira da Bahia, o olhar, livre dos anteparos de serras que até lá o repulsam e abreviam, se dilata em cheio para o ocidente, mergulhando no âmago da terra amplíssima lentamente emergindo num ondear longínquo de chapadas...¹⁴⁷

Os rios também são destacados, entre eles, o Vaza-Barris, que corta a região de Canudos. É destacada a fala de “um historiador” quanto ao rio São Francisco ao denomina-lo como “o grande caminho da civilização brasileira”¹⁴⁸, dizer que é partilhado por Euclides da Cunha. A descrição acerca dos rios é bastante rica, com comentários que perpassam a localização geográfica, atingindo até mesmo às marcas de erosão presentes neles. Destacamos o seguinte fragmento que corrobora com o acima destacado:

Como nos altos chapadões de São Paulo e do Paraná, todas as caudais revelam este pendor insensível com derivarem em leitos contorcidos e vencendo, contrafeitas, o antagonismo permanente das montanhas: o rio Grande rompe, rasgando-a com a força viva da corrente, a serra da Canastra, e, norteados pela meridiana, abrem-se adiante os fundos vales de erosão do rio das Velhas e do S. Francisco. Ao mesmo tempo, transpostas as sublevações que vão de Barbacena a Ouro Preto, as formações primitivas desaparecem, mesmo nas maiores eminências, e

¹⁴⁶ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 12.

¹⁴⁷ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 12.

¹⁴⁸ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 66.

jazem sotopostas a complexas séries de xistos metamórficos, infiltrados de veeiros fartos, nas paragens lendárias do ouro.¹⁴⁹

Já a respeito do clima, fica evidenciada essa dualidade de sensações térmicas, enquanto que os dias são extremamente quentes, as noites são frias; além do ar seco. O fenômeno da seca corresponde ao grande palco no qual o homem é subjugado às forças da natureza, fato este similar que ocorre na análise de Euclides da Cunha em relação a Amazônia que se mostra opulenta e com condições de delimitar as vidas dos sujeitos. Nesse ponto, vale destacar um fragmento da obra que faz destaque a essas características climáticas da região sertaneja, vejamos:

No ascender do verão acentua-se o desequilíbrio. Crescem a um tempo as máximas e as mínimas, até que no fastígio das secas transcorram as horas num intermitir inaturável de dias queimados e noites enregeladas.¹⁵⁰

(...)

O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão, e protegido por ela — braços largamente abertos, face volvida para os céus, — um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.¹⁵¹

(...)

E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranqüilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme — o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria — lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a secura extrema dos ares.¹⁵²

(...)

(...) A atmosfera ressequida e ardente conservava-lhes os corpos. Murchavam apenas, refogando a pele, e permaneciam longo tempo à

¹⁴⁹ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 13.

¹⁵⁰ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 27.

¹⁵¹ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 28.

¹⁵² CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 28.

margem dos caminhos — múmias aterradoras revestidas de fardas andrajosas...¹⁵³

No que tange a natureza como entidade ampla, no seu organismo como um todo, o escritor direciona a mesma inúmeras referências ao longo de toda a sua narrativa que direcionam uma concepção do meio ambiente como um Outro além das forças humanas. Associado a esse pensamento, o homem já é visualizado em comparação a elementos naturais, no caso a árvore, ao demonstrar o seu enfrentamento às adversidades, ligação está que é corroborada n' *À Margem da História* (1909).

(...). A terra sobranceia o oceano, dominante, do fastígio das escarpas; e quem a alcança como quem vinga a rampa de um majestoso palco, justifica todos os exageros descritivos — do gongorismo de Rocha Pita às extravagâncias geniais de Buckle — que fazem deste país região privilegiada, onde a natureza armou a sua mais portentosa oficina.¹⁵⁴

(...)

Entretanto, para leste a natureza é diversa.¹⁵⁵

(...)

(...) E por mais inexperto que seja o observador — ao deixar as perspectivas majestosas, que se desdobram ao Sul, trocando-as pelos cenários emocionantes daquela natureza torturada, tem a impressão persistente de calcar o fundo recém-sublevado de um mar extinto, tendo ainda estereotipada naquelas camadas rígidas a agitação das ondas e das voragens....¹⁵⁶

(...)

Na plenitude das secas são positivamente o deserto. Mas quando estas não se prolongam ao ponto de originarem penosíssimos êxodos, o homem luta como as árvores, com as reservas armazenadas nos dias de abundância e, neste combate feroz, anônimo, terrivelmente obscuro, afogado na solidão das chapadas, a natureza não o abandona de todo.

¹⁵³ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 286.

¹⁵⁴ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 12.

¹⁵⁵ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 13.

¹⁵⁶ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 21.

Ampara-o muito além das horas de desesperança, que acompanham o esgotamento das últimas cacimbas.¹⁵⁷

Em todas as citações acima destacadas vemos uma análise afirmativa acerca do ambiente natural elaborada por Euclides da Cunha. Adjetivos como “portentosa” e “diversa” demonstram uma proposta positiva sobre o meio natural. No terceiro fragmento, vemos o destaque para “torturada”, mas aqui não compreendemos que o respectivo adjetivo transmite um tom diminutivo, mas sim um demonstrativo de uma natureza que carece por ela mesma, pelas adversidades geradas pelo próprio meio. O quarto fragmento, para nós, apresenta-se como o de maior densidade, pois além de apresentar a resistência do homem comparada com a de uma árvore – “o homem que luta como as árvores”¹⁵⁸ –, a natureza é posta como sendo uma guardiã do homem que nela vive, assim, fica desde logo demonstrado a comunhão, a irmandade, existente entre o meio ambiente local e o homem nordestino. Com efeito, podemos conceber que mesmo havendo uma dialogia nos seus pontos de vista, Euclides da Cunha propõe uma readequação ideológica em relação aos seus influenciadores europeus e que essa nova compreensão da realidade nasce a partir de sua primeira obra. Para isso, consideramos que desde sempre o autor veio imprimindo na sua literatura um modo diferente, mais racional e ambientalista, de ver a interface existente entre o homem e a natureza, bem como em relação a natureza e ela mesma.

Contemplando todas as realidades acerca do meio ambiente que encontram-se grafadas n’*Os Sertões*, Moraes assevera que “o sertão não se constitui, portanto, como uma materialidade criada pelos grupos sociais em suas relações com os lugares terrestres. Ao contrário, a invisibilidade da presença humana é muitas vezes levantada como um traço característico desses espaços, não raros definidos como ‘vazios demográficos’ ou ‘terras desocupadas’”¹⁵⁹. Conforme essa leitura podemos atestar que o meio ambiente nordestino, sob a ótica euclidiana, é um Outro que não está passivo as alterações, não

¹⁵⁷ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 42.

¹⁵⁸ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 42.

¹⁵⁹ MORAES, Antônio Carlos Robert. **O Sertão**: um “outro” geográfico. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. *Cadernos de Literatura Brasileira. Edição especial, comemorativa do centenário de Os sertões*, nºs 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 360-369.

encontra-se a espera do homem para alterá-lo, assim como o espaço amazônico. A natureza é relevante por ela mesma, independentemente da materialidade do homem ou não no seu espaço, pois na sua vontade vai realizando mudanças. Ademais, como a tecnologia a época era praticamente inexistente, a efetivação da civilização nas áreas inóspitas correspondia a uma aventura, pois, pelos próprios espaços geográficos, representava um advento complexo e distante.

Na segunda etapa da obra, *O homem*, são anunciados e caracterizados os sujeitos que estarão presentes ao longo de toda a narrativa, sendo eles: o jagunço e o sertanejo nordestino; este último, quando retratado n' *À Margem da História* (1909), simbolizará a realização de uma diáspora. Relevante é a definição, por comparação, feita por Euclides da Cunha em relação ao jagunço quando trata também do gaúcho, averiguemos:

O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro.

Raro assume esta feição romanesca e gloriosa. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como for.

Está afeiçoado aos prélios obscuros e longos, sem expansões entusiásticas. A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Guarda-a como capital precioso. Não desperdiça a mais ligeira contração muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula friamente o pugilato. Ao "riscar da faca" não dá um golpe em falso. Ao apontar a lazarina longa ou o trabuco pesado, dorme na pontaria...¹⁶⁰

As características do jagunço são anunciadas por meio de qualificadoras como a tenacidade, a resistência, bem como o perigo, a força e a dureza. A sua busca pelo inimigo constitui a coragem que é marca desse sujeito que corresponde a um dos mais significativos personagens locais. O sertanejo nordestino também tem seus atributos bem ressaltados em várias passagens.

¹⁶⁰ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 80.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.¹⁶¹

Diante dessas colocações, compreende-se o sertanejo como sendo um sujeito de alto valor para a composição do próprio sertão nordestino, do nordeste, de igual forma como o seringueiros será para o norte. Perante o enaltecimento do homem local e da tessitura de elogios perante a força, a coragem e a inteligência do sertanejo, Euclides da Cunha apresenta críticas, no nosso entender, não ao povo, mas as estruturas do poder, pois, como destaca Hermes, a “nova raça inteligente, forte e corajosa”, descrita pelo autor d’*Os Sertões* (1902), era “deserdada, abandonada pelo poder público e principalmente pelos políticos profissionais, que sempre tiveram o objetivo de conservá-la ignorante, para melhor dela se utilizar. Não é dessa maneira que se constrói uma grande nação”¹⁶².

Essa questão destacada por Hermes, acerca da construção da nação, está marcada em toda a escrita euclidiana, pois não há como pensar em integração, em projeto de nação se o Estado, o poder público não comparece realizando políticas públicas de integração. Sempre denuncia Euclides da Cunha a existência apenas de grupos políticos descompromissados com o bem público, com o desenvolvimento, mas apenas preocupados em se manterem próximos do poder.

O viver perante a adversidade do meio ambiente local agrega a essência do homem local maiores adjetivações. O sertanejo passa a ser compreendido como sujeito relevante para entender as implicações de sua inserção no debate sobre identidade nacional¹⁶³. O

¹⁶¹ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003, p. 77.

¹⁶² HERMES, Mario Jorge da Fonseca. **Os militares e a política na República**: o episódio de Canudos. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. *Cadernos de Literatura Brasileira. Edição especial, comemorativa do centenário de Os sertões*, nºs 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 237.

¹⁶³ OLIVEIRA, Ricardo de. **Euclides da Cunha e a invenção de um Brasil profundo**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002, p. 511-537.

sertanejo e o seu âmago contribuem de forma incomensurável para a idealização do que vem a ser o brasileiro.

Outro ponto de diálogo entre as obras euclidianas aqui destacadas ao papel que os governos centrais do Brasil desempenham frente as regiões. N' *Os Sertões* (1902) a crítica fica mais marcada quando Euclides da Cunha muda a sua perspectiva em relação a ação das tropas republicanas. De favorável a intervenção, passa a ser contrário. Essa virada de análise acerca da comunidade conselheirista vem a ser defendida por Euclides da Cunha quando investiga as sucessivas incompetências das tropas do governo nacional, bem como quando concebe os impactos do crescimento da comunidade junto as elites regionais. Diante desses dois elementos, Euclides da Cunha vê que a comunidade de Canudos promovia uma luta contra a miséria e as injustiças que assolavam a região e que permaneciam inalteradas, devido ao silenciamento do Estado¹⁶⁴. A religião era para a população como antídoto contra as desgraças que o pobre povo local não conseguia combater e vencer. N' *À Margem da História*, como veremos, haverá um descomprometimento estatal em povoar e promover o desenvolvimento no local.

Concluída a seção que introduz os sujeitos que integram a narrativa, o autor expõe os fatos que corresponde ao terceiro momento, *A luta*. Momento em que expõe com minúcias os quatro momentos de enfrentamento entre civis e militares, culminando no massacre de Canudos. Relevante análise profere Hermann quando destaca que, antes de mais nada, o advento do conflito entre a comunidade liderada por Antônio Conselheiro e o poder público, se deu unicamente por questões pessoais, por uma querela que envolvia o próprio beato e o juiz da região¹⁶⁵. Nesse sentido, Hermes evidencia a desnecessidade da instauração da Guerra de Canudos e, ao evocar Calasans, destaca que “o Exército entrou de gaiato na guerra”. O que se sucedia na localidade era uma intensa transmissão de boataria, sensacionalismo e inverdades, nas quais estavam marcando presença as esferas político-administrativas da Bahia e a cúpula da Igreja Católica da Bahia. A

¹⁶⁴ HERMANN, Jacqueline. **Canudos destruído em nome da República**: uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. Revista *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996, p. 81-105.

¹⁶⁵ HERMANN, Jacqueline. **Canudos destruído em nome da República**: uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. Revista *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996, p. 81-105.

intromissão do exército nacional apenas expressou quão despreparado estava a entidade para ingressar numa celeuma de tal magnitude¹⁶⁶. As críticas disparadas por Euclides da Cunha para o descaso em que estava envolta a região sempre direcionavam os governos como instituições, em nenhum momento particularizava os individualizava em direção aos gestores, mantendo-se assim distante das querelas locais que existiam¹⁶⁷.

Ficam demonstrados na narrativa euclidiana que os pontos favoráveis aos sertanejos foram as adversidades promovidas pelo próprio meio ambiente, visto o desconhecimento das tropas nacionais, foi determinante para o fracasso nas operações, mas sempre aliado com o despreparo militar e estratégico que os pelotões expressavam. O que fica bem registrado, possivelmente motivado pelo desconforto de Euclides da Cunha com o procedimento militar efetivado na região, é descrédito no plano nacional devido a repercussão negativa das investidas militares em Canudos. O perigo estava iminente e a República estava cada vez mais temerosa quanto ao fim do imbróglio fomentado a partir dessas três expedições rumo às terras baianas. Apesar desse cenário de apreensão, Euclides da Cunha via na tragédia protagonizada uma faísca de esperança, pois observava no episódio a possibilidade de ser testada e “provada a fé republicana”¹⁶⁸. Todavia, com a sucessão dos acontecimentos, a esperança virou crítica a esse regime que não atribuía a assistência necessária aos seus nacionais, apresentando aos mesmos, em contrapartida, o seu exército, realizando aniquilamentos.

Toda essa experiência euclidiana nos sertões baianos foi de fundamental importância, pois consolidou duas compreensões: a) foi através da expedição a Canudos que Euclides da Cunha pode, enfim, ter o reconhecimento da sua intelectualidade singular perante os críticos da época e assim tornou-se um escritor que, de fato, demarcou períodos na literatura nacional, pois consolidou a busca por um estudo aprimorado referente a

¹⁶⁶ HERMES, Mario Jorge da Fonseca. **Os militares e a política na República**: o episódio de Canudos. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. *Cadernos de Literatura Brasileira. Edição especial, comemorativa do centenário de Os sertões*, nºs 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 233-265.

¹⁶⁷ CARVALHO JÚNIOR, Álvaro Pinto Dantas de. **Os sertões e os grupos oligárquicos baianos**. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. *Cadernos de Literatura Brasileira. Edição especial, comemorativa do centenário de Os sertões*, nºs 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 266-287.

¹⁶⁸ CUNHA, Euclides da. **60 A João Luís Alves**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 837.

identidade nacional; e b) de defensor tenaz do republicanismo, após presenciar os excessos e impudências do exército brasileiro, bem como da estrutura político-administrativa nacional falida que geria o Brasil, Euclides da Cunha passou a tecer inúmeras críticas¹⁶⁹. Observamos que o mero termo “denunciou”, destacado por Ventura¹⁷⁰, para explicitar os feitos de Euclides da Cunha n’*Os Sertões* (1902) anuncia no mesmo texto literário uma oposição as posturas tidas pelo governo, oposição também a ser caracterizada n’*À Margem da História* (1909), motivada pelo descaso. Desse modo, a primeira causa que destacamos gera reconhecimento a Euclides da Cunha, a segunda constitui o calo do autor que, devido os seus posicionamentos, passa a ser visto com ‘olhos tortos’.

Destarte, *Os Sertões* (1902) corresponde a um turbilhão de conceitos e significações de como ver o homem e o ambiente natural do nordeste brasileiro, além dos atos republicanos. Como sintetiza Ventura, Euclides da Cunha finaliza o seu olhar para a realidade de Canudos imprimindo um pensamento bastante significativo acerca da natureza local, pois não o concebe apenas como espaço onde transcorre as suas observações, mas sim como espaço simbólico que “projeta sombras e imagens sobre a narrativa”¹⁷¹.

De igual modo, com bastante relevância, vê o homem sertanejo, pois “glorificou o mestiço do sertão, que apresenta vantagem sobre o mulato do litoral, devido ao isolamento histórico e ausência de componentes africanos, que tornariam mais estável sua evolução racial e cultural”¹⁷², atribuindo ao mesmo um *status* até então não concebido, apesar dessa exaltação toda ter se dado por meio de uma concepção ambígua¹⁷³. De igual

¹⁶⁹ HERMANN, Jacqueline. **Canudos destruído em nome da República**: uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. Revista *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996, p. 81-105.

¹⁷⁰ “Foi uma guerra de extermínio, que Euclides da Cunha denunciou em *Os Sertões*, publicado cinco anos após a destruição da comunidade”.

VENTURA, Roberto. **Do mar se fez o sertão**: Euclides da Cunha e Canudos. (2015). Disponível em: < <http://www.albertolinscaldas.unir.br/mar.html>>. Acesso em 15 de jan de 2015.

¹⁷¹ VENTURA, Roberto. **Do mar se fez o sertão**: Euclides da Cunha e Canudos, (2015), p. 05. Disponível em: < <http://www.albertolinscaldas.unir.br/mar.html>>. Acesso em 15 de jan de 2015.

¹⁷² VENTURA, Roberto. **Do mar se fez o sertão**: Euclides da Cunha e Canudos, (2015), p. 06. Disponível em: < <http://www.albertolinscaldas.unir.br/mar.html>>. Acesso em 15 de jan de 2015.

¹⁷³ ZILLY, Berthold. **Uma construção simbólica da nacionalidade num mundo transnacional**: Os Sertões de Euclides da Cunha, cem anos depois. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. LXX-XC.

modo, veremos que a Amazônia de Euclides da Cunha discute a problemática que envolve a relação entre meio ambiente, sujeito e Estado.

4.1 *À MARGEM DA HISTÓRIA* (1909): da realidade amazônica às crônicas da natureza

O *Povoamento do Norte do Brasil* corresponde a uma das etapas de relevância para o desenvolvimento social da região, bem como assegura a presença de nacionais em área de constante interesse externo. Entretanto, o social não atinge patamares satisfatórios por si só, necessita também de um desenvolvimento econômico, este fomentado por intermédio do *Ciclo da Borracha*, um promissor motor econômico para a região, assim como para o Brasil, mas que, devido as insalubres regras de trabalho, aliada ao contrabando de sementes da *Hevea brasiliensis*, levou a atividade extrativa ao declínio.

4.1.1 **A realidade amazônica:** o povoamento do norte do Brasil e o ciclo da borracha

Discutindo a expansão populacional no norte do Brasil, conclui-se que a mesma se deu de modo bastante precário, muitas vezes oriunda da curiosidade e anseio por oportunidades que os populares não encontravam mais nas suas regiões. Esse problema nacional encontra suas bases na própria colonização brasileira que não foi construída de modo uniforme ao longo de todo o território nacional. Privilegiou-se desde sempre a colonização do litoral brasileiro, onde, até os dias de hoje, detém a maior concentração populacional. Assim, o que não era litoral ganhou logo a alcunha de sertão.

Ao atingirmos o processo de povoamento na Amazônia, a disparidade de povoamento fica mais latente, pois apesar de representar quase metade da extensão

territorial nacional, o norte nunca teve de fato um processo de povoamento com o amparo e intervenção estatal - a exemplo do sul e sudeste -, visto que as previsões econômicas sobre a região eram as mais péssimas possíveis. A atenção tardou, o que prejudicou todo o avanço da região. Os governos nacionais só vieram a dedicar pouca atenção ao norte a partir do século XVII, quando analisou que a região poderia ser vista como área estratégica e então promoveram construções de fortes de defesa no território.

Quanto a promoção por uma expansão populacional, de fato, só veio a ser fomentada, e de modo ainda bastante ineficiente e descomprometido com o homem que lá vivia ou que para lá se deslocava, apenas no fim do século XIX e início do século XX (1840-1910); quando ocorreu realmente o salto da produção de borracha natural. Essa substância, o látex, era extraída da seringueira, árvore nativa da região amazônica, que produzia esta matéria-prima de extrema importância para a indústria da época. Em 1830, a população de Manaus, segundo levantamentos, girava em torno de três mil habitantes.

Com o avanço da extração da borracha natural, em 1880, a população manauara já encontrava-se em cinquenta mil habitantes e, em 1913, atingia números superiores a marca de cem mil habitantes. Diante desses dados, é certo afirmar que o povoamento do norte se deu de modo incalculado e, por que não, desorganizado, com participação mínima do Estado e iniciativa unilateral da população que para lá se deslocava, o que gerou um caos associado a problemas sociais até então nunca vivenciados na região.

Ilustrando esse acontecimento referente ao crescimento populacional no norte do país, Amory destaca a migração nordestina, protagonizada principalmente pelos habitantes do estado do Ceará, que representou uma verdadeira corrida para o norte do país.

O último quarto do século XIX na América do Sul esteve voltado cada vez mais para os acontecimentos humanos do Alto Amazonas, onde se interligavam as antigas fronteiras do Brasil, do Peru e da Bolívia. No período de 1877-1879, uma violenta seca no Ceará expulsou do estado cerca de quatorze mil habitantes, que migraram para o futuro território do Acre, na Amazônia, em cujas selvas se estabeleceram às margens dos rios e aprenderam a coletar o látex da seringueira, ou *Hevea brasiliensis*. A essa onda de emigrantes sucedeu, em 1878, uma outra

quatro vezes maior, que também carregou do Ceará cerca de 54 000 pessoas, e, em 1900, uma terceira onda de 47 835 almas chegou igualmente ao Acre, vindo dessa região das secas, que na época acabou “ficando despovoada em proveito da Amazônia”.¹⁷⁴

Desse modo, até antes desse ‘olhar econômico’ para as terras amazônicas, a região era maciçamente habitada por nativos indígenas. Com a migração de novos povos, a população indígena foi sendo reduzida, vistos os frequentes enfrentamentos entre ‘brancos’ e índios. Podemos assim inferir que essa expansão rumo ao norte gerou inúmeros danos a natureza, com a extirpação de parte de sua fauna e flora, mesmo tendo os seringueiros uma consciência um tanto que ecológica, frente a seu tempo e sua pouca instrução.

Já no que se refere ao Ciclo da Borracha, o mesmo teve um período áureo, conhecido como O Grande Ciclo da Borracha que divide-se noutros dois ciclos menores: o de 1879-1912 e o de 1942-1945. A borracha natural e a sua respectiva extração foi a força motriz para real e efetiva povoação do norte do território nacional. As necessidades e carências perante a ausência do Estado eram condicionantes que dificultavam ainda mais a povoação, como se não bastasse somente a natureza, com suas matas fechadas e animais desconhecidos. A mata amazônica era até então concebida como algo temeroso¹⁷⁵.

Correspondendo a um dos tempos áureos da economia nacional, o Ciclo da Borracha teve o seu primeiro grande momento entre os anos de 1879 e 1912. Mediante esse advento, foi possível a realização de grandes feitos, desde a real colonização do território, passando por interação entre culturas que até então não se conheciam, chegando até a fomentar o desenvolvimento das capitais dos estados nortistas, a exemplo de Manaus e Belém. Nesse período, o Brasil agrega mais uma porção de terra a seu imenso território, e assim surge o Acre.

¹⁷⁴ AMORY, Frederic. **A Mais Longa Jornada**. In: AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha: uma Odisséia nos Trópicos*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 227.

¹⁷⁵ AMORY, Frederic. **Euclides da Cunha: uma Odisséia nos Trópicos**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

Frente a necessidade da indústria para a fabricação de pneus para os animais de tração, a borracha natural tornou-se a principal e melhor matéria-prima para a produção do material industrializado. Assim, o Brasil se tornava o maior exportador de borracha natural e a borracha natural correspondia ao principal produto brasileiro para a época. O Brasil detinha o monopólio do látex, todavia carecia da tecnologia que transformasse a matéria-prima em produto manufaturado. De acordo com Amoury,

aproximadamente no último quartel do século (1871), só Manaus exportou nada menos de 4 890 089 quilos de borracha, chegando no final do século à espetacular cifra de 54 360 661 quilos (num período de cinco anos). Com isso, a cidade passou a ostentar, além dos palacetes de fantasia dos barões da borracha, um teatro estadual e uma casa de ópera, construída de mármore italiano, onde várias companhias européias apresentavam seus espetáculos.¹⁷⁶

Entretanto, em 1875, o botânico inglês Henry Wickham, enviado pelo governo de seu país coleta, segundo nos relata Jackson, cerca de setenta mil sementes da frondosa árvore brasileira e as leva para as colônias inglesas asiáticas, destacando dentre elas a Malásia, a Nova Zelândia e a Índia¹⁷⁷. Desse modo, em certo espaço de tempo, a Inglaterra também passa a ser produtora de borracha natural, torna-se autossuficiente e arruína o mercado produtor brasileiro. Na sua obra, Jackson concebe tal evento de ‘coleta’ como sendo “o primeiro caso de biopirataria massiva na era moderna”¹⁷⁸.

Durante a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), ocorreu o segundo grande momento do Ciclo da Borracha, precisamente entre os anos de 1942-1945, isso devido ao investimento norte-americano nesta cultura nacional. O Brasil não sofreu os efeitos da guerra, enquanto as áreas de produção de borracha natural da Inglaterra foram

¹⁷⁶ AMORY, Frederic. **A Mais Longa Jornada**. In: AMORY, Frederic. Euclides da Cunha: uma Odisséia nos Trópicos. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 227.

¹⁷⁷ JACKSON, Joe. **O Ladrão no Fim do Mundo**: como um inglês roubou 70 mil sementes de seringueira e acabou com o monopólio do Brasil sobre a borracha. Tradução de Saulo Adriano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

¹⁷⁸ JACKSON, Joe. **O Ladrão no Fim do Mundo**: como um inglês roubou 70 mil sementes de seringueira e acabou com o monopólio do Brasil sobre a borracha. Tradução de Saulo Adriano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

atacadas e arruinadas. Com isso, o Brasil regressou ao posto de maior produtor mundial de borracha natural. O governo local fomentava a produção e o deslocamento de milhares de trabalhadores nordestinos para a mata amazônica e os seringais. As pessoas saíam de suas casas rumo à escravidão. Lá padeciam, se endividavam e morriam devido a doenças locais.

A queda definitiva da cultura da borracha natural e do Ciclo da Borracha se configura a partir da confecção, pela indústria, da borracha sintética. Dessa feita, de modo gradativo, a borracha natural foi sendo substituída pela nova técnica. E, de vez, o império da borracha foi ao chão. Com isso, não afirmamos que a atividade deixou de existir.

4.1.2 As crônicas da natureza amazônica

Analisando o conjunto da obra euclidiana, observa-se a extensa produção literária referente aos sertões amazônicos. A produção que trata dos sertões nordestinos, em comparação àqueles é de pequena monta. Como ressalta Melo, Euclides da Cunha foi “o primeiro brasileiro a ler, com profundidade, a Amazônia”¹⁷⁹. Entretanto, qual a motivação de tal prevalência de estudos em relação destas e em detrimento daquelas?

Talvez isso seja evidenciado pelo sucesso editorial alcançado pela primeira obra euclidiana, *Os Sertões* (1902) e que, mesmo de forma involuntária, veio a sombrear os demais escritos do autor. Vários episódios garantiram o sucesso repentino da sua obra inaugural: a) em menos de dois meses de lançamento a “primeira edição estava esgotada”¹⁸⁰; b) com o sucesso atingido com o lançamento, em seguida foi providenciada a segunda edição, precisamente dentro de seis meses¹⁸¹. O mercado editorial da época via um acontecimento nunca visto. Estudiosos da obra euclidiana calculam que a soma das três

¹⁷⁹ MELO, Arquilau de Castro. **Euclides e a Amazônia**. In: PIZA, Daniel. *Amazônia de Euclides: viagem de volta a um paraíso perdido*. São Paulo: Leya, 2010, p. 187.

¹⁸⁰ CUNHA, Euclides da. **115 A Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 877-878.

¹⁸¹ CUNHA, Euclides da. **133 A Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 893-894.

edições iniciais da obra atinge números próximos de seis mil exemplares¹⁸², o que reafirma o prestígio e a visibilidade que Euclides da Cunha detinha a partir da sua primeira e já obra-prima.

Com o passar do tempo, a marca euclidiana foi apenas aprimorada, mantendo a influência da ciência da época e acrescida das visões pessoais do próprio autor. O mesmo primor estético revelado em *Os Sertões* (1902) permanece em *À Margem da História* (1909). Os recursos imagéticos, como assevera Barros¹⁸³, correspondem ao meio mais usual imposto por Euclides da Cunha para narrar a vivência naquele novo mundo, que antes conhecia apenas por meio dos mapas e textos. Percebe-se que diante do impacto inicial que tem ao defrontar-se com a natureza real, o escritor reproduz, nos moldes europeus, a perspectiva de colonização em relação a Amazônia. Entretanto, com o passar dos dias, novas concepções acerca daquele novo mundo vão sendo concebidas por Euclides da Cunha, e assim, a sua análise acerca daquela natureza virgem, ainda intocada por um brasileiro vai se modificando. E é nesse sentido que trata Barros através dos seguintes dizeres:

Com Euclides, a ciência alheia, passando pelo crisol dos trópicos, é submetida à transmutação: os antigos chamaram isto “a vertigem do Atlântico” – a marca da violência do transplante. O discurso amazônico de Euclides ganha outra direção, toma um sentido norteador. Muita coisa escapa à nomeação taxonômica, perde os limites de segurança científica. O afã fáustico, a grande apetência de ciência, ali se alia ao vigor do verbo culto, florido, de quem responde à impactação da descoberta, com o atrevimento da adjetivação.

O discurso historiográfico que resulta daí sai singularizado e cria, assim, uma percepção particular do objeto. Cria uma visão nova; não um reconhecimento.

O discurso científico, referencial e transitivo, informa o leitor; o discurso literário (e há o estatuto literário da história) prolonga sua pulsão escópica, toca o imaginário por aquela “feitiçaria” – a *sorcellerie* baudelairiana – de quem maneja sagazmente a linguagem na construção do fato histórico¹⁸⁴.

¹⁸² GALVÃO, Walnice Nogueira. **Apresentação**. In: CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Edição crítica. São Paulo: Brasiliense, 1985, (p. 21).

¹⁸³ BARROS, Lourival Holanda. **Historiografia a tintas nada neutras**. Revista USP, n. 13, 1992, (p 45).

¹⁸⁴ BARROS, Lourival Holanda. **Historiografia a tintas nada neutras**. Revista USP, n. 13, 1992, p 46.

Todo esse pensamento de Barros vem apenas justificar e endossar tudo aquilo que estamos construindo acerca do pensamento euclidiano sobre os sertões amazônicos. A ciência aplicada por Euclides da Cunha nos seus textos sofre sequenciada mutação, pois o ambiente no qual ele está investigando diverge de forma total do ambiente europeu vivido por Comte, Kant, Spencer e tantos outros. Dessa feita, o discurso euclidiano sobre a Amazônia é de um tom inaugural, pois também rompe de modo permanente com os críticos brasileiros de seu tempo. Euclides da Cunha inicia um novo pensamento sobre o Brasil, um pensamento de descoberta sobre o Brasil e os seus confins. Toda essa novidade se deu, claro pela experiência pioneira obtida na expedição de Canudos. Lá Euclides da Cunha pôde perceber a sociedade a partir de um organismo dinâmico, como verdadeiramente se “constitui a natureza – ondulante e diversa do homem”¹⁸⁵

A partir dessa nova vivência, e de atualizar as perspectivas que defendia, Euclides da Cunha inaugura um novo discurso, o de efetivar a nacionalização da Amazônia ao país, isto é notório frente as frequentes denúncias por ele feitas no que tange ao abandono que a localidade está imersa. O povoamento era algo urgente, bem como a representação do Estado por meio de seus órgãos. A efetivação de “tais processos visaram, efetivamente, tornar aquele território, concebido como *abandonado* e *desértico* (ou seja, sem marcas de civilização), familiar à nação, integrado a ela e voltado ao seu desenvolvimento e ao seu progresso, tanto econômico como social”¹⁸⁶. Desse modo, foi necessária a presença institucional, governamental, para a efetivação de uma viagem com o escopo de narrar a Amazônia na sua amplitude, por meio de critérios científicos¹⁸⁷. Com a precariedade que a ele foi oferecida, Euclides da Cunha alertou o Brasil para uma vivência amazônica até então desconhecida. Com a grandeza e relevância dos escritos euclidianos que nos dão até hoje importantes diretrizes acerca da Amazônia, fica a certeza que caso o governo brasileiro tivesse colaborado efetivamente, poderíamos ter uma análise bem mais apurada e total.

¹⁸⁵ BARROS, Lourival Holanda. **Historiografia a tintas nada neutras**. Revista USP, n. 13, 1992, p 47.

¹⁸⁶ GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **O sertão amazônico como deserto**. Revista de Estudos Universitários (Sorocaba), v. 36, 2010, p. 130.

¹⁸⁷ GUIMARÃES, Leandro Belinaso; WORTMANN, Maria Lucia Castagna. **Passando a limpo a Amazônia através da literatura de viagem: ensinando modos de ver**. REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 17, n. 2, Passo Fundo, 2010, p. 306-318.

Tratando desse desamparo estatal, expõe Guimarães que ocorria na Amazônia naquele momento um duplo abandono: do homem e da natureza. A natureza permanecia desprotegida, despovoada, e o brasileiro que se aventurava na extração da borracha natural se tornava um estrangeiro, pois não teria qualquer auxílio estatal. Havia assim uma necessidade de colocar a natureza como parte inerente da nação, para assim integrar também o progresso nas suas mais variadas vertentes, indo desde a plenitude social e econômica¹⁸⁸.

Toda essa idealização euclidiana rumo a integração dos territórios como forma de marcha ao progresso é refletida por Ventura da seguinte forma:

Euclides julgava inexorável a marcha do progresso e da civilização, que traria a absorção do indígena e do sertanejo pelas raças e culturas tidas como superiores. Os sertões quer nordestinos, quer amazônicos, são vistos como desertos, espaços fora da escrita. Ao explorar a caatinga e a floresta e resgatar o sertanejo esquecido, o narrador-viajante procurava inseri-los na história. O escritor defendia a integração dos sertões à escrita e à história, cujos limites e fronteiras estariam em contínua expansão. Povoar, colonizar e escriturar são os instrumentos de tal transplante da civilização para os territórios bárbaros. Fora de escrita e da história, não há salvação: só existe o deserto¹⁸⁹.

No tempo de Euclides da Cunha, os sertões, sejam eles nordestinos ou amazônicos eram compreendidos como “espaços problema”, onde lá se faziam presentes um clima e um povo inaptos à civilização. Entretanto, ao realizar a transcrição dos sertões nordestinos e amazônicos, Euclides da Cunha insere esses espaços e sujeitos na história nacional, visto que, tudo isto permanecia marginalizado¹⁹⁰. Com efeito, Euclides da Cunha realiza um trabalho minucioso de resgate por uma autêntica identidade nacional, pois compreendemos que não há identidade na exclusão. A identidade encontra-se firmada no traço de comunhão, de inclusão de todos os sujeitos que trazem consigo uma marca de

¹⁸⁸ GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **O sertão amazônico como deserto**. Revista de Estudos Universitários (Sorocaba), v. 36, 2010.

¹⁸⁹ VENTURA, Roberto. **Visões do deserto**: selva e sertão em Euclides da Cunha. História, Ciência, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, 1998, p. 146.

¹⁹⁰ AMORY, Frederic. **À Margem da História**. In: AMORY, Frederic. Euclides da Cunha: uma Odisséia nos Trópicos. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 359-90.

igualdade, neste caso, a marca da nacionalidade. Rejeitados pelos governos que se sucediam, nordeste, norte, nordestino e nortista, são todos peças chave, de extrema relevância para a composição fática da identidade deste povo multicultural, que se faz um pela diferença.

Ao percorrer *À Margem da História* (1909) vemos que a mesma é detentora de quatro eixos centrais, sendo eles: *Terra sem história (Amazônia)*, *Vários estudos*, *Da independência à república* e *Estrelas indecifráveis*. Todos os momentos comportam ensaios euclidianos que apresentam fatos e situações pelas quais o Brasil da época estava a passar. Devido ao recorte proposto, centraremos esforços em tecer comentários e colocações na primeira seção da obra, a nomeada por *Terra sem história (Amazônia)*. Nela há a presença de sete crônicas euclidianas que apresentam uma realidade até então desconhecida do Brasil, a realidade do norte do país, precisamente da região amazônica, da sua natureza, das suas civilizações e dos povos ali residentes. Assim, temos descrições desde as primeiras observações proferidas por Euclides da Cunha ao ‘desembarcar’ na região, relatos acerca dos rios, do clima, dos extratores de látex, de algumas marcas de religiosidade, da presença de brasileiros na Amazônia peruana e, por fim, do projeto de criação de uma estrada que viria dar o desenvolvimento necessário para a região, a Transacreana.

Na primeira crônica, intitulada *Impressões Gerais*, Euclides da Cunha, inicialmente, apresenta um desencanto ao encontrar-se com o Amazonas por encontrar um choque primeiro entre a imagem subjetiva e a real do local em questão e assim passa a diminuir a grandeza do rio Amazonas. Como trata o mesmo Euclides da Cunha, referindo-se ao espaço físico que ora observava há “ao revés da admiração e o entusiasmo, o que sobressalteia geralmente, diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajapuru, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento” e finaliza o raciocínio acerca do preambular impacto com a seguinte inferência: “ao defrontarmos o

Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada”¹⁹¹. Diante da diminuição do meio local evidenciada nas primeiras linhas euclidianas, o inverso, o elogio só é direcionado para a cidade de Belém, antes de dar início a sua expedição rumo ao Purus, quando ao compara-la com cidades do sudeste do país. Dessa feita, o destaque feito a cidade nortista não é um ato voluntário, mas sim um comentário comparativo, apesar de efetivamente demonstrar um elogio a região.

Nunca São Paulo e o Rio terão as suas avenidas monumentais, largas de 40 metros e sombreadas de filas sucessivas de árvores enormes. Não se imagina no resto do Brasil o que é a cidade de Belém com os seus edifícios desmensurados, as suas praças incomparáveis e com sua gente de hábitos europeus, cavalheira e generosa. Foi a maior surpresa de toda a viagem¹⁹².

Com essa concepção inicial dominada pelo rebaixamento do ambiente amazônico, visualizamos um pensamento euclidiano bastante marcado pela volta do ideal do colonizador, que quer imprimir no outro as suas marcas, os seus desejos, as suas impressões. O descontentamento primeiro pode ser analisado sob a perspectiva do olhar do outro, aquele mesmo olhar marcado pelos europeus em relação ao Brasil, no início de nossa colonização. O nosso meio, em contraste com outro que acabamos por conhecer, sempre é aparentemente melhor, pois bem o conhecemos. O estranho aos nossos olhos transmite desconfiança e descrédito, tudo isso movido pelo desconhecimento e sempre tende a realizar comparações com o espaço do qual é membro.

Para dar substância a essa nossa análise inicial, basta trazermos para esclarecimento outra descrição euclidiana para a Amazônia agora, de fato, conhecida: “Toda a Amazônia, sob este aspecto, não vale o segmento do litoral que vai de Cabo Frio à ponta do Munduba”¹⁹³. O mais relevante dessas impressões gerais de Euclides da Cunha referente ao ambiente amazônico é que realmente serão apenas as impressões gerais, visto

¹⁹¹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 01.

¹⁹² CUNHA, Euclides da. **243 A Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 963-964.

¹⁹³ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 01.

que, com o passar das narrativas, como veremos textualmente, e como desde o início do presente trabalho anunciamos, o olhar de Euclides da Cunha para o norte do país sobre uma mutação intensa.

O autor destaca a ausência de construções na região – “E como lhe falta a linha vertical, preexcelente na movimentação da paisagem, em poucas horas o observador cede a fadiga de monotonia inaturável e sente que seu olhar, inexplicavelmente, se abrevia nos sem-fins daqueles horizontes vazios e indefinidos como os dos mares” –, bem como o seu cansaço em ver a ‘mesma cena’ por vários momentos. Observa-se que, ao adentrar na realidade amazônica, Euclides da Cunha apenas queria enxergar o que lá não existia, ao seja, a modernização, essa mesma que ocorria em São Paulo e Rio de Janeiro. Todavia, o modo de vida amazônico é bem diferente da realidade trazida pelo autor, o processo de povoamento da região se iniciava com precária consolidação e, de igual modo, o progresso chegava, a passos lentos, mas vinha chegando. Ao passar a compreender o tempo da Amazônia, Euclides da Cunha passa a reconhecer a grandeza no qual encontrava-se imerso e se desprenderá de todos os preconceitos iniciais que consigo trazia. *Paraíso Perdido* viria a remir toda essa ideia primeira e errônea, mas restou para nós *À Margem da História* (1909) que, de modo similar, nos transmite essa nova abordagem de Euclides da Cunha para esse pedaço imenso de chão brasileiro que, se preservado de modo correto, poderá, quem sabe um dia, reder imensos frutos e conquistas para o país. Sempre com o pensamento de modernização e construção de uma identidade nacional plena e eficaz.

Além de iniciar demonstrando a natureza como uma “opulenta desordem”¹⁹⁴, o homem local, de imediato, é visto como um “intruso impertinente”¹⁹⁵. Nesse mesmo momento, atribuí o seu olhar para os rios locais – “parecem tatear uma situação de equilíbrio derivando, divagantes, em meandros instáveis”¹⁹⁶ –, para a flora – “imperfeita grandeza”¹⁹⁷ –, para a fauna – “singular e monstruosa, onde imperam, pela corpulência, os anfíbios, o que é ainda um a impressão paleozoica”¹⁹⁸ – e a inexistência de civilização.

¹⁹⁴ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 02.

¹⁹⁵ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 02.

¹⁹⁶ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 02.

¹⁹⁷ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 02.

¹⁹⁸ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 02.

Ao sempre descrever a realidade que agora se defrontara, Euclides da Cunha marca com frequência a influência da ciência perante as suas reflexões, referenciadas através de nomes como Wallace, Frederico Hartt, Humboldt e Em. Goeldi. A remissão a Hartt fica ecoada quando Euclides da Cunha o retoma e compartilha a seguinte afirmativa: “– Não sou poeta. Falo a prosa da minha ciência. *Revenons!*” Apesar de “renegar” a sua natureza de poeta e engrandecer o seu papel de cientista, Euclides da Cunha deixa presente nos seus escritos a marca da literariedade, fato que expõe o seu estilo e o reconhece como um relevante literato. A utilização da união entre linguagem e ciência, como destaca Hardman, corresponde a um imperativo epocal, um modo de buscar na representação do real os traços visíveis de modernidade¹⁹⁹.

Agora, preliminarmente discutindo os rios da região, Euclides da Cunha registra a erosão natural sofrida pelo rio Amazonas, bem como a intensa relação de construção e desconstrução que o rio tem consigo próprio. Devido essa constante, Euclides da Cunha o concebe como “monstruoso artista”²⁰⁰ e a sua história como “revolta, desordenada, incompleta”²⁰¹. O autor inicia a apresentar a grandiosidade da região no imaginário das civilizações distantes, mas retorna a questionar e problematizar a ausência de progresso. Algumas expedições, como a de Alexandre Rodrigues Ferreira, Tenreiro Aranha e Furtado de Mendonça, são apresentadas como tentativas de rompimento desses sertões, mas “vai-se de um a outro século na inaturável mesmice de renitentes tentativas abortadas”²⁰². Devido a essas tentativas frustradas de efetivação da colonização é que Euclides da Cunha vem sentenciar que “aquela natureza soberana e brutal, em pleno expandir das suas energias, é uma adversária do homem”²⁰³.

Apesar de uma análise que divergem a natureza e o homem, pode-se visualizar uma remodelagem, mesmo que de pequena monta, no pensamento inicial promovido por Euclides da Cunha. Segundo essa afirmativa, a natureza permanecia brutal e adversária do homem, todavia, há um adjetivo bastante interessante atribuído a natureza, qual seja, soberana. A partir dessa qualificação, podemos perceber que o Euclides da Cunha que

¹⁹⁹ HARDMAN, Francisco Foot. **A vigância da Hylea**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

²⁰⁰ CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 09.

²⁰¹ CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 09.

²⁰² CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 10.

²⁰³ CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 11.

chegou às terras amazônicas era aquele mesmo que registrou Canudos, um homem que, apesar de ter seus conflitos com a natureza, reconhece na mesma o poder de escolha de seus habitantes, daqueles que dela tirarão proveito e com ela avançarão. As doutrinas deterministas, principalmente a de cunho climático, persistem no pensamento euclidiano quando ele detalha a presença do forasteiro.

Ainda na crônica *Impressões Gerais*, o ciclo da borracha já vem explicitado, assim como a exploração do homem pelo trabalho exaustivo da coleta do látex, ao definir a atividade como sendo “a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desacomodado egoísmo”²⁰⁴ e o seringueiro que “é o homem que trabalha para escravizar-se”²⁰⁵. Destarte, a exploração, a desumanização e a escravização do homem amazônico é bastante detalhada nas linhas euclidianas. Acompanhado dessas definições, Euclides da Cunha traça todo o processo de saída do nordestino do seu estado natal, no caso citado, do Ceará, até a sua chegada nos seringais, contabilizando todas as despesas geradas por esse traslado, o que ‘motiva’ a sua escravização.

Vede esta conta de venda de um homem:

No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, num *gaiola* qualquer, de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Aditem-se cerca de 800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um *rifle* (carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no *barracão* senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um *brabo*, isto é, ainda não aprendeu o *corte da madeira* e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitário encaixado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 *paneiros* de farinha d’água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um talho de

²⁰⁴ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 13.

²⁰⁵ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 13.

machadinha, ainda é o *brabo* canhestro, de quem chasqueia o *manso* experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000²⁰⁶.

O presente fragmento em destaque contempla a síntese da exploração sofrida pelo cearense que chega nas terras amazônicas para realizar a extração junto a seringueira, e pode ser compreendida como um “abandono” de Euclides da Cunha em relação ao determinismo racial e climático, passando agora a tecer críticas propriamente a partir do determinismo econômico, ancorado pelas propostas do capitalismo e imperialismo, posicionamento diverso do adotado n’*Os Sertões* (1902). O seringal é uma atividade digna para o extrator, indigna para os donos dos seringais que exploram, sem o mínimo de piedade, estes pobres homens que fogem da seca nordestina e que almejam apenas dias melhores, longe da fome e de uma realidade hostil que inibe qualquer perspectiva de ascensão, por mais mínima que seja. Perante as descrições expressas podemos sintetizar a presente narrativa em dois elementos. Inicialmente marcada em desengano pelo fato de Euclides da Cunha, nesse primeiro momento, ter empregado toda o seu julgamento negativo acerca da Amazônia, tecendo críticas vorazes a todos os elementos da natureza local, tudo isso devido a inexistência de um progresso aos moldes europeus e incorporados pelo sudeste do país. É uma revolta que marca a sua análise acerca da atividade de extração do látex, visto as condições precárias nas quais esses homens viviam, sem qualquer condição de trabalho e sem a presença do Estado para normatizar a atividade que nesse tempo correspondia a maior cultura comercial brasileira.

Em *Rios do abandono* temos um momento de fortes referências geográficas, além de descrição do rio no seu todo, de sua “fisiologia monstruosa”²⁰⁷. A natureza permanece sendo apresentada como um ser grandioso e que passa por constante mutação, no qual o rio tem “uma infância irrequieta, uma adolescência revolta, uma virilidade equilibrada e uma velhice ou uma decrepitude melancólica”²⁰⁸, marcando uma personificação do rio. O meio é destacado como autônomo – “construindo-se a si mesmo”²⁰⁹ – que não necessita da intervenção do homem para gerir mudanças substanciais na sua realidade. Há um

²⁰⁶ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 13.

²⁰⁷ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 16.

²⁰⁸ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 16.

²⁰⁹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 16.

destaque para a inteligência da natureza, visto que a mesma se altera a depender de sua necessidade e não da necessidade do homem. Um elemento que surgiu como fato de transição para a concepção euclidiana relativa aos rios, foi o levantamento feito relativo aos mesmos, acerca das distâncias itinerárias, diferenças de nível, declive geral e declive quilométrico, estudo esse em relação aos rios que contemplam o traçado que vai do Curiúja ao Solimões. A análise feita corresponde a um destaque acerca da capacidade hídrica dos rios que ligam a região amazônica. Essa mesma capacidade hídrica é demasiadamente elogiada quando afirma a mesma região como sendo a “fronteira hidrográfica mais extraordinária do globo”²¹⁰. Após esse criterioso *corpus* anunciado por Euclides da Cunha, o referido autor passa a proferir fala distinta das demais já pronunciadas, além de destaca os rios em questão como moduladores do cenário local. Observando a grandiosidade que estava perante as suas mãos, Euclides da Cunha inicia uma fase de tessitura de constante elogio aos rios locais, chegando a defender que os mesmos encontravam-se em “fase avançadíssima de desenvolvimento. É o caso excepcional de uma grande artéria”²¹¹. Entretanto, apesar da grandeza dos rios, é apresentada uma ameaça em comum: a vegetação que se forma no leito dos mesmos, dificultando a navegação perante eles.

o Purus entope-se com as raízes e troncos das árvores que o marginam. Às vezes é um lanço unido, de quilômetros, de “barreira”, que lhe cai de uma vez e de súbito em cima, atirando-lhe, desarraigada, sobre o leito, uma floresta inteira. O fato é vulgaríssimo. Conhecem-no todos os que por ali andam. Não raro o viajante, à noite, desperta sacudido por uma vibração de terremoto, e aturde-se apavorado ouvindo logo após o fragor indescritível de miríades de frondes, de troncos, de galhos, entreatando-se, rangendo, estalando e caindo todos a um tempo, num baque surdo e prolongado, lembrando o assalto fulminante de um cataclismo e um desabamento da terra.²¹²

Os sujeitos amazônicos paulatinamente são introduzidos, a partir das figuras do caucheiro e do seringueiro. Apesar da existência desses habitantes na região, os mesmos

²¹⁰ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 20.

²¹¹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 19.

²¹² CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 24.

nada fazem no que tange a promoção de limpeza dos entulhos que se acostam nos rios. Devido a essa inércia, Euclides da Cunha dispara críticas. O nada fazer gera danos ao rio, como também ao próprio comércio de borracha natural da região.

Porque os homens que ali mourejam — o caucheiro peruano com as suas *tanganas* rijas, nas montarias velozes, o nosso seringueiro, com os varejões que lhe impulsionam as ubás, ou o regatão de todas as pátrias que por ali mercadeja nas ronceiras alvarengas arrastadas à sirga — nunca intervêm para melhorar a sua única e magnífica estrada (...). (...) mas não despendem o mínimo esforço e não despedem um golpe único de facão ou de machado num só daqueles paus, para desafogar a travessia.²¹³

Assim, o desenvolvimento da região é um tanto que lento, pois é guiado pela força da natureza, sem qualquer auxílio prestado por outros entes. A proteção requerida para o rio Purus também é mencionada, devido a sua superioridade aos rios europeus. Destarte, o rio Purus é visto como uma válvula capaz de gerar o avanço tão aguardado para a região.

Precisamos ao menos conservá-lo. Aproveitemos uma lição velha de um século. O Mississipi, que no seu curso inferior retrata o traçado do Purus com a exação de um decalque, era, pelas mesmas causas, ainda mais inçado de empecilhos, tornando-o quase impenetrável e em muitos lugares de todo intransponível. Alguns dos seus tributários não estavam apenas trancados: desapareciam, literalmente, sob os abatisses.

No entanto o grande rio, hoje transfigurado, desenha-se como um dos traços mais vivos da pertinácia norte-americana.

Lá está, porém, no seu vale, em um de seus afluentes, o rio Vermelho, um caso desalentador. É um rio perdido. O *yankee* descobriu-o tarde demais. A desmedida tranqueira, *the great raft*, exatamente formada como as que estão formando-se no Purus, estira o labirinto de seus madeiros e das suas frondes mortas por 630 quilômetros — e lá está, indestrutível, depois de desafiar durante vinte e dois anos os maiores esforços para uma desobstrução impossível.

Estabelecida a proporção entre aquele rio minúsculo e o Purus, entre nós e os norte-americanos, aquilatam-se as dificuldades que nos aguardarão, se progredirem os obstáculos apontados, e cuja remoção

²¹³ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 25.

atual, completando-se com a defesa, embora rudimentar, das margens mais ameaçadas pelas erosões, é ainda de relativa facilidade. Ao mesmo passo se atenuarão consideravelmente as “divagações” precitadas, que constituem verdadeira anomalia num rio aparelhado de um perfil de estabilidade demonstrável até geometricamente, como vimos.

(...)

O Purus é um enjeitado.

Precisamos incorporá-lo ao nosso progresso, do qual ele será, ao cabo, um dos maiores fatores, porque é pelo seu leito desmedido em fora que se traça, nestes dias, uma das mais arrojadas linhas da nossa expansão histórica.²¹⁴

O entendimento euclidiano em relação a Amazônia e seus respectivos tesouros naturais vai sofrendo alterações. Euclides da Cunha vai se separando do modo eurocêntrico de ver o outro, fazendo uma análise científica, pois, efetivamente, investiga o seu objeto de estudo nas suas particularidades. Uma abordagem que quer realmente conhecer o novo, não estabelecendo traços comparativos ou sinais de maior ou menor em contraste a um modelo pré-estabelecido. O conhecer o novo requer minúcia e o anseio de descobrir a sua essência, o seu traço distintivo dos objetos já estudados. Traçar o que o distingue não é comparar, mas sim particularizar, individualizar. Assim, podemos definir a presente crônica através do descobrimento de uma verdadeira amazônica que sempre viveu para si e que constituía-se bastante diferente daqueles enquadramentos modulados e fixados pelos estudiosos que pouco a compreendiam ou que não a conheciam, mas teciam duras críticas, sempre a distância.

O “desfalecimento moral” dos que lá vivem e a necessidade constante do regresso dos aventureiros são os dois levantamentos iniciais e que marcam *Um clima caluniado*²¹⁵.

²¹⁴ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 27.

²¹⁵ “Na definição climática das circunscrições territoriais criadas pelo Tratado de Petrópolis tem se incluído sempre um elemento curiosíssimo, ante o qual o psicólogo mais rombo suplanta a competência do professor Hann, ou qualquer outro mestre em coisas meteorológicas: o desfalecimento moral dos que para lá seguem e levam desde o dia da partida a preocupação absorvente da volta no mais breve prazo possível. Cria-se uma nova sorte de exilados — o exilado que pede o exílio, lutando por vezes para o

Ambas as questões são levantadas devido ao clima escaldante da região e que, somada a teoria positivista ganham corpo e interpretações também deterministas. Em momento de troca de mensagens com Afonso Arinos, ao descrever a dureza do clima da região, Euclides da Cunha une ao homem elementos próprios do meio ambiente local, destacando também os efeitos que ele mesmo vivenciou com a realidade encontrada: “Quem resiste a tal clima tem nos músculos a elástica firmeza das fibras dos buritis e nas artérias o sangue-frio das sucuruibas. Não o suporte”²¹⁶.

Muitas foram as inferências elevadas por Euclides da Cunha ao longo de sua estada na Amazônia. A natureza agora passa a ser vista como algo novo e desafiador – “A terra é, naturalmente, desgraciosa e triste, porque é nova. Está em ser. Falta-lhe à vestimenta de matas os recortes artísticos do trabalho”²¹⁷. Também é apresentada a necessidade de domar a natureza, ao afirmar que os sertanejos nortistas “estão domando o deserto”²¹⁸, mas não numa compreensão de subjugar, vislumbramos como mecanismo de manter uma interação próxima e absorver os ensinamentos da natureza. Aqui podemos deduzir que esta prerrogativa acerca da nova compreensão da realidade amazônica tem implicações mais profundas, pois busca, desde já, discutir a relação homem e meio ambiente a partir de um posicionamento de sustentabilidade, como assevera Madan²¹⁹, denunciando o descaso do homem, bem como os seus atos negativos em referência a natureza e tudo que a ela cerca, especialmente quando particulariza o caucheiro.

O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. (...). E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e

conseguir, repelindo outros concorrentes, ao mesmo passo que vai adensando na fantasia alarmada as mais lutuosas imagens no prefigurar o paraíso tenebroso que o atrai”.

CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 28.

²¹⁶ CUNHA, Euclides da. **244 A Afonso Arinos**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 964-965.

²¹⁷ CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 29.

²¹⁸ CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 30.

²¹⁹ MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's *The Amazon Land Without History*. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 161-177.

heroicas, disciplinadas pelos reveses, garantem-lhes, mais que os organismos robustos, o triunfo na campanha formidável.

(...)

O recém-vindo do Sul chega em pleno desdobrar-se daquela azáfama tumultuária, e, de ordinário, sucumbe. Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paisagem e o quadro daquela sociedade de caboclos titânicos que ali estão construindo um território. Sente-se deslocado no espaço e no tempo; não já fora da pátria, senão arredio da cultura humana, extraviado num recanto da floresta e num desvão obscurecido da história.²²⁰

A grandeza do homem nortista que habita a região é ressaltada. Já o homem sulista é apresentado, mas, devido a doença, foge do local que, para ele, era inóspito. O clima e as doenças oriundas da região são vistas como fatores que dificultam a colonização.

E é [a febre] uma surpresa gratíssima. A vida desperta-se-lhe de golpe, naquela cotovelada da morte que passou por perto. O impaludismo significa-lhe, antes de tudo, a carta de alforria de um atestado médico. É a volta. A volta sem temores, a fuga justificável, a deserção que se legaliza, e o medo sobreido de heroísmo, desafiando o espanto dos que lhe ouvem o romance alarmante das moléstias que devastam a paragem maldita.²²¹

Todavia, Euclides da Cunha clama pela necessidade de presença do Estado Brasileiro junto as comunidades locais para assim efetivar a colonização da Amazônia: o colono torna-se “pupilo do Estado”²²². O padecimento do corpo perante o clima é destacado, pois o mesmo altera a homesotase, a questão cardíaca e epidérmica²²³. Perante

²²⁰ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 29.

²²¹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 30.

²²² CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 31.

²²³ “Dentro dos lineamentos largos das características fundamentais do clima quente para onde ele se desloca, urde-se a trama de uma higiene individual, onde se prevêem todas as necessidades, todos os acidentes e até os perigos da instabilidade orgânica inevitável à fase fisiológica da adaptação a um meio cósmico, cujo influxo deprimente sobre o europeu vai da musculatura, que se desfibra, à própria fortaleza de espírito, que se deprime. Assim as medidas profiláticas, que começam inspirando-se no estudo dos fatores físicos, acabam, não raro, prolongando-se em belíssimo código de moral demonstrada. De permeio com os preceitos vulgares para o reagir contra a temperatura alta, e a umidade

tais adversidades, o homem apresenta-se triste, isolado e com danos espirituais²²⁴. O partir dos estrangeiros (alemães, belgas, franceses, ingleses) das suas colônias também é destacado: devido ao mesmo ‘problema’, clima austero das suas novas terras, já que os agentes oficiais que para lá se dirigiam tinham por período máximo três anos de estadia²²⁵. O fenômeno da seca nordestina é recordado e mencionado como um dos fatores preponderantes para a migração do nordestino para o norte do país. Entretanto, esse migrar gerou resultados inesperados, devido ao regime de trabalho ao qual o nordestino acabou por encontrar. A sorte é eleita como a força motriz da colonização do norte do país, pois sem “o mínimo resguardo, ou assistência oficial”²²⁶ por parte do Estado, a colonização se deu.

Na presente narrativa é impressa uma análise permissiva quanto a “opressão” da natureza ao homem, mas o inverso não é aceito; quando demonstra o agir da natureza como ‘natural’ e condena a exploração pelo homem. A seleção natural é invocada como método de constituição do local: “a cada deslize fisiológico ou moral antepõe-se o corretivo da reação física. E chama-se insalubridade o que é um apuramento, a eliminação generalizada dos incompetentes. Ao cabo verifica-se algumas vezes que não é o clima que é mau; é o homem”²²⁷. Devido a todos esses problemas levantados, o clima é bombardeado de críticas, mas, segundo o autor, o mesmo tem uma função superior, pois “exercitou uma fiscalização incorrutível, libertando aquele território de calamidades e desmandos, que seriam além de toda a proporção, muito maiores do que os que ainda hoje lá se observam”²²⁸. Nesse sentido, podemos compreender a crônica em análise a partir da ambiguidade ainda forte e presente na escrita euclidiana, mas que, com o passar das análises, é possível ver a tendência pró ambiente, desfazendo aquela ideia primeira pró

excessiva que lhe abatem a tensão arterial e a atividade, lhe trancam as válvulas de segurança dos poros e lhe fatigam o coração e os nervos, criando-lhe, ao cabo, a iminência mórbida para os males que se desdobram do impudismo que lhe solapa a vida, às dermatoses que lhe devastam a pele (...).”.
CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 31.

²²⁴ “[Dos] desânimos, à melancolia da existência monótona e primitiva; às amarguras crescentes da saudade; à irritabilidade provinda dos ares intensamente eletrizados e refulgentes; ao isolamento — e, sobretudo, ao quebrantar-se da vontade numa decadência espiritual subitânea e profunda, que se afigura a moléstia única de tais paragens, de onde as demais se derivam como exclusivos sintomas”.
CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 32.

²²⁵ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 32.

²²⁶ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 34.

²²⁷ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 35.

²²⁸ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 40.

civilização e modernização. É a partir desta crônica que, no nosso entender, o pensamento euclidiano sobre a mudança radical. Após *Um clima caluniado*, já que podemos ver a remissão marcada no título, Euclides da Cunha pode inicialmente ser compreendido como um pensador brasileiro que passa a tratar na sua literatura a problemática do meio ambiente.

Como já ventilado na crônica anterior – *Um clima caluniado* –, Euclides da Cunha dedica análises sobre o caucheiro peruano, agora, num texto próprio, *Os caucheros*. Nessa crônica, o autor passa a descrever quais são esses sujeitos amazônicos. É na presente narrativa que Euclides da Cunha, na análise de Hardman, se apresenta por meio de uma construção nacionalista, pois lá está como chefe de expedição que entre os seus objetivos está o reconhecimento da realidade da região para assim promover subsídios que inibissem um conflito na região²²⁹.

Além dos caucheiros, o autor elenca outros povos que são residentes nas proximidades dos rios locais: *pamarys, ipurinans, tucurinas, amahuacas, puetos, coronauas, piro, cashillos, conibos, setebos, sipibos, yurimauas, mashcos, os campos* e tantos outros. A barbárie do caucheiro é elevada como característica primeira, como podemos observar no seguinte fragmento definidor: “O caucheiro é forçadamente um nômade votado ao combate, à destruição e a uma vida errante e tumultuária (...)”²³⁰. As “marcas de bravura”, os aspectos anti-sociais e a destruição do natural, são marcas frequentes na descrição do caucheiro, ao mesmo tempo que é apresentada como contraponto da personalidade do seringueiro brasileiro. Assim, podemos conceber o caucheiro como sendo um explorado que busca explorar. O contato entre o caucheiro e o índio é descrito de forma bastante violenta por parte daquele que era detentor da pólvora.

Quando Carlos Fitz-Carrald chegou em 1892 às cabeceiras do Madre de Diós, vindo do Ucaiali pelo varadouro aberto no istmo que lhe conserva o nome, procurou captar do melhor modo os *mashcos*

²²⁹ HARDMAN, Francisco Foot. **A vigância da Hylea**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

²³⁰ CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 42.

indomáveis que as senhoreavam. Trazia entre os *piros* que conquistara um intérprete inteligente e leal. Conseguiu sem dificuldades ver e conservar o *curaca* selvagem. A conferência foi rápida e curiosíssima. O notável explorador, depois de apresentar ao “infel” os recursos que trazia e o seu pequeno exército, onde se misturavam as fisionomias díspares das tribos que subjugara, tentou demonstrar-lhe as vantagens da aliança que lhe oferecia contrapostas aos inconvenientes de uma luta desastrosa. Por única resposta o *mashco* perguntou-lhe pelas flechas que trazia. E Fitz-Carrald entregou-lhe, sorrindo, uma cápsula de Winchester. O selvagem examinou-a, longo tempo, absorto ante a pequenez do projétil. Procurou, debalde, ferir-se, roçando rijamente a bala contra o peito. Não o conseguindo, tomou uma de suas flechas; cravou-a, de golpe, no outro braço, varando-o. Sorriu, por sua vez, indiferente à dor, contemplando com orgulho o seu próprio sangue que esguichava... e sem dizer palavra deu as costas ao sertanista surpreso, voltando para o seu *tolderío* com a ilusão de uma superioridade que a breve trecho seria inteiramente desfeita. De fato, meia hora depois, cerca de cem *mashcos*, inclusive o chefe recalcitrante e ingênuo, jaziam trucidados sobre a margem, cujo nome, *Playamashcos*, ainda hoje relembra este sanguinolento episódio...²³¹

A cada passagem registrada fica a certeza do descompromisso desses sujeitos amazônicos para com os demais sujeitos e a própria natureza, fonte máxima do seu sustento. Diferentemente da realidade dos seringueiros brasileiros, os caucheiros não são vítimas de vigilância extrema por parte dos seus patrões, pois o meio em que se encontram é visto como uma prisão natural, desnecessário o controle do conquistador.

O “conquistador” não os vigia. Sabe que lhe não fogem. Em roda, num raio de seis léguas, que é todo o seu domínio, a região, inçada de outros infiéis, é intransponível. O deserto é um feitor perpetuamente vigilante. Guarda-lhe a escravatura numerosa.²³²

Um ponto de convergência entre o seringueiro brasileiro e o caucheiro peruano diz respeito a miséria e ao abandono compartilhados por ambos, devido ao abuso das condições de trabalho – “Ali mourejam improficuamente longos anos; enfermam,

²³¹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 44.

²³² CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 47.

devorados das moléstias; e extinguem-se no absoluto abandono”²³³. Outro sujeito retratado é o bandeirante. Esse é constantemente referenciado, através de aspectos como “brutal, inexorável, mas lógico, (...), o super-homem do deserto”²³⁴.

Dominado de todo pela nostalgia incurável da paragem nativa, que ele deixou precisamente para a rever apercebido de recursos que lhe facultem maiores somas de felicidades — atira-se às florestas: enterreira e subjuga os selvagens; resiste ao impaludismo e às fadigas; agita-se, adoidadamente, durante quatro, cinco, seis anos; acumula algumas centenas de milhares de soles e desaparece, de repente...

Surge em Paris. Atravessa em pleno esplendor dos teatros ruidosos e dos salões, seis meses de vida delirante, sem que lhe descubram, destoando da correção impecável das vestes e das maneiras, o mais leve resquício do nomadismo profissional. Arruína-se galhardamente; e volta... Reata a faina antiga: novos quatro ou seis anos de trabalhos forçados; nova fortuna prestes adquirida; novo salto sobre o oceano; e quase sempre novo volver ansioso em busca da fortuna perdida, numa oscilação estupenda das avenidas fulgurantes para as florestas solitárias²³⁵.

O fragmento em destaque apresenta o caucheiro a partir de uma realidade cíclica, na qual o sujeito ingressa na Amazônia para fugir da miséria e que, motivado por sua atividade predatória, consegue angariar alguns recursos. Por não ter um sentimento de pertencimento ao local no qual encontra-se inserido, ao capitar recursos suficientes para realizar seus anseios, parte do lugar rumo a Paris. Lá despeja tudo o que conseguiu possuir, fruto de seu sofrido trabalho e da destruição natural provocada. Como o seu dinheiro não é o suficiente para vê-se livre daquela realidade, logo acaba. E, novamente, está o caucheiro diante de sua triste e predatória atividade, regressa para os campos amazônicos para novamente derrubar árvores, conseguir nova verba e dirigir-se para Paris e, de igual forma, gastar seu capital, retornando depois a extração do caucho.

Posteriormente há uma nova remissão a ausência de Estado naquela localidade “Não há leis. Cada um traz o código penal no rifle que sobraça e exercita a justiça a seu

²³³ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 47.

²³⁴ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 49.

²³⁵ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 50.

alvedrio (...)”²³⁶. Assim, a inexistência de uma representação governamental, além de inviabilizar o cumprimento das leis, torna o Estado anuente as mais cruéis formas de trabalho, bem como fomenta práticas de animalização do homem. Ocorre, no entanto, em *Os caucheros* um resgate primoroso da natureza, Euclides da Cunha, ao retratar o contraste existente entre a mata local e as construções, realiza a seguinte reflexão: “Mal atentamos, porém, no magnífico lance regenerador, da flora, juncando de corolas e festões garridos aquela ruinaria deplorável. Não estava inteiramente desabitada a tapera”²³⁷. Essa constitui mais uma das inferências euclidianas para a relação existente entre a grandiosa natureza e a perene e frágil civilização que lá estava presente graças a sorte e a perseverança de um povo sofrido e desamparado.

Destarte, faz-se presente na crônica uma análise ligeira e intensa que focaliza a diferenciação entre os sujeitos amazônicos. Enquanto que há a denuncia do trato do caucheiro para com a natureza, o seringueiro está apresentado com um comportamento diverso, uma concepção mais garantista, mais protetiva em relação ao meio natural no qual está inserido e que dele depende o seu sustento, a sua atividade laboral. Já o bandeirante resta salientado como homens resistentes que mesmo padecendo e imersos no abandono, conseguem se destacar.

Passando agora para as questões religiosas vislumbradas durante a estadia de Euclides da Cunha no seio da Amazônia, temos o *Judas-Asvero*, “a obra-prima da prosa amazônica de Euclides”²³⁸, mas que, na leitura de Hatoum, é corresponde a “um quadro estranho”²³⁹ frente a unidade temática e crítica das demais narrativas.

Na narrativa podemos observar o diálogo entre o judeu errante – o Judas-Ahsverus –, as festividades do sacrifício do Judas, o Iscariotes, e o Judas da região que corresponde ao homem que lá vive, o seringueiro. A celebração litúrgica é promovida como meio de

²³⁶ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 50.

²³⁷ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 51.

²³⁸ HARDMAN, Francisco Foot. *A vigância da Hylea*: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 45.

²³⁹ HATOUM, Milton. *Expatriados em sua própria pátria*. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. *Cadernos de Literatura Brasileira*. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*, n^{os} 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 318.

garantir um alívio do sofrimento vivido diário pelos homens durante a labuta nos seringais. O cotidiano dos seringais é relacionado ao sofrimento de Cristo, precisamente na Sexta-feira da Paixão, sendo os seus dias daqueles tristes homens marcados pela eternidade, visto que “toda a semana santa correu-lhes na mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúria, de meios-jejuns permanentes, de tristezas e pesares”²⁴⁰. A adversidade advém, mas a rebeldia dá espaço a aceitação, pois “não se rebelam, ou blasfemam”²⁴¹. Também é apresentado o conceito de seringueiro numa perspectiva religiosa, como sendo “um excomungado pela própria distância que o afasta dos homens”²⁴².

O viver no seringal é retratado a partir de momentos de tristeza e de quietude, entretanto, esses sentimentos e realidades são alteradas a partir da chegada do Judas, pois, só assim. Com a existência da celebração, há uma variação da “monotonia tristonha de uma existência invariável e quieta”²⁴³. É narrada a confecção do boneco, que pode ser concebida como uma alegoria que retrata o próprio sertanejo, o próprio seringueiro, e seus dramas.

E principia, às voltas com a figura disforme: salienta-lhe e afeiçoa-lhe o nariz; reprofunda-lhe as órbitas; esbate-lhe a fronte; acentua-lhe os zigomas; e aguça-lhe o queixo, numa massagem cuidadosa e lenta; pinta-lhe as sobrancelhas, e abre-lhe com dois riscos demorados, pacientemente, os olhos, em geral tristes e cheios de um olhar misterioso; desenha-lhe a boca, sombreada de um bigode ralo, de guias decaídas aos cantos. Veste-lhe, depois, umas calças e uma camisa de algodão, ainda servíveis; calça-lhe umas botas velhas, cambadas... Recua meia-dúzia de passos. Contempla-a durante alguns minutos. Estuda-a. Em torno a filharada, silenciosa agora, queda-se expectante, assistindo ao desdobrar da concepção, que a maravilha. Volve ao seu homúnculo: retoca-lhe uma pálpebra; aviva um ricto expressivo na arqueadura do lábio; sombreia-lhe um pouco mais o rosto, cavando-o; ajeita-lhe melhor a cabeça; arqueia-lhe os braços; repuxa e reifica-lhe as vestes...²⁴⁴

²⁴⁰ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 52.

²⁴¹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 53.

²⁴² CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 53.

²⁴³ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 54.

²⁴⁴ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 55.

O boneco é feito com traços que o horroriza e que externam o sofrimento vivenciado pelo sertanejo amazônico, pois, como afirma Euclides da Cunha, a feitura do boneco, pelas mãos dos próprios seringueiros releva que “o sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem”, pois, só assim poderia ele mesmo vingar de si mesmo e “pun(ir)-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia recalcando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram”²⁴⁵.

No que menciona a punição e a figura do Judas Asvero, Ferreira atribui ênfase a perpetuação do castigo²⁴⁶, o que podemos correlacionar com o modo de vida do seringueiro, que em momento algum vislumbrava uma oportunidade de melhoria. Terminada a confecção, diferentemente da tradição comum, na qual o boneco é alçado no alto de postes, o Judas amazônico é lançado ao rio num bote.

Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, intervêm ruidosamente, saudando com repetidas descargas de *rifles* aquele bota-fora. As balas chofram a superfície líqüida, eriçando-a; cravam-se na embarcação, lascando-a; atingem o tripulante espantoso; trespassam-no. Ele vacila um momento no seu pedestal flutuante, fustigado a tiros, indeciso, como a esmar um rumo, durante alguns minutos, até se reaviar no sentido geral da correnteza. E a figura desgraciosa, trágica, arrepiadoramente burlesca, com os seus gestos desmanchados, de demônio e truão, desafiando maldições e risadas, lá se vai na lúgubre viagem sem destino e sem-fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteando em todas as voltas, à mercê das correntezas, “de bubuia” sobre as grandes águas.²⁴⁷

Ao verem o boneco se distanciando das margens, as comunidades vizinhas o saúdam por meio de um tiroteio, ‘matando-o’. Após a queda do boneco, devido a

²⁴⁵ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 55.

²⁴⁶ FERREIRA, Jerusa Pires. *O Judeu Errante: a materialidade da lenda*. Revista Olhar, n. 03, 2000, p. 1-7.

²⁴⁷ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 56.

“malhação”²⁴⁸, os homens saem um a um, em sequência, rio abaixo para cumprir o seu destino diário. A celebração finaliza assim um dos curtos momentos de confraternização e de desligamento das atividades de exploração nas quais encontram-se imersos. Ainda destacamos que ocorre uma particularidade de *Judas Asvero* faz-se presente, pois nela Euclides da Cunha não atribui tanta ressonância as teorias científicas nas quais se baseiam os demais textos. Imprime nessa narrativa “um olhar sobre a história, a geografia, a religião e o meio socioeconômico”²⁴⁹, mas tendo no seringueiro e no seu fardo os pontos centrais de discussão. A vista disso, podemos inferir que a religião, assim como nas comunidades mais povoadas, na Amazônia também tinha a vez de distrair aquela população das máculas e sofrimentos diários.

A religião vem como instrumento agregador e unificador daqueles homens que mesmo vivendo na solidão, o isolamento era quebrado por meio daquela que é uma das cerimônias cristãs mais tradicionais, fato que reafirma o “poder da cristandade”²⁵⁰ e a capacidade de unir em confraternização. Distanciando um pouco da perspectiva de Hatoum, que concebe a crônica como uma leitura “pessimista e mesmo fatalista sobre os seringueiros”²⁵¹, ao incluir a crônica na sintonia das outras narrativas, compreendemos a mesma como sendo uma crítica contundente ao meio de trabalho desses homens, reafirmando a crueldade e a dureza desse sistema de labor, já denunciado em *Impressões Gerais*.

“*Brasileiros*”, como discute Amory, bem que poderia ter sido grafado com o título “*Peruanos*”, por em densidade discutir aspectos ligados ao Peru²⁵². Também corresponde

²⁴⁸ A malhação do Judas ocorre em memória de outro Judas traidor, agora o Iscariotes. Aquele que vendeu Cristo aos judeus por trinta moedas de prata. Assim, corresponde a uma tradição cristã, principalmente católica, que remete a uma frequente punição aquele que se condenou por trair Jesus Cristo.

²⁴⁹ HATOUM, Milton. **Expatriados em sua própria pátria**. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. Cadernos de Literatura Brasileira. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*, n^{os} 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 319.

²⁵⁰ HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança da Hylea**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 48.

²⁵¹ HATOUM, Milton. **Expatriados em sua própria pátria**. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. Cadernos de Literatura Brasileira. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*, n^{os} 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 327.

²⁵² AMORY, Frederic. **À Margem da História**. In: AMORY, Frederic. Euclides da Cunha: uma Odisseia nos Trópicos. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 359-90.

a uma narrativa que exprime a tensão das relações um pouco que turbulentas que foram sendo concebidas entre Brasil e Peru devido a prática da extração da borracha natural, assim como a estadia dos brasileiros nas terras peruanas. Preliminarmente, Euclides da Cunha vem a nos contar duas histórias do Peru, uma “comum dos livros, teatral e ruidosa” e outra “obscura e fecunda”²⁵³. No momento seguinte, passa a tecer inúmeros elogios a natureza vista: “a par da exuberância do vale maravilhoso capaz de regenerar-lhes a nacionalidade exausta, uma anomalia física oriunda dos relevos orográficos ali predominantes: a melhor porção do país entre os que mais se afiguram. Nenhum milagre de engenharia lhos substituirá com vantagem”²⁵⁴.

Destaca o papel do rio Amazonas para o comércio local, pois “a saída para o Atlântico, pelo Amazonas e seus tributários de sudoeste, se tornou a primeira solução claríssima do problema”²⁵⁵ da expansão do comércio. Ao descrever aspectos da gestão administrativa de Gambarra, relata de forma dura, irônica e com desprezo os feitos do comandante peruano e a sua administração – “Aquele zambo cesariano refletia nos atos tumultuários os desequilíbrios de seu temperamento instável, de mestiço, ferrotado dos temores e das impaciências de um prestígio improvisado, à ventura, nos sobressaltos das guerrilhas”²⁵⁶. Anunciando várias personalidades que viveram nessa região, Euclides da Cunha elenca os seus feitos.

No período abrangido pelos governos do austero marechal Castilla, as explorações prosseguiram. Castelnau desceu das cabeceiras do Urubamba às ribas do Amazonas; Maldonado imortalizou-se descobrindo, numa excursão temerária, a nova estrada para o Atlântico ajustada ao sulco desmedido do Madre de Diós; e Raimondi desvendou os tesouros da mesopotâmia de 16.000 léguas quadradas de terras exuberantes, interferidas pelos cursos do Huallaga e do Ucaiali. Por fim Montferrir calculou, rigorosamente, as riquezas da Canaã vastíssima: 50.000.000 de hectares, valendo o mínimo de meio bilhão de pesos.²⁵⁷

²⁵³ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 58.

²⁵⁴ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 59.

²⁵⁵ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 59.

²⁵⁶ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 61.

²⁵⁷ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 63.

Ressalta-se a produção de borracha nas Índias por meio dos ingleses, “com a produção extraordinária de 370 toneladas”²⁵⁸. Devido a elevada concentração de borracha natural entre Brasil e Peru, iniciou-se um conflito que, posteriormente, foi minimizado e controlado. A figura do caucheiro retorna e agora resta ao mesmo elogios: “os atributos da astúcia, da agilidade e da força.”²⁵⁹. A selvageria impera na região como vemos no seguinte relato: “homem que passa pelo deserto com o só efeito de barbarizar a própria barbárie.”²⁶⁰.

O Peru sempre buscou a colonização da Amazônia, “nunca renunciou o seu primitivo propósito de uma colonização intensiva”²⁶¹. Vale ressaltar a organização militar e administrativa peruana que, mesmo problemática, devido às críticas à gestão de Gamarra, se fazia presente na região, o “núcleo estabelecido era, militar e administrativamente, o mais firme ponto estratégico daquele combate com o deserto, justificando-se os esforços e extraordinárias despesas que se fizeram para um rápido desenvolvimento, que as melhores condições naturais favoreciam”²⁶². Todavia, a presença do Estado peruano fraqueja e fracassa na tentativa de promover a colonização do local.

A colônia paralisara-se, tolhiça, entre os esplendores da floresta. Reduziu-se a culturas rudimentares que mal lhe satisfaziam o consumo. E o progresso demográfico, quase insensível, retratava-se numa prole linfática, em que o rijo arcabouço prussiano se engelhava na envergadura esmirrada do quíchua. Ao visitá-la, em 1870, o prefeito de Huánuco, coronel Vizcarra, quedou atônito e comovido: os colonos apresentaram-se-lhe andrajosos e famintos, pedindo-lhe pão e vestes para velarem a nudez. O romântico D. Manoel Pinzás, que descreveu a viagem, pinta-nos em longos períodos soluçantes os lances daquele *cuadro desgarrador!*, suspendendo-o em dois rijos pontos de admiração.²⁶³

²⁵⁸ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 64.

²⁵⁹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 66.

²⁶⁰ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 67.

²⁶¹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 67.

²⁶² CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 67.

²⁶³ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 68.

O Estado Peruano passa a inexistir e quem ganha espaço é a religião, mas que em nada conseguiu alterar os hábitos das comunidades locais.

Lá dentro os primitivos colonos e os seus rebentos degenerados agitavam-se vítimas de um fanatismo irremediável, na mandria dolorosa das penitências, a rezarem, a desfiarem rosários e a entoarem umas ladainhas intermináveis numa concorrência escandalosa com os guaribas da floresta.²⁶⁴

A localidade de Puerto Victoria surge, “tornando-se a estância mais animada e opulenta daquela redondeza, sem que o governo peruano soubesse ao menos do seu aparecimento”²⁶⁵, mas a violência se torna marca da região, devido a presença de povos que estavam rotulados como os “mais bravios entre os selvagens sul-americanos”²⁶⁶. É apresentado o *cashibo*²⁶⁷, este também retratado por sua selvageria. É relatada a saída dos brasileiros das terras peruanas. A crônica resta finalizada com a anunciação da queda de Puerto Victoria. Passados cinco anos da saída dos brasileiros, “o porto era uma ruína”, e a região que afogou-se no mais completo e triste abandono.

Na comentada crônica há uma dedicação de Euclides da Cunha em explicitar as relações entre o Brasil e o Peru frente a Amazônia, precisamente como se deu e estabeleceu o trato entre peruanos e brasileiros. O contato era de tensão, fato até que gerou a saída dos brasileiros das áreas de fronteiras. Vale ressaltar o despreparo do governo peruano, de igual modo ao brasileiro, em relação a política de povoamento da Amazônia. Ambos os Estados eram, no seu todo, inertes, o que levou a majorar a dificuldade de instalação e permanência daqueles que para lá se deslocavam.

²⁶⁴ CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 68.

²⁶⁵ CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 68.

²⁶⁶ CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 68.

²⁶⁷ “Os *cashibos* têm no próprio nome a legenda da sua ferocidade. *Cashi*, morcego; *bo*, semelhante. Figuradamente: sugadores de sangue. Ainda nos seus raros momentos de jovialidade aqueles bárbaros assustam, quando o riso lhes descobre os dentes retintos do sumo negro da palmeira chonta; ou estiram-se de bruços, acaroados com o chão, as bocas junto à terra, ululando longamente as notas demoradas de uma melopéia selvagem”.

CUNHA, Euclides. **À Margem da História**. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 69.

A última narrativa euclidiana para a Amazônia é impressa como *Transacreana*. Nela há a descrição das ruínas e dos progressos vividos nos espaços amazônicos. Os produtos da Amazônia são destacados como “especiarias valiosas”²⁶⁸. Novamente é discutida a relação entre homem e o meio ambiente. “Viu-se então, de par com primitivas condições tão favoráveis, este reverso: o homem, em vez de senhorear a terra, escravizava-se ao rio”²⁶⁹, explicita o poderio da natureza frente a pouca possibilidade do homem local de emergir e de opor-se às regras do meio local.

A civilização amazônica permanecia marcada pelas dificuldades, pois “o povoamento não se expandia: estirava-se”²⁷⁰. O único meio de expandir, de fato, o povoamento na região é apenas se houver a viabilização da modernização. Destarte, a modernização, na concepção euclidiana, só atingiria a região via a construção de uma linha férrea. Além de edificar o povoamento, a linha férrea efetivaria a escoação dos produtos produzidos na região, a partir de uma rota de saída, onde esta seria a construção da *Transacreana*. O traçado para a nova rota é demonstrado, destacado apenas que “a estes números falta, sem dúvida, o rigorismo das quilometragens regulares; mas não variam talvez de um décimo sobre a realidade”²⁷¹. Aqui fica, de modo claro, visível a precisão dos estudos e escritos euclidianos, com bastante remissão a quilometragem, relações entre rios e a singularidade de cada um.

Ao comparar os rios amazônicos do Purus, Juruá, Acre e seus tributários com os rios Ganges e Punjab, da Índia, Euclides da Cunha ressalva a grandeza dos mesmos, tanto de curso e regime, além de explicitar que a solução para os rios nacionais é a edificação de pontes, como foi para aqueles. Ao mesmo tempo, discute as linhas férreas do Brasil e demonstra a importância desse meio para a consolidação do povoamento. A diferenciação das colonizações no Brasil é discutida, onde no sul se deu a partir das linhas férreas e no norte se dava a partir das navegações nos grandes rios existentes.

²⁶⁸ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 72.

²⁶⁹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 73.

²⁷⁰ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 73.

²⁷¹ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 75.

A estrada de Cruzeiro do Sul ao Acre não irá, como as do Sul do nosso país, justapondo-se à diretriz dos grandes vales, porque tem um destino diverso. Estas últimas, sobretudo em S. Paulo, são tipos clássicos de linhas de penetração: levam o povoamento ao âmago da terra. Naquele recanto amazônico esta função, como o vimos, é desempenhada pelos cursos d'água. À linha planeada resta o destino de distribuir o povoamento, que já existe. É uma auxiliar dos rios. Corta-lhes, por isto, transversa, os vales.²⁷²

Resgatando as realidades russa e norte-americana apontar como deve ser construída essa linha férrea que acaba de propor. Para Euclides da Cunha a função da Transacreana “não vai satisfazer um tráfego, que não existe, senão criar o que deve existir.”²⁷³. Apesar de destacar a relevância do projeto para o desenvolvimento da região, Euclides da Cunha expõe que com a construção da ferrovia surgirá problemáticas para com o meio ambiente, contudo, ocorrerá uma redistribuição do povoamento, além de uma demarcação legal das terras indivisas.

Assim sendo, há aqui o ápice da união entre a ideia de preservação do meio ambiente amazônico, como forma de garantir o desenvolvimento econômico da região via a extração do látex das seringueiras, e a efetivação da modernidade a partir da construção da linha férrea. Com a concretização da Transacreana, boa parcela das dificuldades amazônicas até então criticadas e destacadas por Euclides da Cunha seriam minimizadas, pois, de início, haveria a presença do Estado, fato que fomentaria a ampliação da política de povoamento da região, ampliando e fiscalizando também as atividades econômicas locais, principalmente os seringais. Inibindo assim as práticas de exploração do trabalho. Outro ponto que seria estimulado seria a expansão do comércio local, dando ao mesmo profissionalismo e agilidade no competir com outros espaços produtores.

²⁷² CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 77.

²⁷³ CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 79.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, após todo o trajeto por nós traçado, chegamos ao momento de ressaltar as nossas contribuições, de fato, para o estudo que trouxemos para discussão.

De início, ventilamos como a natureza é tratada pela nossa literatura brasileira. A partir dos estilos de época que sucedem a história literária pátria é possível a visualização que o meio ambiente não passa aos olhos de nossos literatos, tampouco grafada nas suas letras, de modo uníssono. A depender do momento histórico, das influências filosóficas e até mesmo das ciências sociais, o olhar sobre a natureza vai se moldando. Assim, traçamos considerações que abrangeram desde o período do quinhentismo, com as cartas do descobrimento e os sermões dos padres jesuítas, que cá chegaram no decorrer do século XVI, atingindo até os pré-modernistas, no início do século XX. Aqui resta marcado o autor d'À *Margem da História* (1909). Como já ressaltado por vários críticos de sua época e posteriores, Euclides da Cunha inova em seu tempo e é devido a isso que transcende aos de seu período, detendo relevante destaque na composição de nossa literatura, além de elevar e dar substância aos debates acerca da nossa identidade nacional.

Posteriormente, ingressamos em argumentar o pensamento euclidiano a partir de pontos que viabilizaram o capítulo posterior, o debate sobre o *corpus* eleito. Com efeito, fracionamos o pensamento de Euclides da Cunha em três momentos. A princípio, como o autor d'*Os Sertões* (1902) denuncia o seu apego com a ciência, bem como o método de

escrita científica, não há como dissociar o referido autor das teorias filosóficas e científicas de seu tempo. Desse modo, positivismo, cientificismo, evolucionismo correspondem a eixos filosóficos básicos para um entender mais aprimorado da compreensão euclidiana para os fatos que ocorriam no Brasil do fim do século XIX e início do século XX. Ultrapassando esse momento de Euclides da Cunha como um homem de seu tempo, partirmos para apresentar elementos de seu discurso que os caracterize como um visionário. Diante disso, é de fácil percepção a marca necessária de modernização que o autor de *Contrastes e Confrontos* (1907) dar e cobra dos atos a serem tomados pelo país e por seus governantes. Vimos que, segundo o próprio Euclides da Cunha, a modernização está intimamente interligada com o papel que a engenharia desempenha em auxiliar esse país modernizado que estava a nascer. A relação dialógica de Euclides da Cunha com a engenharia também foi destacada.

O terceiro momento de discussão do pensamento euclidiano restou-se trabalhado em apresentar a ecocrítica como método auxiliar dos estudos literários, sempre por meio da interdisciplinaridade, nas análises acerca da interação do meio ambiente. Como destacado, desde o capítulo introdutório, ao trazermos as facetas atribuídas a natureza ao longo de nossa literatura, assim como a temática que abrange o *corpus* em estudo, necessitávamos de problematizar uma relação entre Euclides da Cunha e a natureza. Dessa problematização surgiu a indagação acerca da pertinência ou não de enquadrar Euclides da Cunha como o primeiro pensador nacional ecocrítico.

Nesse sentido, amparamos as nossas afirmações na crítica Aarti Smith Madan que problematiza a relação entre homem e meio ambiente, contemplado explicitamente o pensamento ambiental euclidiano n' *À Margem da História* (1909). Há a necessidade de sempre registrar que esse estudo protagonizado por Madan tem um caráter bastante avançado, pois une um dos clássicos de nossa literatura a um método analítico ainda em constante construção, principalmente se tratamos de meio ambiente, de preservação, de sujeitos sociais, todos esses elementos membros da América Latina. Com o passar das explicitações de Madan, bem como ao contrastar o texto literário euclidiano amazônico, além de cartas do próprio Euclides da Cunha que apresentam essa percepção um tanto que ecológicas, podemos afirmar que o referido autor implica no primeiro pensador brasileiro em transmitir nos seus textos a necessidade de uma consciência ambiental por

parte dos sujeitos locais e também pelos governos nacionais que em muitos momentos se mantiveram inertes no tocante ao norte do país.

Atingindo o ponto de discussão do texto literário, devido *Os Sertões* (1902) ser a obra-prima editada por Euclides da Cunha, vimos a necessidade de, mesmo não correspondendo ao nosso *corpus*, devido a relevante parcela de textos críticos que utilizamos na composição do nosso trabalho versar sobre o referido texto, traçar comentários que evidenciassem as marcas de interação entre homem e meio ambiente que já restasse impresso na obra e que permitem uma aproximação com o discutido n'À *Margem da História* (1909). Ultrapassando essa fase, passamos a contemplar, de modo, detalhado À *Margem da História* (1909). Visualizamos a necessidade, mesmo de modo breve, de anunciar duas realidades sociais que restam demasiadamente configuradas nas crônicas euclidianas, primeiramente a problemática acerca do povoamento do norte do país e no segundo momento o evento da efetivação do ciclo da borracha. Passada a contextualização, voltamo-nos a discutir a interação homem e natureza presente nas sete crônicas que estão na seção intitulada *Terra sem história (Amazônia)*.

Em *Impressões Gerais* o que mais sobressalta é o desengano de Euclides da Cunha no que tange as concepções do autor acerca da Amazônia idealizada e a Amazônia real, a que o autor se confronta ao chegar no norte do país junto com o seu destacamento. O desprezo com o que vê a atividade do seringal também resta registrado, principalmente quando vê o seringueiro como o “homem que trabalha para escravizar-se”, e ao defini-la como “a mais criminosa organização do trabalho”. A natureza é analisada como algo negativo, o que caracteriza uma análise que desprivilegia o outro, o desconhecido.

Correspondendo ao elemento natural mais detalhado por Euclides da Cunha, os rios amazônicos restam registrados e tratados em *Rios do abandono*. Remodelando a concepção negativa que tinha acerca da Amazônia, o autor de *Peru versus Bolívia* (1907) passa a descobrir a grandeza da real Amazônia por meio dos seus rios, imensas veias que cortam o território amazônico e que não deixam a desejar se comparado a outro rio de grande densidade. O elogio e compreensão de relevância da natureza como ela é passa a ser incorporada na escrita euclidiana. A natureza encontra-se em “fase avançadíssima de desenvolvimento”, sendo ela mesma o agente que realiza alterações.

Como forma de eleger os melhores, os mais aptos que terão a oportunidade de estarem presentes nesse ambiente ainda em desenvolvimento, surge o clima em *Um clima caluniado*. De criticado nas cartas emitidas por Euclides da Cunha, o clima amazônico é *a posteriori* remido. É a partir dele que a natureza passa a separar o joio do trigo. A ideia de dominação da natureza ainda encontra ressonância nas linhas euclidianas, mas, na construção da crônica como um todo, se perde. Os nordestinos que para o norte se deslocaram são aqueles que resistem. Os sulistas que se aventuram, logo sucumbem e, por estes, a região é interpretada como local de morte. A ambiguidade resta marcada na crônica, todavia, o pensamento euclidiano já encontra-se com forte processo de mudança em relação a como ver efetivamente o meio amazônico, desprendido das amarras do pensamento europeu e de comparação com o sudeste do país.

Dentre os povos amazônicos, os mais problemáticos, no sentido ecológico são aqueles que Euclides da Cunha atribui um crônica em específico, são *Os caucheros*. Peruanos extratores do caucho, os mesmos são anunciados por Euclides da Cunha como “caçadores de árvores”. Em divergência a esses sujeitos estão os seringueiros brasileiros que buscam sempre promover a prorrogação da vida útil das árvores de onde extraem o látex. O bandeirante é apresentado, o “super-homem do deserto”. Em *Os caucheros* há uma nítida discussão acerca do papel efetivo desses sujeitos sociais no preservar ou devastar o meio ambiente em que se encontram inclusos.

Judas-Asvero corresponde a crônica euclidiana que menos trabalha a problemática do meio ambiente. Diante disso, demonstra o papel desenvolvido pela religião como meio amenizador das dores e do isolamento vivido pelo seringueiro. O Judas confeccionado é sertanejo esculpido à sua imagem. A malhação do boneco consiste na única alegria daqueles homens que, ao derrubar o boneco no alto do rio, realizam uma atividade em coletivo.

Diante da expansão das atividades de extração, seja do caucho ou do látex, era inevitável que algum dos grupos não invadissem o território alheio. Para comentar a invasão do território peruano pelos seringueiros brasileiros, Euclides da Cunha problematiza a situação em “*Brasileiros*”. Assim como o Brasil, o Peru não atribuía a sua parcela amazônica o devido valor. Desse modo, a referida crônica tem por escopo também

criticar as posturas dos mencionados países em relação a pouca relevância que dão aos seus territórios.

A proposta euclidiana para efetivação do povoamento do norte do país, bem como a marca da modernização é lançada em *Transacreana*, a partir da construção da linha férrea de mesmo nome. Aqui Euclides da Cunha sintetiza toda a preocupação pulverizada nas demais crônicas e alcança um ponto que irá demarcar o antes e o depois para o avançar econômico da Amazônia. O crescimento do norte sinaliza para um crescimento homogêneo nacional.

A partir da construção do pensamento euclidiano em três momentos, bem como com a análise pormenorizada das sete crônicas d'À *Margem da História* (1909) que evidenciam os problemas e necessidades de avanço que existem no norte do país no início do século XX, fica possível analisar que Euclides da Cunha utiliza o pensamento europeu até então vidente para, ainda em *Os Sertões* (1902), começar a adequa-lo a realidade brasileira e, a partir de diversos espaços sociais brasileiros, a exemplo do nordeste e do norte, iniciar a trabalhar por um projeto que concretize a concepção de identidade nacional.

Como trabalhado, não há como discutir identidade nacional se existe uma fragmentação desse todo que busca-se edificar. O apelo pela identidade nacional é um tema caro a nossa literatura, que bem antecede a Euclides da Cunha, encontrando referências em José de Alencar, no Romantismo, mas também que o ultrapassa e resta debatido pelo Movimento de 1922 e que, de igual modo, os ultrapassa e encontra permanência até os nossos dias. Entretanto, para discutir essa questão, Euclides da Cunha parte para lugares desprivilegiados até então e busca compreender o seu modo de vida. A relevância atribuída aos sujeitos sociais, nordestinos ou nortistas, bem como aos meios ambientes, os sertões nordestinos e os sertões amazônicos, indica a ideia de agregar aqueles que estavam esquecidos num projeto de nação, num projeto de desenvolvimento.

Ao deter-se em pormenorizar a natureza amazônica, Euclides da Cunha não estava apenas preocupado em preencher um relatório a ser entregue, no fim de sua expedição, ao Barão do Rio Branco, mas tinha sim por objetivo mostrar ao Brasil uma parcela de seu território que poderia garantir ao país um futuro moderno, além de, como afirmado a

Coelho Neto, em 1905, “vingar a *Hylea* maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVII”. Devido a ideais como este, podemos afirmar que Euclides da Cunha traz em seu pensamento, em suas linhas, um discurso que contempla a problemática ambiental, desde *Os Sertões* (1902) e que mais se evidencia n’*À Margem da História* (1909), sempre contemplando o meio ambiente como um ente grandioso, no qual o homem era reduzido a uma passividade que impedia a dominação deste em relação daquele²⁷⁴.

Apesar de uma compreensão muitas vezes dual, como intencionamos bem marcar em nossas explanações, Euclides da Cunha indica um tom protetivo em relação a natureza ao clamar a presença efetiva do Estado naquela região do norte. Assim, marcado por antíteses, mas finalizando com um projeto de modernização para o Brasil por meio da construção da linha férrea Transacriana, o que de fato nunca ultrapassou os limites do papel²⁷⁵, Euclides da Cunha apresenta as suas conclusões sobre a Amazônia que agora conhecia a fundo. Com efeito, a estruturação de um pensamento amparado na ciência como meio propício para efetivar a construção daquele espaço físico que, como assevera Reale, encontrava-se “como um mundo revolvo ainda em formação e ‘sem história’”²⁷⁶, bem como a releitura de tais preceitos filosóficos adequando-os a realidade nacional foi possível a estruturação de um pensamento euclidiano que estivesse mais próximo dos problemas regionais do país e que fosse capaz de propor soluções mais práticas, emergenciais e frutíferas para o avanço.

Destacamos então o ímpeto euclidiano por um país mais inclusivo e mais voltado para o seu meio ambiente, uma natureza opulenta que na sua concepção viria a auxiliar o crescimento. Assim, dando vozes aqueles que se encontravam à margem da proposta de nação, Euclides da Cunha efetiva o seu projeto de nação, um projeto sim republicano que ele esperava que partisse dos homens públicos que geriam o país. A partir de um estudo que envolveu Euclides da Cunha, a modernidade, a identidade nacional, todos esses

²⁷⁴ RIBEIRO, Fabrício Leonardo. **Cartas da selva**: algumas impressões de Euclides da Cunha acerca da Amazônia. História: questões e debates. n. 44, 2006, p. 147-162.

²⁷⁵ AMORY, Frederic. **À Margem da História**. In: AMORY, Frederic. Euclides da Cunha: uma Odisséia nos Trópicos. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 359-90.

²⁷⁶ REALE, Miguel. **Euclides da Cunha, o Brasil e a filosofia**. In: CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. VIII.

elementos interligados ao meio ambiente e o homem amazônico, foi possível materializar o pensamento acerca de *Uma Visão Euclidiana da Amazônia: À Margem da História*.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. **Natureza, cultura, sertões**: o encontro de Euclides da Cunha e Araripe Júnior. In XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu (MG). 1998.

ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998.

ALVES, Henrique L. (Org.). **Euclides da Cunha na Amazônia – 80 anos**. São Paulo / Manaus / São José do Rio Pardo: Centro Cultural Francisco Matarazzo Sobrinho / Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas / Casa de Cultura Euclides da Cunha, 1985; 3 ed., 1995.

ALVES, Isabel Maria Fernandes. **Gardens in the Dunes**: Indigenismo, natureza e poder em perspectiva ecocrítica. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 100, 2013, p. 213-234.

AMORY, Frederic. **Euclides da Cunha: uma Odisséia nos Trópicos**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

_____. **A Mais Longa Jornada**. In: AMORY, Frederic. **Euclides da Cunha: uma Odisséia nos Trópicos**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 227-250.

_____. **À Margem da História**. In: AMORY, Frederic. **Euclides da Cunha: uma Odisséia nos Trópicos**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 359-375.

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976, p. 295

ANTÔNIO FILHO, Fadel David. **Riqueza e miséria do ciclo da borracha na Amazônia brasileira**: um olhar geográfico por intermédio de Euclides da Cunha. In: GODOY, Paulo. R. T. de (Org.). *História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 187-207.

ARINOS FILHO, Afonso. **Euclides da Cunha e o Itamarati**. In: SCANTIMBURGO, João de (Dir.). *Revista Brasileira*. VII Fase. nº 61. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p. 21-42.

BARROS, Lourival Holanda. **Historiografia a tintas nada neutras**. *Revista USP*, n. 13, 1992, p. 44-47.

BORA, Zélia Monteiro (Org.). **Viajantes, naufragos, piratas, exilados e escravos**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2012.

BORGES, Euclides Penedo. **Euclides da Cunha e a Nação Brasileira**: por ocasião dos 100 anos da morte do escritor. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURG, Dominique. **Natureza e Técnica**: ensaio sobre a idéia de progresso. Tradução de Maria Carvalho. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

BRAGA, Maria Lúcia de Santanna. **O intelectual e o mundo político no Brasil**: aproximações e distanciamentos. Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar - DIAP. 2002. Disponível em: <http://www.diap.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5973:o-intelectual-e-o-mundo-politico-no-brasil-aproximacoes-e-distanciamentos&catid=46&Itemid=207>. Acesso em: 02 de jan. de 2015.

BRAIT, Beth (Org.). **O Sertão e Os Sertões**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

BUELL, Lawrence. **The Future of Environmental Criticism. Environmental Crisis and Literary Imagination.** Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

CÂMARA, Antônio Alves da. **Ensaio sobre as construções navais indígenas do Brasil.** 2ª ed., Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1937. Disponível eletronicamente no link: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/ensaio-sobre-as-construcoes-navais-indigenas-do-brasil/pagina/5/texto>>. Acesso em 08 de agosto de 2014, às 10:20.

CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira.** 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010a.

_____. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária.** 11 ed. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul, 2010b.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação.** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

CARVALHO JÚNIOR, Álvaro Pinto Dantas de. **Os sertões e os grupos oligárquicos baianos.** In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. *Cadernos de Literatura Brasileira.* Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*, n^{os} 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 266-287.

CARVALHO, Flávia Paula. **A Natureza na Literatura Brasileira: regionalismo pré-modernista.** São Paulo: Hucitec: Terceira Margem, 2005.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, p. 87.

CRULS, Gastão. **Hiléia Amazônica: aspectos da flora, fauna, arqueologia e etnografia indígenas.** 4 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio. Brasília: INL, 1976.

CUNHA, Euclides da. **43 Ao Dr. Bueno Brandão.** In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa.* Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 816.

_____. **45 A João Luís Alves.** In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 818-819.

_____. **60 A João Luís Alves.** In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 837.

_____. **111 A José Veríssimo.** In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 874-875.

_____. **115 A Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha.** In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 877-878.

_____. **117 A Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha.** In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 879.

_____. **133 A Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha.** In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 893-894.

_____. **181 A Max Fleiuss.** In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 922-923.

_____. **186 Coelho Neto.** In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 925-926.

_____. **187 A Vicente de Carvalho.** In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 927-928.

_____. **243 A Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha.** In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 963-964.

_____. **244 A Afonso Arinos.** In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 964-965.

- _____. **À Margem da História**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.
- _____. **À Margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **À Margem da História**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- _____. **À Margem da História**. São Paulo: Lello Brasileira S.A., 1967.
- _____. **À Margem da História**. 6ª ed. Porto: Livraria Lello & Irmão, 1946.
- _____. **À Margem da História**. 5ª ed. Porto: Livraria Lello & Irmão, 1941.
- _____. **À Margem da História**. 4ª ed. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1926.
- _____. **À Margem da História**. 3ª ed. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1922.
- _____. **À Margem da História**. 2ª ed. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1913.
- _____. **À Margem da História**. 1ª ed. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1909.
- _____. **Caderneta de campo**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 607.
- _____. **Contrastes e Confrontos**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.
- _____. **Da Penumbra - 19 de março de 1892**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 746-747.
- _____. **Obra Completa**. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

_____. **Obra Completa**. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

_____. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2003.

_____. **Olhemos para os sertões**. Jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo, 18 e 19/março/1902. In: CUNHA, Euclides. Obra completa. Vol. 01. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Cia. José Aguiar Editor, 1966, p. 504.

_____. **Página Vazia**. In: CUNHA, Euclides da. Obra Completa. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 488.

CUVILLIER, Armand. **Introdução a Sociologia**. Paris: Armand Colin, 1939.

DECCA, Edgar Salvadori de. **Euclides e Os Sertões**: entre a literatura e a história. In: FERNANDES, Rinaldo de. O Calrim e a Oração: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 157-188.

EMERSON, Ralph Waldo. **Natureza**. 1 ed. Tradução de Davi Araujo. São Paulo: Editora Dracaena, 2011.

FERNANDES, Rinaldo de. **O Calrim e a Oração**: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

FERREIRA, Ana Luiza de Oliveira Duarte. **Ibéricos, nativos e o tropical em O Uruguai**: literatura arcádica e identidade na América de colonização ibérica. In: Anais do XXIII Simpósio Nacional de História, ANPUH – História: Guerra e Paz. Londrina, 2005, p. 633-640.

FERREIRA, Jerusa Pires. **O Judeu Errante**: a materialidade da lenda. Revista Olhar, n. 03, 2000, p. 1-7.

FOSTER, John Bellamy. **A Ecologia de Marx**: materialismo e natureza. Tradução de Maria Teresa Machado. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FRANCESCHI, Antônio Fernando de. **Cadernos de Literatura Brasileira**. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*, n^{os} 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002.

GALVÃO, Walnice Nogueira e GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo, Edusp, 1997.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Apresentação**. In: CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Edição crítica. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Euclides da Cunha: história**. São Paulo: Ática, 1984.

GAMA, Luciana. **A retórica do sublime no Caramuru**: Poema Épico do Descobrimento da Bahia. *Revista USP*, n. 57, 2003, p. 122-137.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GLOTFELTY, Cheryll & FROMM, Harold. **The Ecocriticism Reader**: landmarks in literary ecology. Athens/London: The University of Georgia Press, 1996.

GODOY, Paulo. R. T. de (Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

GOMES, Gínia Maria (Org.). **Euclides da Cunha: literatura e história**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **O sertão amazônico como deserto**. *Revista de Estudos Universitários (Sorocaba)*, v. 36, 2010, p. 129-141.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; WORTMANN, Maria Lucia Castagna. **Passando a limpo a Amazônia através da literatura de viagem**: ensinando modos de ver. REP - Revista Espaço Pedagógico, v. 17, n. 2, Passo Fundo, 2010, p. 306-318.

HARDMAN, Francisco Foot. **A vigância da Hylea**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. **Uma prosa perdida**: Euclides e a literatura da selva infinita. In: SCANTIMBURGO, João de (Dir.). Revista Brasileira. VII Fase. nº 59. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p. 243-260.

_____. **Brutalidade antiga: sobre história e ruínas em Euclides**. Estudos Avançados, vol. 10, n. 26, 1996, p. 293-310.

HATOUM, Milton. **Expatriados em sua própria pátria**. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. Cadernos de Literatura Brasileira. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*, nºs 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 318-339.

HERMANN, Jacqueline. **Canudos destruído em nome da República**: uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. Revista *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996, p. 81-105.

HERMES, Mario Jorge da Fonseca. **Os militares e a política na República**: o episódio de Canudos. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. Cadernos de Literatura Brasileira. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*, nºs 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 233-265.

JACKSON, Joe. **O Ladrão no Fim do Mundo**: como um inglês roubou 70 mil sementes de seringueira e acabou com o monopólio do Brasil sobre a borracha. Tradução de Saulo Adriano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

JESUS, A. Ignácio de. **Vida e Obra de Euclides da Cunha**. 2 ed. São Paulo: All Print Editora, 2009.

LIMA, Luiz Costa. **Euclides**: ruínas e identidade nacional. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O Calrim e a Oração: cem anos de Os Sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 349-365.

_____. **Terra Ignota**: a construção de Os Sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

_____. **O controle do imaginário**: razão e imaginação no Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LUCAS, Maria Angélica Olivo. Francisco. **Evolucionismo spenceriano**: concepção de progresso, estado e educação. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, Rio de Janeiro/RJ. I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000.

MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping**: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's *The Amazon Land Without History*. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 161-177.

MAIA, João Marcelo Ehlert. **A terra como invenção**: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MARX, Leo. **A Vida no Campo e a Era Industrial**. Tradução de Pinheiro de Lemos. São Paulo: Melhoramentos: Editora Universidade de São Paulo, 1976.

MELO, Arquilau de Castro. **Euclides e a Amazônia**. In: PIZA, Daniel. *Amazônia de Euclides: viagem de volta a um paraíso perdido*. São Paulo: Leya, 2010.

MEYER, Augusto. **Prêto & Branco**. 2 ed. Rio de Janeiro: Grifo Edições. Brasília: INL, 1971.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **O Sertão**: um “outro” geográfico. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. *Cadernos de Literatura Brasileira. Edição especial, comemorativa do centenário de Os sertões*, n^{os} 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 360-369.

NASCIMENTO, José Leonardo do. **Euclides da Cunha e a Estética do Cientificismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Ricardo de. **Euclides da Cunha e a invenção de um Brasil profundo**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002, p. 511-537.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica**. São Paulo: Pioneira, 2002.

PÁDUA, Elizabeth Pericin Faleiro de; FLECK, Gilmei Francisco. **A exclusão da voz feminina e a reclusão da mulher ao espaço doméstico evidenciadas na obra naturalista En la sangre (1887), de Eugenio Cambaceres**. VI Seminário Nacional de Literatura, História e Memória: narrativas da memória – o discurso feminino. Toledo/PR: Unioeste, 2006.

PEIXOTO, Afrânio. **Euclides da Cunha: o homem e a obra**. In: Poeira da estrada: ensaios de crítica e de história. Rio – São Paulo – Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.

Pílulas dos cadernos literários. **Entrevista com Milton Hatoum**, de 15 de ago de 2009. Caderno Prosa e Verso. O Globo. 2009. Disponível em: http://canastradecontos.blogspot.com.br/2009/08/pilulas-dos-cadernos-literarios-5_18.html. Acesso em 07 de julho de 2014, às 15:55.

PIZA, Daniel. **Amazônia de Euclides: viagem de volta a um paraíso perdido**. Daniel Piza; fotos de Tiago Queiroz; com textos de Euclides da Cunha, Milton Hatoum e Arquilau de Castro Melo. São Paulo: Leya, 2010.

PONTES, Kassius Diniz da Silva. **Euclides da Cunha, o Itamaraty e a Amazônia**. Brasília: Fundag, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **D. Sebastião no Brasil: o imaginário em movimentos messiânicos nacionais**. São Paulo: Revista da USP: Dossiê Canudos, nº 20, 1994, p. 28-41.

QUEIROZ, Renato da Silva. **Mobilizações sociorregionais no Brasil: os surtos messiânico-milenaristas**. Revista USP, v. 67, 2005, p. 132-149.

REALE, Miguel. **Euclides da Cunha, o Brasil e a filosofia**. In: CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. VII-XII.

RIBEIRO, Fabrício Leonardo. **Cartas da selva**: algumas impressões de Euclides da Cunha acerca da Amazônia. *História: questões e debates*. n. 44, 2006, p. 147-162.

ROMERO, Sílvio. **Compêndio de História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

SANTANA, José Carlos Barreto de. **Ciência e arte**: aspectos da construção do discurso científico em Os Sertões. In: BERNUCCI, Leopoldo M. *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 141-156.

SCANTIMBURGO, João de (Dir.). **Revista Brasileira**. VII Fase. nº 59. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

_____. **Revista Brasileira**. VII Fase. nº 61. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

SCLIAR, Moacyr. **Jornalismo e Literatura: a imprecisa, e às vezes fértil, fronteira**. In: FERNANDES, Rinaldo de. *O Calrim e a Oração: cem anos de Os Sertões*. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 81-84.

SCNAPP, Jeffrey. **Between Fascism and Democracy**: Gaetano Ciocca – Builder, Inventor, Farmer, Engineer. *Modernism/Modernity*, v. II, n. 3. Baltimore: John Hopkins University Press, 1995, p. 117-157.

SILVA, Elizete da. **Entre a fé e a política**: os movimentos messiânicos trazem em si uma visão de utopia social que se aproxima do pensamento revolucionário. In: *REVISTA NOSSA HISTÓRIA. Fé e Luta*. Ano 03. nº 30. São Paulo: Editora Vera Cruz, 2006, p. 14-17.

SLOVIC, Scott. **Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism**. United States of America: Lexington Books, 2014.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Identidade Nacional e Modernidade Brasileira**: o diálogo entre Sílvia Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SUASSUNA, Ariano. **Euclides da Cunha, Canudos e o Exército**. In: FERNANDES, Rinaldo de. O Calrim e a Oração: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 21-23.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o paraíso perdido**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966; 4 ed., Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992.

VENTURA, Roberto. **Do mar se fez o sertão**: Euclides da Cunha e Canudos. (2015). Disponível em: < <http://www.albertolinscaldas.unir.br/mar.html>>. Acesso em 15 de jan de 2015.

_____. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

_____. **Euclides da Cunha no Vale da Morte**. In: FERNANDES, Rinaldo de. O Calrim e a Oração: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 439-459.

_____. **Folha explica Os Sertões**. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. **Visões do deserto**: selva e sertão em Euclides da Cunha. História, Ciência, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, 1998, p. 133-147.

_____. **Euclides da Cunha e a República**. Estudos Avançados. São Paulo, v. 10, n. 26, 1996, p. 275-291.

VIRGÍLIO, Arthur. **Euclides da Cunha e a Amazônia**. In: SCANTIMBURGO, João de (Dir.). Revista Brasileira. VII Fase. nº 59. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009, p. 87-97.

WARREN, Karen J. **Ecofeminist Philosophy: a western perspective on what it is and why it matters**. Lanham (EUA): Ed. Rowman & Littlefield Publishers, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na história e na literatura**. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ZILLY, Berthold. **Uma construção simbólica da nacionalidade num mundo transnacional: Os Sertões de Euclides da Cunha, cem anos depois**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. LXX-XC.

_____. **Sertão e nacionalidade: formação ética e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha**. Estudos Sociedade e Agricultura, n. 12., 1999, p. 5-45.